



ENVOLVIMENTO DE ALUNOS COM MULTIDEFICIÊNCIA NA HORA DO CONTO

Marina Alexandra Santos Henriques

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre em Educação Especial

2018



ENVOLVIMENTO DE ALUNOS COM MULTIDEFICIÊNCIA NA HORA DO CONTO

Marina Alexandra Santos Henriques

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre em Educação Especial

Orientadora: Professora Doutora Clárisse Nunes

2018

RESUMO

O conto de histórias é uma prática comum em todas as culturas e desempenha uma função educativa importante, apresentando-se como um meio para o desenvolvimento da linguagem, a estimulação da criatividade narrativa e poética e a promoção da literacia. Enquanto processo universal ouvir histórias é uma experiência única que faz parte do dia de muitas crianças. Este tipo de atividade deve ser também acessível a crianças com limitações no seu desenvolvimento, como é o caso das que apresentam multideficiência (MD). Todavia, as limitações ao nível da capacidade de interação com o ambiente físico e social e de compreensão da linguagem oral apresentadas por estas crianças poderão dificultar o seu envolvimento e a participação neste tipo de atividade, podendo esse momento tornar-se pouco agradável e desinteressante. As histórias multissensoriais (HMS) surgem com o propósito de ajudar estas crianças a viverem momentos mais prazerosos com o conto de histórias.

Com o presente estudo pretende-se, por um lado, identificar as características das histórias contadas a alunos com MD e conhecer o modo como os professores dinamizam o momento da hora do conto para estes alunos, particularmente as estratégias usadas, e por outro lado, caracterizar o modo como os alunos com MD se envolvem na hora do conto quando lhes são contadas histórias comuns e HMS e os fatores que influenciam a sua capacidade de envolvimento nesta atividade.

Em termos metodológicos optámos pela realização de um estudo de natureza qualitativa, na modalidade de estudo de caso múltiplo. Participaram no estudo dois casos: o caso A que se refere ao contexto de educação pré-escolar e o caso B ao contexto de ensino básico dos 2º e 3º ciclos. O caso A envolveu uma criança com paralisia cerebral que frequentava uma sala de educação pré-escolar, inserida num meio urbano. O caso B envolveu três alunos que frequentavam uma unidade de apoio à educação de alunos com multideficiência (UAAM) inserida num meio rural. As técnicas usadas para recolha de dados foram: (i) pesquisa documental dos processos das crianças e jovens participantes; (ii) conversas informais com os diretores dos dois estabelecimentos de educação e ensino e docentes envolvidos no estudo; (iii) observação naturalista das sessões da hora do conto com recurso ao registo de vídeo e a notas de campo; e (iv) entrevista semiestruturada aos professores participantes: docente bibliotecária, docente de educação especial e educadora de infância. Os dados das entrevistas, das notas de campo e das observações foram recorrendo à análise de conteúdo. De assinalar que os dados de observação foram ainda

analisados com o instrumento “*Engagement Profile and Scale*” (EPS) (Perfil e Escala de Envolvimento)

Os resultados do estudo evidenciam que a prática de conto de histórias é distinta nos dois casos, sendo mais comum no contexto do jardim de infância (caso A) do que no do estabelecimento do 2º e 3º ciclos (caso B). Revela ainda que embora os comportamentos dos alunos tenham sido positivos, tanto nas sessões de conto de histórias típicas como nas HMS, o nível de envolvimento foi maior nas sessões do conto de HMS do que nas histórias comuns.

ABSTRACT

Storytelling is a common practice in all cultures and plays an important educational role, presenting itself as a means for language development, stimulation of narrative and poetic creativity and promotion of literacy. As a universal process, listening to stories is a unique experience that is part of many children's day. This type of activity should also be accessible to children with limitations in their development, such as those with MD. However, the limitations in the capacity of interaction with the physical and social environment and of the oral language comprehension presented by these children may hinder their involvement and participation in this type of activity, which may be unpleasant and uninteresting. The multisensory stories arise in order to help these children to live more pleasant moments with the storytelling.

With this study we aim to, on the one hand, identify the characteristics of the stories told to students with MD and also to know how teachers use the time of storytelling for these students, particularly the strategies used, and on the other hand, characterize the way students with MD engage in storytelling when they are told common stories and multisensory stories and the factors that influence their ability to engage in this activity.

In terms of methodology we opted for carrying out a qualitative study, in the multiple case study mode. Two distinct cases participated in the study, one in the context of pre-school education (case A) and the other one in the context of the 2nd and 3rd stages of elementary education (case B). Case A involves a child with cerebral palsy who attends a pre-school education room, inserted in an urban environment. Case B involves three students who attend a Student Support Unit with Multi Deficiency inserted in a rural environment. The techniques used for data collection were: i) documental research of the processes of the children and young participants; (ii) informal conversations with the directors of the two educational and teaching establishments and teachers involved in the study; (iii) naturalistic observation of storytelling sessions using video recording and field notes; and (iv) semi-structured interview to the participating teachers: librarian, special education teacher and kindergarten teacher, and analyzed using content analysis. The observation data were also analyzed with the instrument "Engagement Profile and Scale" (EPS).

The results of the study show that storytelling practice was more common in the context of pre-school education (case A) than in context of the 2nd and 3rd stages of elementary education (case B) and that although the behaviors of the students have been positive both in the sessions, from storytelling to typical stories such as HMS, the

level of involvement was greater in the HMS storytelling sessions than in the commons histories.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, o meu verdadeiro agradecimento à professora Doutora Clarisse Nunes pela competência científica, pelo acompanhamento, pela disponibilidade, pelas sugestões sempre construtivas demonstradas ao longo da elaboração da dissertação de mestrado, pela paciência e dedicação com que me orientou este trabalho.

Aos meus pais pelo apoio e incentivo para apostar nesta formação. Ao meu marido pelo apoio total que sempre me deu e por partilhar comigo as angústias e alegrias desta vida e principalmente porque nunca me deixou desistir.

Às minhas amigas de sempre pelo apoio ao longo desta caminhada, pelo incentivo e pela paciência e também por acreditarem que eu seria capaz.

Aos meus amigos, que conheci nesta aventura, pela amizade, companheirismos, partilha de conhecimentos, desabafos e emoções.

A todos aqueles que não mencionei mas que colaboraram e que fizeram com que fosse possível a realização desta dissertação de mestrado, que se tornou valiosa para o meu desenvolvimento pessoal, profissional e intelectual.

Índice

RESUMO	
ABSTRACT	
AGRADECIMENTOS	
ÍNDICE DE FIGURAS	
ÍNDICE DE TABELAS	
LISTA DE ABREVIATURAS	
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	4
1. Explicitação de conceitos: multideficiência, envolvimento e histórias multissensoriais	4
1.1. Crianças com multideficiência	4
1.2. Envolvimento.....	6
1.3. Histórias Multissensoriais	9
2. Literatura para a Infância e natureza das Histórias Multissensoriais	10
2.1. Importância do conto de histórias	11
2.2. Histórias para todos: As histórias multissensoriais	12
2.2.1.Principais características das histórias multissensoriais.....	12
2.2.2. Potencialidades das histórias multissensoriais: resultados de investigação	15
2.2.2.1. Resultados de investigações nacionais	15
2.2.2.2. Resultados de investigações internacionais	17
CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	23
1. Questões de investigação e objetivos do estudo	23
2. Natureza e desenho do estudo	24
2.1. Primeira fase - Preparação do estudo	26
2.2. Segunda fase – Construção e conto de histórias.....	27
2.3. Terceira fase – Análise dos dados recolhidos	31

3. Participantes no estudo	31
4. Métodos e técnicas de recolha de dados.....	33
4.1. Pesquisa documental	34
4.2. Entrevista semiestruturada.....	35
4.3. Observação.....	36
5. Métodos e técnicas de análise de dados	38
5.1. Dados da pesquisa documental	39
5.2. Dados das entrevistas semiestruturadas.....	39
5.3. Dados de observação	40
6 Procedimentos éticos	42
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	44
1. Apresentação dos resultados referentes ao Caso A.....	44
1.1. Características das práticas de conto de histórias no contexto educativo... 44	
1.2. Estratégias usadas pelos profissionais para contar as histórias	46
1.2.1. Histórias comuns.....	46
1.2.2. Histórias multissensoriais	48
1.3. Comportamentos de envolvimento da criança R. no conto de histórias.. 49	
1.3.1. Comportamentos face às histórias comuns	49
1.3.2. Comportamentos face às histórias multissensoriais.....	51
1.3.3. Comparação dos comportamentos de R. face às histórias	53
1.4. Fatores que influenciam o nível de envolvimento da criança R. no conto de histórias	54
1.4.1. Histórias comuns	54
1.4.2. Histórias multissensoriais	55
2. Apresentação dos resultados referentes ao Caso B.....	56
2.1. Características das práticas de conto de histórias no contexto escolar	56
2.2. Estratégias usadas pelos profissionais no conto de histórias	58
2.2.1. Nas histórias comuns	58

2.2.2. Nas histórias multissensoriais.....	60
2.3. Caraterização do envolvimento dos alunos no conto de histórias.....	62
2.3.1. Nas histórias comuns	62
2.3.2. Nas histórias multissensoriais.....	65
2.4. Fatores que influenciam os comportamentos dos alunos	68
2.4.1. Nas histórias comuns	68
2.4.2. Nas histórias multissensoriais.....	69
3. Discussão de resultados.....	69
3.1. Caraterísticas das práticas de conto de histórias observadas.....	70
3.2. Estratégias utilizadas pelos professores para dinamizar a hora do conto.....	72
3.3. Como se caracteriza o envolvimento de alunos com MD na hora do conto	74
3.4. Fatores que poderão influenciam o envolvimento dos alunos na atividade de conto de histórias.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
Anexo A. Requerimento para a autorização do estudo.....	85
Anexo B. Documento do termo de consentimento informado aos pais	88
Anexo C. Storyboard das HMS.....	90
Anexo D. Caraterização dos alunos	98
Anexo E. Guião de entrevista à educadora de infância	100
Anexo F. Guião de entrevista à docente bibliotecária	102
Anexo G. Guião de entrevista à docente de educação especial	104
Anexo H. Notas de campo.....	106
Anexo I. Transcrição das entrevistas	119
Anexo J .Análise de conteúdo das entrevistas.....	126
Anexo L.Grelha de registo e análise de observação das horas do conto: caso A.....	136

Anexo M. Grelha de registo e análise de observação das horas do conto do caso B	161
Anexo N. Análise de conteúdo das grelhas de observação	185
Anexo O. Grelha síntese das análises de conteúdo dos casos A e B.....	194
Anexo P. Escala de envolvimento	210
Anexo Q. Escala de envolvimento utilizada para analisar o envolvimento dos participantes	213
Anexo R. Panfleto sobre HMS para os encarregados de educação	245
Anexo S. Lista de livros do caso A: contexto A.....	248
Anexo T. Lista de livros do caso B: contexto B.....	251

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Principais características de alunos com MD.....	5
Figura 2. Exemplo de uma história multissensorial.....	13
Figura 3. Excerto do storyboard da HMS – “A Ana vai às compras”.....	29
Figura 4. Imagens das páginas das HMS – “A Ana vai às compras”.....	29
Figura 5. Algumas imagens das páginas da HMS – “ A final do torneio de Boccia”.....	29
Figura 6. Páginas das HMS com objetos adaptados e construídos pela autora do estudo.....	30
Figura 7. Categorização dos livros segundo a C.D.U.: caso A.....	45
Figura 8. Perfil de envolvimento de R. nas histórias comuns - Caso A.....	50
Figura 9 Perfil de envolvimento de R. nas HMS - caso A.....	52
Figura 10 Perfil de envolvimento de R. nas histórias comuns e nas HMS	54
Figura 11 Categorização dos livros da sala da unidade.....	58
Figura 12 Perfil de envolvimento dos alunos nas histórias comuns na UAM....	63
Figura 13 Perfil de envolvimento dos alunos nas HMS na UAM	65

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Resumo das diferentes investigações nacionais apresentadas.....	17
Tabela 2. Resumo das diferentes investigações internacionais.....	21
Tabela 3. Sumário das atividades desenvolvidas em cada fase do estudo.....	31
Tabela 4. Caso B: características dos alunos participantes no estudo.....	32
Tabela 5. Caso B: características dos docentes participantes no estudo.....	33
Tabela 6. Descrição das técnicas usadas durante o processo de recolha de dados.....	34
Tabela 7. Sessões da hora do conto.....	38
Tabela 8. Indicação das sessões de conto de histórias comuns e HMS onde se aplicou a Escala de envolvimento.....	42
Tabela 9. Tamanho dos livros existentes na sala de Jardim de Infância.....	46
Tabela 10 Estratégias usadas pela contadora de histórias, nas histórias comuns no caso A	47
Tabela 11 Estratégias usadas pela contadora de histórias, nas HMS no caso A	48
Tabela 12 Comportamentos da criança R. face à contadora de histórias e aos pares: história comum	51
Tabela 13 Comportamentos da criança R. face aos estímulos da história no conto de HMS.....	53
Tabela 14 Comportamentos da criança R. face à contadora de histórias: HMS.....	53
Tabela 15 Fatores que parecem influenciar a criança R. nas histórias comuns.....	55
Tabela 16 Fatores que influenciaram o envolvimento da criança R. no conto de HMS no contexto A.....	55
Tabela 17 Tamanho dos livros existentes na UAM.....	57
Tabela 18 Estratégias usadas pela contadora de histórias nas sessões de histórias comuns no caso B.....	59
Tabela 19 Estratégias usadas pela contadora de histórias, nas HMS no contexto B	61

Tabela 20 Comportamentos dos alunos com MD face aos pares, à histórias e aos adultos nas sessões de histórias comuns	64
Tabela 21 Comportamentos dos alunos face aos objetos das histórias nas sessões de HMS.....	67
Tabela 22 Comportamentos dos alunos face aos adultos e aos pares nas sessões de HMS.....	68
Tabela 23 Fatores que parecem influenciar o comportamento dos alunos nas histórias comuns do contexto B.....	68
Tabela 24 Fatores que parecem influenciar o comportamento dos alunos nas HMS: Contexto B.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS

NEE	Necessidades Educativas Especiais
HMS	Histórias Multissensoriais
MD	Multideficiência
EE	Educação Especial
UAM	Unidade de Apoio Especializado à Educação de Alunos com Multideficiência

INTRODUÇÃO

O presente estudo insere-se no curso de mestrado em educação especial – ramo problemas de cognição e multideficiência, realizado na Escola Superior de Educação de Lisboa.

A temática deste estudo relaciona-se com o conto de histórias a crianças e jovens com multideficiência (MD). Importa assinalar que o conto de histórias enquanto processo universal constitui uma experiência única que faz parte do dia de muitas crianças e assume importância nos contextos sociais, culturais e educativos. Perante a relevância que esta atividade desempenha no bem-estar e no desenvolvimento das crianças, entende-se que deve ser também acessível a todas as crianças, incluindo as que apresentam MD. Todavia, as limitações ao nível da capacidade de interação com o ambiente físico e social e de compreensão da linguagem oral apresentadas por estas crianças dificultam o seu envolvimento e a participação neste tipo de atividade, pelo que esse momento pode-se tornar pouco agradável e desinteressante para elas. Neste sentido, nas últimas décadas começou-se a prestar mais atenção ao potencial do conto de histórias na promoção do desenvolvimento destas crianças, bem como na melhoria da sua vida, com especial enfoque para o valor das experiências sensoriais e das interações sociais proporcionadas pelo conto de histórias. Concretizando, com o propósito de ajudar estas crianças a viverem momentos mais prazerosos na atividade de conto de histórias foram criadas, nos anos 90 do século passado, as histórias multissensoriais (HMS).

Segundo Miguel (2015), as HMS oferecem estímulos que são pouco frequentes nos livros de histórias comuns, pelo que a participação neste tipo de atividade constitui uma experiência educativa, sensorial e social. Ou seja, ao se contar uma HMS promovendo-se a participação ativa da criança na atividade, esta torna-se numa ferramenta poderosa para a aprendizagem, utilizando materiais simples que evocam uma resposta sensorial e emocional da criança, estimulando-a com experiências multissensoriais e emotivas que procuram envolvê-la significativamente no processo de aprendizagem.

Neste contexto, inquietou-nos saber:

1. Quais as características das histórias contadas a alunos com MD e que estratégias são usadas pelos docentes (de educação especial, docente bibliotecária e educadora de infância), para promoverem o seu envolvimento e participação na hora do conto?

2. Como se caracteriza o envolvimento de alunos com MD na hora do conto, considerando o conto de histórias comuns e de HMS e quais os fatores que influenciam o seu envolvimento? Especificando:

2.1. Quais os comportamentos de envolvimento apresentados, pelos alunos com MD, durante o conto de histórias comuns?

2.2. Quais os comportamentos de envolvimento apresentados, pelos alunos com MD, durante o conto de histórias multissensoriais?

2.3. Que diferenças e semelhanças existem nos comportamentos de envolvimento, dos alunos com MD face ao conto de histórias comuns e de HMS?

2.4. Quais os fatores que influenciam o envolvimento dos alunos durante o conto de histórias?

2.5. Quais as estratégias usadas pelos professores (de educação especial e bibliotecário/a) e pela educadora de infância, para promover o envolvimento desses alunos no conto de histórias?

Considerando as questões de investigação apresentadas estabelecemos dois objetivos para o presente estudo:

1. Identificar as características das histórias contadas a alunos com MD e conhecer o modo como os professores dinamizam o momento da hora do conto para estes alunos, particularmente as estratégias usadas;

2. Caracterizar o modo como os alunos com MD se envolvem na hora do conto quando lhes são contadas histórias comuns e HMS, identificando as semelhanças e as diferenças existentes nos seus comportamentos quando lhes são contadas este tipo de histórias e os fatores que influenciam a sua capacidade de envolvimento nesta atividade.

Em termos metodológicos, a realização deste estudo caracteriza-se por ser um estudo de natureza qualitativa, pois procurou conhecer e compreender de forma detalhada o envolvimento de alunos com MD em sessões de conto de histórias comuns e de HMS, em dois contextos diferentes. Quanto à modalidade de investigação optámos pela realização de um estudo de caso múltiplo. Segundo Yin (1988) o estudo de caso é definido como uma abordagem empírica que investiga um fenómeno atual no seu contexto real, sendo necessário o recurso a múltiplas fontes de dados. Os casos estudados corresponderam a dois contextos distintos: o caso A envolveu uma criança com paralisia cerebral que frequentava um contexto de educação pré-escolar inserido num meio urbano; o caso B envolveu três alunos que

frequentavam uma unidade de apoio à educação de alunos com multideficiência (UAAM) inserida num estabelecimento do ensino básico - 2º e 3º ciclos – situado em meio rural. Participaram ainda no estudo os professores que trabalhavam com estes alunos.

Como técnicas de recolha de dados recorreremos a diversas fontes: pesquisa documental, entrevistas semiestruturadas e observações naturalistas. Os dados recolhidos foram tratados e analisados recorrendo à análise de conteúdo.

Quanto à organização do presente trabalho este está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo procedemos ao enquadramento teórico /revisão da literatura a qual foca os seguintes tópicos: (i) explicitação de conceitos: multideficiência, envolvimento e histórias multissensoriais, (ii) literatura para a Infância e natureza das Histórias Multissensoriais. No segundo capítulo contextualizamos o estudo relativamente à metodologia utilizada, apresentando-se os objetivos do estudo, a sua natureza e desenho, bem como os participantes envolvidos na pesquisa, os métodos e técnicas de recolha e de análise de dados e os procedimentos éticos tidos em consideração da elaboração deste estudo. O terceiro capítulo tem como propósito apresentar e analisar os resultados recolhidos através da pesquisa documental, das entrevistas e das observações realizadas pela autora do estudo. O capítulo está organizado considerando os dois casos estudados: o caso A (corresponde ao contexto A) e o caso B (corresponde ao contexto B). Em cada caso apresentam-se os resultados referentes: (i) às características das histórias contadas à/ao criança/aluno com MD nos contextos educativos em estudo; (ii) aos comportamentos das crianças/alunos em termos do seu envolvimento durante a atividade de conto de histórias; (iii) aos fatores que influenciam o envolvimento da criança/aluno; e iv) às estratégias usadas pelos profissionais para contar as histórias comuns e multissensoriais. Depois de concluída a apresentação dos resultados dos dois casos estudados procede-se à sua discussão, considerando-se as questões orientadoras e os objetivos definidos para este estudo, bem como a revisão da literatura. No quarto e último capítulo tecemos as considerações finais, as quais procuram responder às questões de investigação definidas, verificar se os objetivos do estudo foram alcançados e refletir sobre os dados recolhidos. Também indicamos os constrangimentos vividos e apontamos algumas pistas para investigações futuras. Posteriormente, apresentamos os anexos que suportam todo o trabalho de investigação realizado.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo apresentamos informação que consideramos importante para fundamentar teoricamente o presente estudo, encontrando-se organizado em dois tópicos: o primeiro diz respeito à explicitação dos conceitos MD, envolvimento e HMS e o segundo aborda conteúdos relativos à importância do conto de histórias e às HMS.

1. Explicitação de conceitos: multideficiência, envolvimento e histórias multissensoriais

1.1. Crianças com multideficiência

Os indivíduos com MD constituem um grupo heterogéneo ao nível das capacidades e necessidades que manifestam, sendo descritos na literatura como pessoas que apresentam acentuadas limitações no domínio cognitivo, associadas a limitações no domínio motor e/ou no domínio sensorial (visão ou audição) podendo necessitar de cuidados de saúde específicos. Estas pessoas requerem apoio permanente ao longo da vida (Nunes, 2005; Orelove, Silberman & Sobsey, 2004; Saramago, Gonçalves, Nunes, Duarte & Amaral, 2004). Importa salientar ainda que manifestam graves limitações ao nível da comunicação e da linguagem, nomeadamente “na compreensão e na produção de mensagens orais, na interação verbal com parceiros, na conversação e no acesso à informação” (Nunes, 2008, p.10). De facto, estas limitações dificultam a interação natural com o ambiente, condicionando o seu desenvolvimento, o acesso à aprendizagem e a participação nos diversos contextos (Nunes, 2005; 2008; Vlaskamp & van der Putten, 2009).

Especificando, face à diversidade de limitações que as pessoas com MD podem exibir, as características e necessidades apresentadas são necessariamente diversas. Na opinião de Nunes (2011) estes alunos exibem frequentemente dificuldades ao nível: da capacidade de prestar atenção e selecionar estímulos relevantes; da generalização de competências; do acesso e tratamento da informação e da compreensão de símbolos. Podem ainda exibir problemas motores e sensoriais, como: restrições no movimento, baixa visão, cegueira ou surdez. Como se apontou antes, as dificuldades na interação com objetos e pessoas e a fraca compreensão da linguagem verbal, são características também frequentes nestas pessoas. Muitos manifestam ainda necessidade de acompanhamento médico regular, devido a problemas de saúde que frequentemente apresentam. São, portanto, pessoas com

Necessidades Educativas Especiais de alta intensidade e baixa frequência (Nunes, 2008).

Segundo Saramago et al (2004) a ausência de visão funcional e as dificuldades de movimentação influenciam a capacidade de localização, quer delas próprias, quer dos estímulos à sua volta, reduzindo drasticamente a sua aptidão para explorar o mundo ao seu redor. Por outro lado, a “ausência de formas de comunicação reduz a sua capacidade de interação com os parceiros nas atividades naturais do dia-adia, limitando a sua capacidade de acesso à informação e de alargamento de conhecimentos” (p. 30).

Salientamos que as características destes indivíduos resultam da junção das suas limitações, da idade em que estas surgiram e das experiências por eles vivenciadas, o que as torna uma população bastante heterogénea (Nunes, 2005), como procura representar a figura que se segue.



(Adaptado de Nunes, 2005)

Figura 1. Principais características de alunos com MD (Nunes, 2008, p.10)

Face a estas características é comum estas crianças não terem muitos parceiros de comunicação, encontrando-se restrito o acesso a ambientes e a experiências significativas (Amaral & Nunes, 2008; Nunes, 2012). Como refere Nunes (2001, 2005, 2008, 2012), estas crianças só podem aprender se existir estimulação permanente e oportunidades de interação e se vivenciarem experiências diversificadas e significativas. Logo, importa maximizar as suas capacidades e potencialidades e promover o seu envolvimento com o mundo que os rodeia, no sentido de melhorar o seu bem-estar e a qualidade de vida (Pawlyn & Canarby, 2009), bem como o acesso à informação (Nunes, 2001). Para que compreendam o mundo que as rodeia, as rotinas e as repetições são essenciais, pois transmitem-lhes segurança e permite-lhes a antecipação dos acontecimentos, tornando a aprendizagem mais eficaz (Saramago et al., 2004).

Mas, como declara Nunes (2001) o termo MD não explica por si só como é a criança, como é que ela aprende, o que ela quer aprender, o que precisa de aprender e o que não quer aprender. Importa perceber antes de mais, que é uma criança que, tal como as outras, tem necessidades básicas e sentimentos que temos de respeitar e tem direito a uma educação digna. Porque não aprende de forma acidental “toda a sua aprendizagem deve ser planeada, incluindo o ensino dos aspetos mais simples e mais básicos da vida e o seu funcionamento no futuro, para poder ter uma melhor qualidade de vida” (Nunes, 2001, p.193). Para assegurar a sua aprendizagem nos diversos contextos de vida é imperativo que as crianças se envolvam de forma ativa nas situações de aprendizagem. Mas, o que se entende por envolvimento?

1.2. Envolvimento

O envolvimento é concebido como uma qualidade da atividade humana, reconhecida pela concentração e persistência; e caracterizada pela motivação, atenção e entrega à situação, abertura aos estímulos e intensidade da experiência (quer ao nível físico, quer ao nível cognitivo) e por uma profunda satisfação e energia (Leavers, 1994a). Para este autor o envolvimento é determinado pelo impulso exploratório e pelo padrão individual de necessidades ao nível de desenvolvimento e constitui um indicador de que a aprendizagem está a ter lugar.

Quanto ao papel do envolvimento na aprendizagem, Carpenter et al. (2015) assinalam que este comportamento tem sido consistentemente assinalado como fundamental para que a aprendizagem aconteça. A este respeito Carpenter (2011) afirma ainda que para existir uma aprendizagem sustentável, terá de haver um envolvimento significativo, sendo o processo de envolvimento um caminho que une a criança e o seu ambiente, incluindo pessoas, ideias, materiais e conceitos, permitindo assim a aprendizagem.

Analisando o significado deste conceito por parte de outros autores, verifica-se que ao longo dos tempos este termo teve várias interpretações e inúmeras definições. Newmann (referido por Carpenter, 2011) refere que o envolvimento é difícil de definir, embora se consiga identificar quando não existe. Segundo a *National Reserch Council* (2001), envolvimento é definido como “a atenção [dada] a uma atividade ou a uma pessoa” (p.160). No entanto, Kruif e William (1999) definem envolvimento como o cálculo de quanto tempo uma criança está envolvida numa atividade. Ridley (2000) também define envolvimento como “a quantidade de tempo que as crianças passam a interagir com o meio ambiente de forma apropriada ao desenvolvimento e ao contexto”

(p.134). Kuth (2008) menciona ainda que o envolvimento do aluno na tarefa representa “o tempo e a energia que estes investem em atividades propositadas” (p. 542). Mas para Skinner e Belmont (1993) o envolvimento deve “reconhecer a importância da intensidade, da qualidade emocional dos alunos no início e na realização de atividades de aprendizagem” (p.572). Na perspectiva de Carpenter (2011) o envolvimento é multidimensional, ou seja, engloba diversas dimensões, a saber: consciência, curiosidade, investigação, descoberta, antecipação, persistência e iniciativa. Importa assim, aquando o desenvolvimento de atividades, considerar estas sete dimensões, implicando a estimulação da atenção, o envolvimento e a participação das crianças. Ao nível da consciência procura-se perceber se o aluno evidencia resposta, ou reconhece a atividade. A curiosidade tem a ver com o desejo de explorar, conhecer e de aprender. A Investigação corresponde à tentativa de o aluno descobrir algo mais numa atividade ou numa experiência. A descoberta reporta-se a uma ação, ou a uma experiência nova ou repetida, a qual causa surpresa ou excitação no aluno. A antecipação mostra-nos a expectativa ou previsão como o resultado de conhecimentos prévios, experiências ou habilidades. A persistência descreve o esforço do aluno, a sua determinação e a sua recusa em não desistir. A última dimensão é a iniciativa, a qual pode corresponder a um pedido, a um movimento ou a uma indicação autogerida, os quais podem ser considerados como expressão de uma intenção de desejo ou necessidade. Carpenter (2011) realça ainda a necessidade de se ter em consideração os interesses das crianças quando se preparam as atividades, de modo a facilitar o seu envolvimento nessas situações.

Analisando as definições de envolvimento apresentadas verifica-se o destaque, sobretudo, da importância do tempo que a criança despende na tarefa, ou seja, entende-se que a quantidade de tempo é um indicador crucial a ter em atenção quando se fala de envolvimento. Quanto à relevância do envolvimento na aprendizagem Carpenter et al. (2011) salientam o carácter multidimensional do envolvimento, considerando que a intensidade e a qualidade emocional do envolvimento de um aluno são dimensões fundamentais para uma aprendizagem efetiva.

Observando a questão do envolvimento por parte de crianças com necessidades mais complexas Carpenter et al. (2015) referenciam Keen (2008), o qual afirma que “o envolvimento é a porta de entrada para a aprendizagem, sendo um dos melhores preditores para que o aluno apresente resultados positivos” (p.8). Carpenter et al (2015) mencionam ainda outros autores (Bailey et al., 1993; McCormick et al.,

1998; McWilliam & Bailey, 1998) os quais afirmam que estas crianças se envolvem durante menos tempo nas situações e evidenciam níveis mais elementares de envolvimento, comparativamente com as crianças com desenvolvimento típico. Estes autores afirmam igualmente que estas crianças têm mais probabilidade de se distraírem, podendo, inclusivamente, apresentar comportamentos mais desafiantes, pelo que importa ter esta informação em consideração na sua educação. Considerando estas circunstâncias, para analisar o envolvimento de crianças com necessidades complexas Carpenter et al (2015) desenvolveu o projeto *Complex Learning Difficulties and Disabilities (CLDD)* no qual considerou importante olhar para o conceito de envolvimento de forma multidimensional, centrando-se mais no processo e na qualidade, e não na sua quantificação. Importa referir que neste projeto se reconhece a importância da interação entre a criança e o ambiente de aprendizagem para que o seu envolvimento aconteça. Admite-se ser esta relação dinâmica fundamental para promover o envolvimento dos alunos nos ambientes de aprendizagem.

No caso específico da criança com acentuadas dificuldades de aprendizagem Carpenter et al (2015) reforçam que o envolvimento é essencial para que consiga aprender, pois sem envolvimento não há aprendizagem eficaz, nem se observam resultados ou progressos significativos, o que vai ao encontro do que afirma Hargreaves (2006) sem envolvimento não existe aprendizagem.

Atendendo à especificidade das crianças com MD, a natureza conjunta e complexa das suas dificuldades requer uma aprendizagem personalizada, que reconheça os padrões de aprendizagem únicos, pelo que necessitam de estratégias que lhes permitam envolver-se efetivamente no processo de aprendizagem e participar ativamente nas atividades da sala de aula e da comunidade em geral (Carpenter, 2011). Assim, para que a aprendizagem aconteça é necessário existir um envolvimento significativo, sendo fundamental que a criança se sinta atraída pelo seu ambiente, incluindo pessoas, objetos, ideias e conceitos, que a motivem a querer participar e assim aprender algo. Em síntese, segundo Carpenter et al (2015) no passado a análise do envolvimento de uma criança na tarefa tendia a focar-se mais no tempo que esta despendia na situação, todavia atualmente procura-se centrar a atenção na capacidade que a criança manifesta para manter a interação com o ambiente de aprendizagem, existindo uma conexão entre o aprendiz e o ambiente de aprendizagem. Portanto, para estes autores o foco deixa de ser o tempo na tarefa para ser a qualidade do envolvimento apresentado pela criança.

1.3. Histórias Multissensoriais

Ouvir histórias é uma experiência única (Park, citado por Ten Brug, van der Putten, Penne, Maes & Vlaskamp, 2011) que faz parte das experiências de infância de muitas crianças em todo o mundo. Considerando as particularidades das crianças com MD salienta-se que estas têm também, naturalmente, o direito de usufruir desta experiência, à semelhança das que apresentam um desenvolvimento típico. Porém, as suas dificuldades na compreensão da linguagem verbal, entre outras, poderá ser uma barreira para a compreensão da história, podendo, assim, a atividade de conto de histórias tornar-se pouco agradável e sem interesse para estes ouvintes (Ten Brug et al., 2011).

Muito embora possam existir dificuldades, segundo Young, Fenwick, Lambe e Hogg (2011) nas últimas décadas tem sido explorado o potencial do conto de histórias para melhorar o bem-estar e o desenvolvimento de pessoas com MD. Neste âmbito surge um tipo de histórias mais específico: as histórias multissensoriais (HMS). Segundo Miguel (2015) as “Histórias Multissensoriais (HMS) são uma abordagem pedagógica criada a pensar nas crianças e jovens com multideficiência, mas também com outras problemáticas” (p.13). Chamam-se histórias porque consistem numa narrativa onde existem personagens, um enredo e um final, se possível, surpreendente e interessante para a criança. São multissensoriais porque apelam à exploração de diferentes sentidos: tato, olfato, paladar e movimento (ibid). Como nos diz Proença (2006):

Se lançarmos mão das potencialidades das histórias e as enriquecermos com estímulos que promovam as aquisições, na procura de otimizar recursos e potenciar capacidades então temos histórias multissensoriais. Elas cumprem o objetivo de melhorar competências, na busca da qualidade de vida dos alunos com deficiência mental (p. 43).

Portanto, estas histórias constituem-se como estratégia multissensorial visando uma situação de jogo que encerra em si, palavras com significado e significante, momentos privilegiados de experimentação nas diferentes áreas sensoriais, conjugando diferentes estratégias psicopedagógicas, fomentando a relação pedagógica, o sucesso e a promoção de aprendizagens significativas (Proença, 2006).

Em termos históricos esta estratégia surgiu em 1993 por Chris Fuller, a qual criou este tipo de histórias e uma instituição de caridade, a Bag Books com sede em South West London, que teve como finalidade fornecer histórias a um preço acessível.

Esta instituição visa, portanto, construir e divulgar estas histórias, mantendo parcerias com algumas universidades. Desde então, a Bag Books tem produzido uma gama crescente de livros multissensoriais. Inicialmente, eles foram escritos tendo em atenção as crianças com acentuadas dificuldades, mas atualmente existem livros multissensoriais com histórias que são contadas a jovens e adultos. São diversas as histórias multissensoriais criadas e publicadas pela Bag Books, algumas são tradicionais e outras são de autoria dos profissionais desta instituição. No caso das histórias tradicionais estas são narradas de forma simples para que sejam mais facilmente compreendidas (Bag Books, 2011; Preece & Zhao, 2014).

Outra instituição que também tem criado histórias multissensoriais é a PAMIS, organização integrada na *University of Dundee*, na Escócia, que trabalha unicamente com pessoas que apresentam deficiência intelectual profunda e suas famílias. Esta instituição desenvolveu um tipo específico de histórias multissensoriais: histórias personalizadas centradas nas rotinas e interesses da criança ou jovem para quem a história é criada. Importa referir ainda que esta abordagem implica que o tópico da história se relacione com um tema sensível ou alguma dificuldade a superar por parte do seu destinatário. Para esta instituição o recurso a esta estratégia torna a história mais significativa e pode ser uma ajuda para o cumprimento de um currículo adequado (cf. Scottish Funding Council, 2012; Young et al., 2011).

Quanto ao enquadramento em que as HMS se inserem importa referir que estas foram desenvolvidas tendo por base uma estrutura sensorial e abordagens socialmente interativas (Young et al., 2011). Especificando, o conto de histórias a pessoas com necessidades complexas tem sido dinamizado disponibilizando experiências sensoriais e proporcionando contextos onde as interações sociais emergem. De salientar que o recurso a experiências sensoriais para pessoas com MD tem uma longa história, ao nível da intervenção educativa e do lazer, salientando-se a criação de ambientes multissensoriais e de currículos sensoriais e as interações intensivas (Young et al., 2011).

2. Literatura para a Infância e natureza das Histórias Multissensoriais

Este tópico aborda a importância da literatura para a infância, as principais características das HMS e as investigações nacionais e internacionais realizadas sobre este tipo de histórias.

2.1. Importância do conto de histórias

O conto de histórias é uma prática comum em todas as culturas e muito enraizada na tradição oral. Segundo Litwinoff (1997) o conto de histórias tem uma função educativa importante, pois desenvolve-se em clima de afetividade, proximidade e respeito, sendo estas as bases para qualquer relação diádica. É igualmente uma manifestação literária, apresentando-se como um meio para o desenvolvimento da linguagem e a estimulação da criatividade narrativa e poética de todos os envolvidos. A criatividade expressiva estimulada através do conto de histórias não tem limites, podendo recorrer-se à música, à expressão plástica e dramática. Ou seja, o conto de histórias poderá ser transversal a diversas áreas de conteúdo e é fundamental para a consolidação e construção de novos saberes, em qualquer nível de educação e ensino.

Esta prática pode acontecer em inúmeros contextos, sendo a instituição escolar um desses contextos. Portanto, os estabelecimentos educativos e de ensino podem apresentar-se como um espaço para o desenvolvimento enriquecedor de atividades relacionadas com o conto de histórias, sendo a afetividade, o sentimento de pertença a um grupo, o respeito pela palavra do outro, a percepção auditiva e a concentração algumas das áreas que se desenvolvem no âmbito desta prática. Quer dizer que a maior parte dos professores que conta histórias aos seus alunos, estabelece uma experiência muito positiva no que diz respeito às relações afetivas que estabelece entre eles, pois assiste-se a uma quebra do papel formal do professor, que é substituída, nestes momentos por uma figura mágica e transmissora de prazer e de vivência de sentimentos, emoções e sonhos (Litwinoff, 1997).

Segundo o Plano Nacional de Leitura (PNL, 2006, citado por Proença, 2010), as histórias são ainda aliadas perfeitas na promoção da literacia, sendo que ouvir contar histórias leva à interiorização de um mundo de enredos, personagens, situações, problemas e soluções que proporcionam um enorme enriquecimento pessoal, possibilitam a formação e o desenvolvimento de estruturas mentais que facultarão um melhor entendimento dos outros e do mundo.

Também é verdade que a escolha da história, seja ela: conto de fadas, conto tradicional ou conto de autor, deve ser criteriosa e efetuada em função do nível de desenvolvimento da criança. Sobre este assunto Bettelheim (1988) refere:

... para que uma história possa preencher verdadeiramente a atenção de uma criança, é preciso que ela a distraia e desperte a sua curiosidade. Mas, para

enriquecer a sua vida, ela tem de estimular a sua imaginação; tem de ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e esclarecer as suas emoções; tem de estar sintonizada com as suas angústias e as suas aspirações; tem de reconhecer plenamente as suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (p.11).

2.2. Histórias para todos: As histórias multissensoriais

Ouvir histórias é uma experiência única (Park, citado por Ten Brug, van der Putten, Penne, Maes & Vlaskamp, 2011) que faz parte do dia de muitas crianças, incluindo as que por alguma razão apresentam dificuldades mais complexas no seu desenvolvimento. Porém, como referem Ten Brug et al. (2011) as dificuldades na compreensão da linguagem verbal por parte dos ouvintes poderão constituir-se como uma barreira para a compreensão de uma história, pelo que o momento de conto de histórias nem sempre é atividade do agrado de todas as crianças. Com o propósito de ajudar estas crianças a viverem momentos mais prazerosos com o conto de histórias surgiram as HMS. Observemos quais são as suas principais características.

2.2.1. Principais características das histórias multissensoriais

Segundo Miguel (2015), as HMS oferecem estímulos que são pouco frequentes nos livros de histórias comuns. O seu formato também é distinto do livro tradicional, como se observa na figura 2, sendo que as HMS são usualmente acondicionadas em caixas de cartão onde constam pelo menos três elementos: (i) as páginas das histórias em tamanho A3; (ii) o *storyboard* e (iii) o texto numa página formato A3 para orientação do contador de histórias. Cada história tem aproximadamente dez páginas que consistem em placas formato A3, podendo estas ser de materiais diversos, de acordo com o critério do construtor, nomeadamente, cartão rijo, contraplacado de madeira ou acrílico.



Figura 2. Exemplo de uma história multissensorial (fonte:

<https://www.southwiltsmencap.org.uk/news/multi-sensory-stories-from-wiltshire-libraries/>)

Cada página tem afixado ao centro um ou dois objetos, em média, que ilustram a narrativa, podendo estes serem objetos reais, partes de objetos, texturas, sons, formas que simulam objetos reais, etc. (cf. Bag Books, 2011; Nunes, 2011). A escolha dos estímulos a oferecer ao ouvinte deve considerar a possibilidade de o envolver de forma ativa na atividade de conto de histórias, adequar-se à sua idade e preferências. É igualmente essencial que o objeto a usar esteja relacionado com o conteúdo da frase que está na página (Ten Brug et al., 2013; Ten Brug, 2015). Em síntese, como afirma Miguel (2015) “É muito importante que estas histórias contenham objetos estimulantes pela sua cor, forma e textura” podendo “incorporar botões e outros materiais sonoros atrativos para serem acionados pela criança produzindo a “causa-efeito” tão estimulante para eles.” (p.16). A forma de fixação dos objetos e outros detalhes também são características que variam de acordo com as opções do construtor, sendo fundamental garantir a segurança daqueles que as disfrutam (Young et al., 2011).

Segundo Proença (2010) os materiais utilizados neste tipo de histórias poderão ser: fantoches, músicas, objetos reais diversos, alimentos, perfumes, velas, bonecos, etc. Na opinião de Proença em cada história existe magia, que transporta as crianças para o que estão a viver através da história, apelando à cidadania, pois tenta transmitir responsabilidade, mostra a diferença, possibilita interajuda e incentiva a fazer escolhas, há um incentivo à língua porque em cada história escutam, descobrem novas palavras, e tentam comunicar, trabalha-se a matemática ao descobrir diferentes texturas, cores, formas, pesos, há música e, por vezes, também se encontra presente a expressão plástica.

Quanto à forma como os estímulos sensoriais são apresentados, vários autores (Ten Brug et al., 2011; Whinnett & Bell, 2010; Nunes, 2011) assinalam a importância de estes estarem colocados numa página branca ou de outra cor única, para aumentar o contraste e a visibilidade, e assim ajudar as pessoas com MD a focarem a atenção mais rápida e facilmente no estímulo pretendido, reduzindo o tempo de reação.

Portanto, este tipo de histórias, descrito como sendo simultaneamente simples e complexo, é criado tendo em consideração as características peculiares de pessoas com problemáticas severas, como é o caso dos sujeitos com MD, sendo, no entanto, acessíveis a todos (Grace, 2003). Dadas as dificuldades severas do público-alvo destas histórias, o objetivo fundamental deste tipo de histórias não é tanto a compreensão do seu conteúdo, até porque a compreensão por parte deste público, é discutível e difícil de medir segundo Young (2011), mas antes o seu envolvimento com

os objetos e a interação com as outras pessoas presentes na dinamização destas histórias, nomeadamente com o contador da história e outros ouvintes, podendo ser uma experiência muito positiva para eles.

A participação neste tipo de atividade constitui, assim, uma experiência educativa, sensorial e social. Ou seja, ao se utilizar uma HMS fazendo com que o aluno participe nela ativamente este recurso torna-se numa ferramenta poderosa para a aprendizagem, utilizando materiais simples que evocam uma resposta sensorial e emocional da criança, estimulando-a com experiências multissensoriais e emotivas que a envolvam significativamente no processo de aprendizagem. Como afirma Campbell (2006) quanto mais forte for a reação experimentada pelo ouvinte, mais significativa será a sua experiência. Daí a importância, na construção das histórias, de conhecer cada criança e tornar cada história única.

Relembra-se que no caso das histórias criadas pela PAMIS, as que são personalizadas e espelham aspetos da vida e da personalidade da pessoa para quem é dirigida, a HMS deve ainda relatar um acontecimento ou uma situação considerada importante para essa pessoa, visando facilitar o seu reconhecimento pela pessoa com MD (Ten Brug et al., 2011). Importa salientar que, o conteúdo, a forma e a apresentação da história tem que se adequar à pessoa com MD para facilitar o seu envolvimento e a compreensão da história (Fuller, 1990; Grove, citado por Ten Brug et al., 2011).

A dinamização do conto de HMS é tão importante quanto a sua construção. Nas HMS, a palavra falada do contador da história é o elo de ligação entre o “ouvinte” e os objetos e as experiências sensoriais que lhes são oferecidos. Por isso, como sugere a Bag Books (2011) é essencial a alternância da entoação da voz (sussurrar ou falar alto) e até algum exagero nas expressões faciais e na articulação das palavras, ou seja, a inclusão de algum dramatismo ou teatralidade para que os objetos nas páginas ganhem vida e a narrativa faça sentido para o ouvinte. Importa referir ainda que este tipo de histórias pode ser contado por qualquer pessoa (pais, profissionais, técnicos, etc.), sendo importante que esta esteja consciente da influência lúdico-pedagógica que terá sobre a criança.

2.2.2. Potencialidades das histórias multissensoriais: resultados de investigação

2.2.2.1. Resultados de investigações nacionais

Em Portugal existem várias pessoas que têm dedicado atenção a esta temática. Conhece-se o estudo de Paula Proença, realizado em 2010, no qual participaram 10 crianças e jovens com idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos. Este estudo pretendia investigar o uso de HMS com jovens maioritariamente com limitações cognitivas, mas com capacidades motoras e linguísticas. Importa referir que as suas histórias, também designadas de multissensoriais, diferem a nível de formato e do tipo de materiais a que recorre. Os resultados do seu estudo revelam que os participantes foram capazes de compreender o que escutavam; mostraram-se mais alerta aos estímulos sensoriais, houve enriquecimento na sua oralidade e as relações interpessoais foram potenciadas (Proença, 2010).

Em 2015, Teresa Miguel, realizou também um estudo que envolveu o uso de HMS, no âmbito da sua dissertação de mestrado concluída na Escola Superior de Educação de Lisboa. As histórias usadas neste estudo são distintas de Paula Proença, tendo sido estas construídas tendo por base as orientações da Bag Books e da PAMIS. O estudo teve dois objetivos: (i) conhecer os recursos e os programas existentes numa biblioteca pública para utilizadores com NEE, bem como a perceção da bibliotecária sobre o uso da biblioteca por crianças e jovens com MD e suas famílias e (ii) perceber como é que as HMS podem ser usadas para facilitar o acesso de crianças e jovens com MD a bibliotecas públicas. O estudo foi implementado numa biblioteca pública e envolveu 21 sujeitos: uma bibliotecária, cinco crianças e cinco jovens com acentuadas limitações cognitivas, associadas a dificuldades motoras e sensoriais e 10 mães (as das crianças e jovens que participaram no estudo). A autora do estudo criou e construiu três HMS originais e contou-as ao longo de oito sessões. Os resultados deste estudo revelam que o uso de HMS promoveu oportunidades para a inclusão de crianças e jovens com MD e suas famílias numa biblioteca pública. Por outro lado, as famílias revelaram-se satisfeitas com a sua participação nesta atividade e com as HMS e as crianças e jovens envolvidas manifestaram, frequentemente, sentimentos de agrado e satisfação durante as sessões de conto de HMS. Importa salientar que dos dez participantes, apenas um teve uma reação menos positiva às HMS (Miguel, 2015).

Também em 2015, Andreia Matos, Tânia Rocha, Luciana Cabral e Maximino Bessa (Matos, Rocha, Cabal & Bessa, 2015) realizaram um estudo intitulado, *Multi-sensory storytelling to support learning for people with intellectual disability: an exploratory didactic study*. Com este estudo, pretendiam verificar se as pessoas com deficiência intelectual podiam tirar proveito das HMS nas atividades de aprendizagem. Participaram no estudo 18 indivíduos, oito mulheres e dez homens, com idades entre os 22 e os 44, e com deficiência intelectual. A história construída pelos autores, teve como tema as frutas e foi apresentada com recurso ao programa *Powerpoint* e com diversos estímulos olfativos (cheiros das frutas), táteis (frutas), e auditivos (voz do contador gravada em áudio). Depois de contada a história os autores realizaram entrevistas aos participantes para verificarem o que estes tinham apreendido com a história. Os autores concluíram que o uso dos estímulos sensoriais contribuiu para a retenção do conteúdo da história.

O mais recente estudo conhecido é o de Carla Gomes (2016), denominada “Contar Histórias a criança com multideficiência: Contributo das Histórias Multissensoriais”, também realizado no âmbito de Mestrado em Educação Especial na Escola Superior Educação de Lisboa. Este estudo pretendeu conhecer melhor as particularidades das HMS e perceber como as crianças com MD reagem à utilização deste recurso, mais propriamente como se caracteriza a sua participação em experiências relacionadas com o conto de histórias, bem como as estratégias usadas pela contadora. O estudo envolveu três crianças e estruturou-se em duas fases: a primeira focou-se no conhecimento da opinião de duas peritas na temática das HMS e a segunda dividiu-se por dois momentos, no primeiro a autora criou e produziu duas HMS tendo por base as orientações da Bag Books e da PAMIS e no segundo momento foram contadas estas histórias a três crianças que frequentavam uma Unidade de Apoio Especializada à Educação de Alunos com Multideficiência (UAM). Estas histórias foram contadas durante quatro sessões, no espaço da sala da UAM existente numa escola de 1º Ciclo. Os resultados evidenciam que as HMS parecem ser um recurso útil na educação de crianças com MD, realçando a autora que as principais vantagens das HMS, são o facto de estas promoverem oportunidades de interação com os objetos.

Resumindo, os resultados dos estudos descritos revelam que o envolvimento e a participação de pessoas com limitações acentuadas nas atividades de conto de histórias, contribui para melhorar o seu desenvolvimento, particularmente a nível emocional e social. As HMS proporcionaram ainda às crianças e jovens com MD

momentos de interação e prazer com o outro, manifestando-se estas ativas no decorrer da dinamização destas histórias. Na tabela que se segue apresenta-se uma síntese das diferentes investigações descritas.

Tabela 1

Resumo das diferentes investigações nacionais apresentadas

Autor / ano	Objetivo do estudo	Participantes	Principais resultados
Paula Proença (2010)	Investigar o uso de HMS com jovens maioritariamente com limitações cognitivas, mas com capacidades motoras e orais	10 jovens com idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos	Os participantes foram capazes de compreender o que escutavam e mostraram-se mais alertas aos estímulos sensoriais
Teresa Miguel (2015)	Conhecer os recursos e os programas existentes numa biblioteca pública para utilizadores com NEE, e a perceção da bibliotecária sobre o uso da biblioteca por crianças e jovens com MD e suas famílias; Perceber como é que as HMS podem ser usadas para facilitar o acesso de crianças e jovens com MD a bibliotecas públicas	Bibliotecária 5 crianças com MD 5 jovens com MD 10 mães	- Promoveu oportunidades de inclusão de crianças e jovens com MD e suas famílias numa biblioteca pública; - As crianças e jovens mostraram agrado e satisfação, bem como as suas famílias.
Andreia Matos et al. (2015)	Verificar se as pessoas com deficiência intelectual podiam tirar proveito das HMS nas atividades de aprendizagem	8 mulheres 10 homens com idades entre 22 e os 44 com deficiência intelectual	O uso dos estímulos sensoriais contribuiu para a retenção do conteúdo da história
Carla Gomes (2016)	- Conhecer melhor as particularidades das HMS; - Perceber como as crianças com MD reagem à utilização deste recurso.	3 crianças com MD que frequentavam um UAM	As HMS parecem ser um recurso útil na educação com crianças com MD.

Fonte: Autora do estudo

2.2.2.2. Resultados de investigações internacionais

A revisão da literatura no que às HMS diz respeito revela ser esta uma temática recentemente estudada, pois o estudo menos recente que encontramos foi o de Boer e Wikkerman realizado na Holanda em 2008, no qual os investigadores estudaram histórias construídas pela PAMIS. O estudo teve como objetivo perceber quais as vantagens da utilização destas histórias com crianças com MD. Os resultados do estudo revelaram que: (i) a participação no conto de HMS foi positiva; (ii) os participantes melhoraram os seus níveis de atenção, de concentração, de

reconhecimento e antecipação da história e (iii) em alguns casos, houve desenvolvimento da linguagem oral (Boer & Wikkerman, 2008).

Um outro estudo, o de Halfens (2010) avaliou a eficácia das HMS em indivíduos com MD. Neste estudo participaram 34 indivíduos com idades compreendidas entre os 5 e os 34 anos, sendo que todos os participantes tinham uma idade mental inferior a dois anos. A intervenção com as HMS durou seis semanas, foram realizadas 10 sessões no total, a primeira e a décima sessão foram filmadas. Os resultados do estudo demonstram que quem assistiu às HMS manteve as capacidades adquiridas após seis semanas sem intervenção, sugerindo estes resultados que as HMS têm um efeito positivo na capacidade de resposta social das pessoas com mais limitações. Na opinião de Halfens (2010) as HMS são uma abordagem promissora para as pessoas com MD.

Outro estudo desenvolvido por Young e seus colegas (2011) envolveu a participação de oito sujeitos com idades compreendidas entre os 4 e os 19 anos, cinco rapazes e três raparigas da Escócia. O estudo pretendia conhecer o envolvimento que estes participantes tinham com as histórias e como estas os poderiam ajudar a abordar temas sensíveis. Todos os participantes preenchiam os critérios de pessoas com MD, incluindo limitadas capacidades comunicativas, físicas e sensoriais. As histórias tiveram como base as orientações da PAMIS e foram contadas pelas mães ou por um profissional que era conhecido da criança. As observações e gravações decorreram na escola e num dos casos em casa. Cada história foi lida pelo mesmo contador num mínimo de oito vezes e foram filmadas a primeira sessão, a quarta e a última sessão. Os autores do estudo concluíram que: (i) sete dos oito participantes demonstraram envolvimento com a história e (ii) um pai e um profissional concordaram que o resultado da HMS foi positivo e ajudou a criança a lidar melhor com um tema sensível. Os resultados obtidos revelam ainda que a continuação do conto das HMS é importante para apoiar as pessoas com MD e para a sua educação (Young et al., 2011). Segundo Young e Lambe (2011) as HMS são terapêuticas para pessoas com MD, pois fornecem-lhes experiências sensoriais estimulantes, potenciando as interações entre o ouvinte e o contador, fator importante para o enriquecimento da vida destas pessoas.

Também Killck e Frude (2009) mencionados por Young e Lambe (2011) no seu estudo intitulado *“The Teller, The Tale and The Told”* sugerem que as histórias com objetos são uma experiência mais rica que a “história ao deitar”, porque levam o ouvinte e o contador para um espaço diferente que é interpessoal e interativo,

umentando a experiência emocional. Este tipo de histórias permite que as pessoas com MD “ultrapassem” as barreiras das histórias apenas lidas, pois providencia-lhes outros meios de comunicação (Young & Lambe, 2011).

Em 2012, Penne e seus colegas publicaram um estudo focado na interação entre contadores de histórias e pessoas com MD durante a dinamização de HMS. Os dados foram recolhidos através de filmagens de vídeo ao longo de 10 semanas. A *Maternal Behavior Rating Scale de MBRS*, Mahoney 1992, foi a escala utilizada para medir os níveis de interação observada. As principais conclusões do estudo revelaram que a dinamização de uma HMS promoveu interações de alta qualidade, contudo, verificou-se que os contadores tiveram dificuldade em reconhecer as formas subtis de comunicação dos participantes. Os contadores também não alteraram a sua forma de dinamizar a história de forma a colmatar estas dificuldades.

Em 2013, realizou-se outro estudo, no Siri Lanka por Hettiarachchi e Ranaweera sobre o uso das HMS para desenvolver o vocabulário de crianças com dificuldades da linguagem. Os autores concluíram que no final do estudo existiram mudanças positivas na linguagem recetiva e expressiva dos participantes, nomeadamente aumento do vocabulário, do nível de atenção, de concentração, de motivação, de contacto ocular e de tomar a vez na história. A utilização das HMS não só ajudou a aumentar o vocabulário destas crianças, bem como as suas capacidades comunicativas.

Em 2014, Preece e Zhao realizaram um estudo em cinco escolas de educação especial em Inglaterra, onde pretenderam saber qual a opinião dos professores sobre as HMS produzidas pela Bag Books. Os dados foram recolhidos através de entrevistas e de observações das sessões de dinamização das histórias. As respostas obtidas foram positivas, destacando-se o facto de os professores: (i) considerarem que estas HMS são um útil e valioso recurso; (ii) realçarem que é importante ter histórias que se relacionam com a vida real dos alunos, pois este aspeto ajuda-os a atribuir mais significado às mesmas; e (iii) entenderem serem as HMS uma ferramenta muito útil e versátil, pois permitem apoiar as aprendizagens dos alunos e podem ser utilizadas ou no trabalho individual ou com o grande e pequeno grupo. Os professores expressaram ainda que as HMS, devido à utilização de estímulos sensoriais, ajudam os alunos a se envolverem com a história e com o seu conteúdo. No seu estudo os autores referem também que estas histórias proporcionam o desenvolvimento de capacidades de comunicação, não só pela história em si, mas devido à estrutura típica da sessão, a qual oferece múltiplas oportunidades comunicativas às crianças. Os resultados do

estudo apontam que esta estrutura permitiu ainda a memorização, a antecipação do que se segue, assim como a aprendizagem do tomar a vez. Foi igualmente relatado que as HMS ajudaram os alunos com MD na socialização, nas interações com outros, a expressar as suas preferências, e os parceiros comunicativos a perceberem o que estes gostam e não gostam.

Em 2015 Ten Brug, Munde, van der Putten e Vlaskamp desenvolveram um outro estudo para perceber se o nível de alerta nos indivíduos com MD variava conforme a forma de apresentação do estímulo, quando a HMS era repetida. Neste estudo participaram 12 crianças e 15 adultos com MD e 27 contadores de histórias. As histórias foram contadas aos ouvintes 20 vezes e gravadas a 1ª, 5ª, 10ª e 20ª sessão, as quais posteriormente foram analisadas com o instrumento *Alertness Observation List*. Os autores concluíram que existia uma relação entre a forma como o estímulo era apresentado e os níveis de alerta dos ouvintes, salientando que quando os estímulos eram apresentados de forma mais ativa, o nível de alerta dos ouvintes era mais elevado.

Outro estudo realizado também em 2015 por diversos autores (Ten Brug, van der Putten, Penne, Maes & Vlaskamp, 2015a) pretendeu analisar a relação entre as linhas orientadoras para o conto de HMS e a atenção dos ouvintes com MD. No estudo participaram 45 contadores de histórias, que construíram histórias personalizadas para 45 ouvintes com MD. Cada história foi lida 10 vezes e foram gravadas a 1ª, 5ª e 10ª sessão. Os autores analisaram a relação entre a adesão às orientações dadas pelo contador (repetição, uso do texto original, oferecendo estímulos ativamente e uso de fundo neutro) e a atenção da pessoa com MD durante o conto da história. Os resultados mostraram que os ouvintes estavam atentos à HMS uma média de 69% do tempo da história. Este nível de atenção aumentou entre a 1ª e a 5ª sessão e diminuiu da 5ª sessão para a 10ª. As orientações: repetição, oferecer os estímulos ativamente e a duração da história estiveram positivamente ligadas com o nível de atenção do ouvinte, enquanto com outras: usar o texto original e um fundo neutro não evidenciaram relações significativas.

O estudo mais recente por nós conhecido é de 2016, no qual os autores (Ten Brug, van der Putten, Penne, Maes & Vlaskamp) pretenderam saber qual a importância das HMS, comparando a atenção dos ouvintes em duas situações: escutar livros de HMS e escutar livros de histórias comuns. Participaram neste estudo 76 indivíduos com MD, 45 ouviram HMS e 31 ouviram histórias comuns. As histórias foram lidas 10 vezes durante um período de cinco semanas, sendo que a 1ª, 5ª e 10ª

sessão foram gravadas em vídeo nos dois grupos. A percentagem de atenção dirigida à história, aos estímulos e ao contador foi recolhida por um avaliador treinado e independente. Os autores concluíram que a atenção dirigida à história foi mais elevada no grupo que ouviu HMS. Na atenção dirigida ao contador de histórias não existiu uma diferença significativa entre os dois grupos. Os autores verificaram ainda que a 5ª sessão de conto de HMS foi a que teve mais registos de atenção por parte dos ouvintes, enquanto a 5ª sessão de conto da história comum foi a que teve um nível de atenção mais alto.

Em suma, os resultados destes estudos apresentados evidenciam que as HMS são um recurso importante para as pessoas com MD, pois permite momentos únicos de lazer, e potência o seu desenvolvimento e a sua aprendizagem. Na tabela seguinte apresentamos o resumo dos estudos internacionais desenvolvidos.

Tabela 2

Resumo das diferentes investigações internacionais

Autor e ano	Objetivos	Participantes	Resultados
Boer e Wikkerman (2008)	Perceber as vantagens da utilização das HMS com crianças com MD	Crianças com MD (número não assinalado)	Melhoria dos níveis de atenção, concentração, de reconhecimento e antecipação da história. A participação foi positiva e nalguns casos houve melhoria na linguagem oral.
Halfens (2010)	Avaliar a eficácia das HMS em indivíduos com MD	34 indivíduos com idades compreendidas entre os 5 e os 34 anos com idade mental inferior a 2 anos	As capacidades adquiridas durante o conto de HMS manteve-se após seis semanas sem intervenção, sugerindo estes resultados que as HMS têm um efeito positivo na capacidade de resposta social das pessoas com mais limitações.
Young (2011)	Conhecer o envolvimento que estes participantes tinham com as histórias	8 crianças com idades entre os 4 e os 19 de idade	A continuação do conto das HMS é importante para apoiar as pessoas com MD e para a sua educação.
Penne (2012)	Perceber se as HMS promovem interações entre contadores de histórias e pessoas com MD durante a sua dinamização	16 pessoas com MD, tendo uma profunda deficiência intelectual e motora grave e seus cuidadores	A dinamização de HMS promove interações de alta qualidade
Hettiarachchi e Ranaweera (2013)	Desenvolver o vocabulário de crianças com dificuldades da linguagem	Crianças com dificuldades da linguagem	Ajudou a aumentar o vocabulário das crianças e as suas capacidades comunicativas.

(cont.)

Tabela 3

Resumo das diferentes investigações internacionais (cont.)

Autor e ano	Objetivos	Participantes	Resultados
Preece e Zhao (2014)	Conhecer a opinião dos professores sobre as HMS produzidas pela Bag Books	5 escolas de educação especial em Inglaterra	Contributo das HMS para a socialização, interação com outros, expressão de preferências: Parceiros comunicativos perceberam o que estes gostam e não gostam.
Ten Brug, Munde, van der Putten e Vlaskamp (2015)	Perceber se o nível de alerta nos indivíduos com MD variava conforme a forma de apresentação do estímulo, quando a história era repetida	12 crianças e 15 adultos com MD, 27 contadores de história	Quando os estímulos eram apresentados de forma mais ativa, o nível de alerta dos ouvintes era mais elevado.
Ten Brug, van der Putten, Penne, Maes & Vlaskamp (2015a)	Analisar a relação entre as linhas orientadoras para o conto de HMS e a atenção dos ouvintes com MD	45 contadores de histórias; 45 ouvintes com MD	Os ouvintes estavam atentos à HMS uma média de 69% do tempo da história. Este nível de atenção aumentou entre a 1ª e a 5ª sessão e diminuiu da 5ª sessão para a 10ª.
Ten Brug, van der Putten, Penne, Maes & Vlaskamp (2016)	Saber qual a importância das HMS, comparando a atenção dos ouvintes em duas situações: escutar livros de HMS e escutar livros de histórias comuns	76 indivíduos com MD, 45 ouviram HMS e 31 ouviram histórias comuns	A atenção dirigida à história foi mais elevada no grupo que ouviu a HMS do que ouviu histórias comuns.

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

O presente capítulo descreve a metodologia de investigação usada neste estudo. O conteúdo deste capítulo encontra-se organizado em cinco tópicos: o primeiro apresenta as questões de investigação e os objetivos do estudo; o segundo tópico descreve a natureza e desenho do estudo; o terceiro indica os participantes do estudo e as suas características; o quarto relata os métodos e as técnicas utilizadas para a recolha e análise de dados e o último descreve os procedimentos éticos utilizados.

1. Questões de investigação e objetivos do estudo

Promover o envolvimento de alunos com MD em atividades comuns às dos seus pares com desenvolvimento típico é um desafio para profissionais e familiares. Focando na atividade específica do conto de histórias, por ser esta uma atividade enriquecedora, observamos que muitos destes alunos não têm a possibilidade de usufruir desta atividade, uma vez que as histórias comuns nem sempre se adequam às suas capacidades. Para ultrapassar este constrangimento, há algumas décadas, surgiram as HMS, construídas tendo em conta as características específicas destes alunos. Neste contexto inquietou-nos conhecer como se caracteriza o envolvimento de alunos com MD na hora do conto, considerando o conto de histórias típicas e de HMS. Tendo por base esta inquietação formulamos as seguintes questões de investigação, que nortearam o presente trabalho:

1. Quais as características das histórias contadas a alunos com MD e que estratégias são usadas pelos docentes (de educação especial, docente bibliotecária e educadora de infância), para promover o seu envolvimento e participação na hora do conto?
2. Como se caracteriza o envolvimento de alunos com MD na hora do conto considerando o conto de histórias comuns e HMS e quais os fatores que influenciam o seu envolvimento? Especificando:
 - 2.1. Quais os comportamentos de envolvimento apresentados, pelos alunos com MD, durante o conto de histórias comuns?
 - 2.2. Quais os comportamentos de envolvimento apresentados, pelos alunos com MD, durante o conto de HMS?

- 2.3. Que diferenças e semelhanças existem nos comportamentos de envolvimento, dos alunos com MD face ao conto de histórias comuns e HMS?
- 2.4. Quais os fatores que influenciam o envolvimento dos alunos durante o conto de histórias?
- 2.5. Quais as estratégias usadas pelos professores (de educação especial e bibliotecário/a) e pela educadora de infância, para promover o envolvimento desses alunos no conto de histórias?

Considerando as questões orientadoras apresentadas formulamos dois objetivos principais para o presente estudo:

- Identificar as características das histórias contadas a alunos com MD e conhecer o modo como os professores dinamizam o momento da hora do conto para estes alunos, particularmente as estratégias usadas;
- Caracterizar o modo como os alunos com MD se envolvem na hora do conto quando lhes são contadas histórias comuns e HMS, identificando as semelhanças e as diferenças existentes nos seus comportamentos quando lhes são contadas este tipo de histórias e os fatores que influenciam a sua capacidade de envolvimento nesta atividade.

Em suma, esta investigação pretendeu analisar as práticas desenvolvidas pelos professores no que diz respeito ao conto de histórias a alunos com MD e os comportamentos de envolvimento destes alunos nesse tipo de atividades.

2. Natureza e desenho do estudo

O estudo segue uma metodologia qualitativa, pois o objetivo é “investigar ideias, descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspectiva dos atores intervenientes no processo” (Coutinho, 2014, p.28). Ou seja, enveredou-se por uma linha de investigação qualitativa, recorrendo a um método indutivo em que, o autor do estudo tentou construir a explicação dos factos à medida que recolheu e analisou os dados (Hill & Hill, 2012). Justifica-se ainda a opção por este paradigma na medida em que a pesquisa se centra na interpretação de ações e comportamentos (Coutinho, 2013). Como afirma Afonso (2005) “A investigação qualitativa preocupa-se com a recolha de informação fiável e sistemática sobre aspetos específicos da rede social usando, procedimentos empíricos com intuito de gerar e interrelacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade” (p.14).

Em termos de modalidade de investigação optou-se pela realização de um estudo de caso. Segundo Yin (1988) o estudo de caso é definido como uma abordagem empírica que investiga um fenómeno atual no seu contexto real, sendo necessário o recurso a múltiplas fontes de dados. Esta modalidade de investigação permite analisar um ou mais casos específicos de forma detalhada, de modo a compreender o caso em si. Coutinho (2011) descreve-nos cinco características a considerar nesta modalidade de investigação, a saber: (i) “o caso é um sistema limitado”; (ii) “o caso é sobre algo”; (iii) “tem que existir a necessidade de preservar o carácter único e específico do caso”; (iv) “a investigação decorre num ambiente natural” e (v) “o investigador recorre a fontes múltiplas de dados e a métodos de recolha muito diversificados: observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, registos de áudio e vídeo, etc.” (p.294). Yin (2001) e Coutinho (2013) destacam também o facto de esta modalidade se adaptar à investigação em educação, nomeadamente quando se pretende compreender de modo holístico e em profundidade uma determinada entidade, fenómeno ou situação, na sua dimensão descrita, quando se deseja saber o «como», e na dimensão analítica quando se procura saber o «porquê». Também pode ser usada quando o investigador dispõe de pouco ou nenhum controlo sobre um fenómeno natural que ocorre num contexto da vida real. Consideramos que a nossa investigação responde a estes requisitos.

Importa salientar que o caso pode ser “um indivíduo, um personagem, um pequeno grupo, uma organização, uma comunidade ou mesmo uma nação” (Coutinho & Chaves, 2002, p.223), sendo que este tipo de pesquisa “é sempre holística (...) ou seja, visa preservar e compreender o “caso” no seu todo e na sua unicidade” (idem).

No entender de Yin (2001) a modalidade de estudo de caso pode ser escolhida quando se tem em vista uma de três intenções principais: explorar, descrever ou explicar. Amado e Freire (2014) também mencionam que os estudos de caso podem assumir uma “multiplicidade de abordagens metodológicas” (p.122), dependendo estas das intenções definidas para o respetivo estudo. Estes autores referem que este pode procurar explorar um determinado fenómeno, assumindo um carácter exploratório; descrever um objeto, situando-se numa “perspetiva fenomenológica (interpretativa) ou explicitar factos (de natureza explicativa). No presente estudo optou-se por se realizar um estudo de caso de natureza interpretativa, dado que se pretendeu compreender a particularidade e a complexidade do caso estudado e não generalizar os resultados obtidos.

Importa ainda clarificar o fenómeno estudado. Selecionaram-se dois casos distintos um em contexto de educação pré-escolar (caso A) e outro em contexto de ensino básico dos 2º e 3º ciclos (caso B). O caso A envolveu uma criança com paralisia cerebral que frequentava uma sala de educação pré-escolar, inserida num meio urbano e o educador de infância responsável por essa sala. O caso B envolveu três alunos que frequentavam uma unidade de apoio à educação de alunos com multideficiência (UAM) inserida num meio rural.

De salientar que ambos os casos foram selecionados por conveniência da autora do estudo. O caso A foi escolhido pelo facto de se exercer funções numa IPSS e de se saber que frequentava esse contexto uma criança com MD onde a prática do conto de histórias era uma prática consistente. O caso B foi escolhido por se viver nessa zona, situação considerada facilitadora da recolha de dados, ainda que não se conhecesse antecipadamente o tipo de experiências que os alunos tinham com o conto de histórias. Importa explicitar que primeiro se selecionou o caso B e só depois surgiu o caso A.

Nos dois casos pretendeu-se descrever e interpretar os comportamentos de envolvimento de crianças e jovens com MD na hora do conto de histórias comuns e HMS. Verifica-se, portanto, que se procedeu a um estudo de casos múltiplos (Amado & Freire, 2014), seguindo ambos o mesmo desenho investigativo.

Tendo em conta os objetivos definidos o nosso estudo desenvolveu-se em três fases sequenciais: a primeira correspondeu à preparação do estudo; a segunda destinou-se à construção e conto de histórias e a terceira dedicou-se à análise dos dados recolhidos na fase dois, como passamos a descrever de seguida.

2.1. Primeira fase - preparação do estudo

Esta fase preparatória do estudo envolveu dois momentos. O primeiro momento correspondeu à formulação de pedidos de autorização para se realizar o presente estudo. Ou seja, este estudo iniciou-se com o contacto com os estabelecimentos de educação e ensino onde se pretendia realizar a pesquisa, no sentido de se efetuar os respetivos pedidos de autorização (ver anexo A) aos diretores dos respetivos estabelecimentos e aos encarregados de educação das crianças e jovens com MD (ver anexo B). O segundo momento visou a recolha de dados relativos às características e interesses das crianças e jovens com MD, no sentido de recolher informação que facilitasse a posterior construção de HMS.

2.2. Segunda fase – Construção e conto de histórias

A segunda fase do estudo procurou, por um lado, identificar as histórias que os docentes de educação especial, a professora bibliotecária e a educadora de infância, contavam às crianças e jovens com MD, e, por outro, construir HMS para posterior dinamização da hora do conto nos dois contextos envolvidos no estudo. Portanto, esta fase organizou-se em dois momentos, os quais passamos a relatar.

O primeiro momento correspondeu à observação do conto de histórias comuns nos dois contextos envolvidos no estudo, recorrendo-se ao registo em vídeo, com o objetivo de identificar as estratégias utilizadas pelo contador de histórias na hora do conto e caracterizar o envolvimento dos alunos nessa atividade.

No segundo momento procedeu-se à construção de duas HMS e respetiva dinamização da hora do conto com essas histórias. Os dados recolhidos neste momento foram registados em vídeo, para posterior análise.

Relativamente à construção das HMS consideramos importante apresentar o modo como estas foram construídas. Criámos duas HMS: “A Ana vai às compras”, e “A final do torneio de boccia” (ver anexo C), ambas com 11 páginas, as quais tiveram em atenção as características e interesses dos alunos do contexto B (caso B). A escolha dos temas das histórias decorreu da análise dos dados referentes à pesquisa documental e à entrevista à docente da educação especial. Deste modo procurámos construir histórias cujo tema fosse significativo para esses alunos, tendo em consideração os seus gostos, as preferências, os hábitos e as suas rotinas.

No decorrer da construção das histórias, e durante a escolha dos objetos demos importância a aspetos como a resistência dos materiais, a segurança que ofereciam aos alunos, as potencialidades de exploração dos objetos, e o seu nível de abstração (procurámos que fossem o mais reais possível, no sentido de facilitar a compreensão do seu significado).

O processo de construção das HMS desenvolveu-se em três fases: seleção do tema, elaboração da narrativa e do respetivo storyboard da HMS, e produção das HMS, as quais passamos a explicar.

O tema da primeira história relaciona-se com uma situação da vida diária, mais especificamente a ida às compras. Em conversa informal com a docente de educação especial da UAM e com as assistentes operacionais, verificámos que os alunos costumam acompanhar os encarregados de educação até ao supermercado. Por esta razão resolvemos construir uma história sobre uma ida ao supermercado, à qual demos o título *A Ana vai às compras*.

A escolha do tema da segunda história surgiu da rotina semanal dos alunos que frequentavam a sala da UAM. Verificámos que duas vezes por semana durante uma hora estes participavam no jogo do boccia. Com base nesta informação construímos uma história que retratava esta modalidade, à qual demos o título *O final do torneio de boccia*.

O segundo passo correspondeu à elaboração da narrativa das duas histórias, sendo as duas originais. Começámos por definir as personagens principais e depois elaboramos o enredo, o qual procurou ser simples, com sequência de ações claras, concretas e do conhecimento dos alunos. Ao escrevermos a narrativa de cada história procurámos que esta pudesse apelar ao uso dos vários órgãos dos sentidos, tais como: o tato, a visão, o olfato, o gosto e a audição.

Escrita a narrativa das histórias procedeu-se à elaboração dos guiões das histórias, os *storyboards* (ver anexo C). Entendemos ser importante utilizar este procedimento, pois o mesmo permite descrever a sequência da narrativa das histórias acompanhada também de indicações e informações técnicas que nos permitem visualizar a sequência da narrativa e posterior dinamização da história. Este procedimento foi seguido noutros estudos sobre esta temática (Miguel, 2015; Gomes, 2016). Porque se mostrou útil em ambos os estudos entendemos ser útil seguir este procedimento na nossa investigação.

O *storyboard* das histórias construídas englobou as seguintes dimensões: título da história, número da página, texto existente na página (narrativa), objeto a colocar na página, órgão dos sentidos que se pretende estimular, indicação dos procedimentos a seguir na construção da página da história e à dinamização da página da história (ver anexo C). Na figura 3 apresentamos um excerto do *storyboard* da história “A Ana vai às compras”, e como podemos verificar este permite-nos ter uma visão global da história, dos objetos a utilizar e do modo como se planeia a sua dinamização.

Página	Capa	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
A Ana vai às compras	Saco de compras – parte do objeto real	Visão Audição
Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Título da história – escrito na placa em letras grandes Objeto 1 – fixo à página	
Dinamização da página da história	1 – Mostrar a capa da história 2 – Ler e apontar para o título da história 3 - Apontar para o objeto	

Figura 3. Excerto de parte do storyboard da HMS *A Ana vai às compras*

Concluídos os *storyboards* das duas HMS passámos à sua produção, sendo o primeiro passo a escolha do formato físico da história. A revisão da literatura aponta para o uso de material resistente tipo contraplacado, acrílico, MDF ou *K-line*, embora este seja um material menos resistente, em tamanho A-3. Optámos por escolher contraplacado de 5 mm em branco. Quanto aos objetos escolhidos para representar o conteúdo de cada página, recorreremos a objetos reais, ou em miniatura, pois considerámos ser mais fácil aos destinatários das histórias a sua associação com a narrativa da história. Nas figuras 4 e 5 mostramos exemplos das páginas das duas histórias construídas.

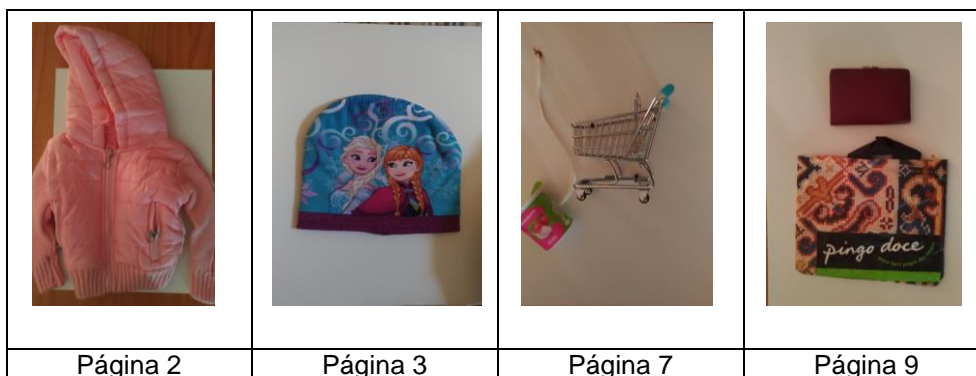


Figura 4. Imagens das páginas da HMS “A Ana vai às compras”



Figura 5. Algumas imagens das páginas da HMS “A final do torneio de boccia”

O modo de fixação dos objetos às páginas foi diferenciado, tendo em mente o facilitarem a sua exploração por parte dos alunos. Assim, alguns objetos foram fixos às páginas e outros ficaram amovíveis. Utilizámos para o efeito braçadeiras para fixar os objetos, pois a cola quente não aderiu ao contraplacado MDF, e velcro para permitir que alguns objetos ficassem amovíveis. Contudo, no decorrer das sessões do conto das histórias, a autora do estudo realizou uma formação sobre este tema, intitulada "*Histórias Multissensoriais - promover o acesso a histórias a pessoas com necessidades especiais*", por Nina Martinez, *Storytelling Manager da Bag Books*. Na sequência dessa formação considerámos útil reajustar a forma de fixar os objetos amovíveis. Verificamos que a melhor solução seria usar um fio fixo à placa e ao objeto, com um tamanho suficiente, para permitir que o objeto fosse mais facilmente manipulado e explorado pelos alunos.

Os objetos utilizados foram adquiridos em lojas comerciais comuns, contudo houve necessidade de adaptação de alguns objetos e de construir outros para que estes se adaptassem à narrativa da história. Como podemos observar na figura 6 na história *A Ana vai às compras* foi necessário adaptar o saco das compras, pois o original era muito grande; tivemos de construir uma porta com fechadura, e colocar a respetiva chave para tornar esta página mais interativa e real. Na página 7 da história "*A final do torneio de boccia*" construímos um campo de boccia e as respetivas bolas, com as cores originais, mas mais leves e macias.

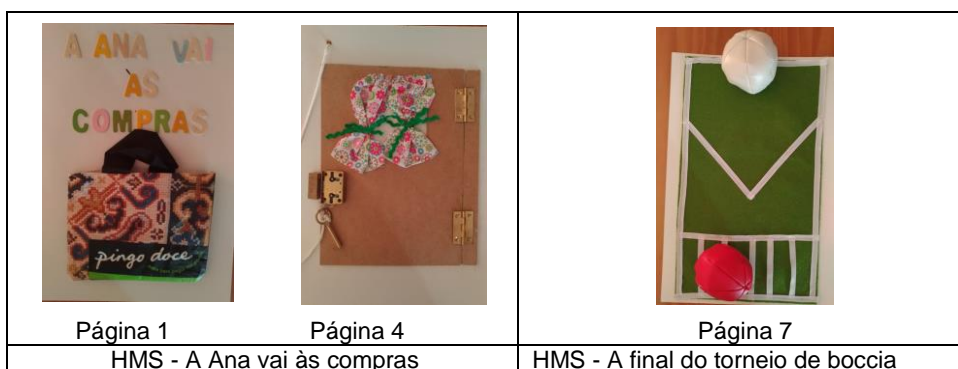


Figura 6. Páginas das HMS com objetos adaptados e construídos pela autora do estudo

Em síntese, construímos duas histórias centradas em temas de interesse dos alunos do caso B, com linguagem simples e acessível. Utilizámos objetos reais, do conhecimento dos alunos, com o intuito de lhes proporcionar estímulos variados e agradáveis. No decorrer das sessões de conto surgiram algumas alterações ao modo com os objetos foram fixados nas páginas. A construção das HMS envolveu três fases:

(i) escolha do tema; (ii) conceção da narrativa e elaboração do *storyboard*; e (iii) produção física da história.

2.3. Terceira fase – Análise dos dados recolhidos

Esta fase dedicou-se ao tratamento e análise dos resultados obtidos na segunda fase do estudo, considerando as histórias comuns e as HMS. Importa referir que ao longo do plano de estudo foi efetuada a revisão da literatura com o intuito de contribuir para uma melhor compreensão dos dados recolhidos.

A tabela 3 apresenta uma síntese das atividades envolvidas nas três fases do estudo.

Tabela 3

Sumário das atividades desenvolvidas em cada fase do estudo

1ª Fase	2ª Fase			3ª Fase
	Recolha de dados – Hora do conto			
Preparação do estudo	1º Momento	2º Momento	3º Momento	Análise de dados
Seleção dos contextos a estudar;	Pesquisa documental dos processos dos alunos e da criança;	Observação de nove sessões de hora do conto de histórias comuns;	Criação da narrativa de duas HMS e elaboração dos respetivos storyboards;	Análise e interpretação dos dados recolhidos;
Elaboração dos pedidos de autorização;	Realização de entrevistas à docente	Recolha de dados referentes às sessões da hora do conto, de histórias comuns.	Construção física das duas HMS;	Redação da dissertação.
Contato com os contextos educativos.	bibliotecária, à docente de educação especial e à educadora de infância.		Dinamização de 12 sessões de hora do conto de HMS; Recolha de dados referentes às sessões da hora do conto das HMS.	
Revisão da literatura				

3. Participantes no estudo

Os participantes no presente estudo são quatro crianças e jovens com MD, uma delas frequenta um contexto de educação pré-escolar (caso A) e as restantes três uma UAM (caso B) e ainda quatro docentes que com elas trabalham, como se descreve a seguir de forma mais pormenorizada.

Antes de descrevermos as especificidades destes participantes importa salientar que os dados de caracterização resultam da pesquisa documental que

efetuámos à documentação cedida pela docente da educação especial e pela educadora de infância; bem como da análise de conteúdo efetuada às entrevistas realizadas a estas duas profissionais. Para o efeito foi necessário criar um instrumento de registo de caracterização dos participantes, (ver anexo D), o qual foi preenchido conjuntamente com a professora e educadora responsáveis pelos participantes do estudo.

Os participantes do caso A foram uma criança do sexo masculino, chamado R., de cinco anos com paralisia cerebral e epilepsia, que frequenta uma sala de jardim-de-infância de uma IPSS situada na zona de Lisboa. De acordo com a informação da sua educadora de infância este menino “tem ataques epiléticos” e espasmos com regularidade. Quanto à mobilidade, o R., “não anda”, o único movimento que executa é mexer a perna direita. Ao nível da comunicação, não usa a linguagem verbal, como diz a sua educadora: “não fala”, comunicando através do olhar como afirma a educadora de infância: “a única forma dele reagir é com o olhar”. O R. tem interesse por música, “adora música”, e também “instrumentos musicais”, e gosta de ouvir os “amigos a cantarem”. Gosta, também, de atividades sensoriais, “tudo o que tenha a ver com o toque”.

Participaram ainda no estudo a sua educadora de infância com idade situada entre 41 e 45 anos, trabalha há mais de 16 anos e tem entre sete a 10 anos de experiência de trabalho com crianças com MD.

Os participantes do caso B foram três alunos com limitações graves que frequentavam uma UAM num agrupamento de escolas da zona oeste do continente português, cujas idades se situavam entre os 14 e os 19 anos. Estes jovens apresentavam diferentes patologias, como se relata na tabela seguinte.

Tabela 4

Caso B: Características dos alunos participantes no estudo

Participantes	Género	Idade	Diagnóstico
Aluno B.	F	19	Microcefalia, dismorfia facial. Deleção terminal do braço longo do cromossoma 7.
Aluno J.	M	18	Atraso global de desenvolvimento Perturbação do desenvolvimento intelectual
Aluno J.P.	M	14	Paralisia cerebral - Tetraparésia

Quanto às características dos alunos, os docentes destes alunos indicaram que “Eles participam de certa forma nas atividades”. Por outro lado, foi referido pela docente de educação especial que as atividades têm de ser diversificadas, como se ilustra no seguinte excerto: “Tem de se ter uma grande diversidade de atividades”.

Participaram ainda duas professoras: uma do grupo 910 da educação especial (docente D) e uma bibliotecária (docente C). As professoras, ambas do sexo feminino, tinham mais de 50 anos de idade e mais de 26 anos de serviço docente, mas apenas uma tinha entre 11 e 15 anos de experiência com alunos com MD, como se descreve na tabela que se segue.

Tabela 5

Caso B. Características dos docentes participantes no estudo

Itens	Professores	
	Docente C	Docente D
Idade	Entre 56-59 anos	Entre 51-55 anos
Anos de serviço docente	31 ou mais	26-30
Experiência com crianças e jovens com MD	Entre 0-3 anos	Entre 11-15 anos
Experiência enquanto bibliotecária	-	-
Formação profissional	Docente 1º Ciclo	Educadora de Infância
Nível de ensino que leciona atualmente	Professora bibliotecária	Educação Especial

4. Métodos e técnicas de recolha de dados

De acordo com Tuckman (2005) na investigação de cariz qualitativo encontramos vários métodos de recolha de dados que podem ser usados como recursos para a obtenção de informação. A escolha decorre dos objetivos traçados para o estudo e encontra-se relacionada com a metodologia utilizada (Carmo & Ferreira, 2008). Tendo estes pressupostos em consideração no presente estudo, recorreu-se às seguintes técnicas de recolha de dados: (i) pesquisa documental dos processos das crianças e jovens participantes; (ii) conversas informais com os diretores dos dois estabelecimentos de educação e ensino e docentes envolvidos no estudo; (iii) observação naturalista das sessões da hora do conto com recurso ao registo de vídeo e a notas de campo; e (iv) entrevista semiestruturada aos professores participantes: docente bibliotecária, docente de educação especial e educadora de infância. Estas técnicas foram usadas ao longo das duas primeiras fases do estudo com diferentes propósitos como se expressa na tabela 6.

Tabela 6

Descrição das técnicas usadas durante o processo de recolha de dados

Fases do estudo	Descrição das técnicas e procedimentos usados	Objetivos com que as técnicas foram usadas
Fase I	<p>Conversas informais</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa documental: documentos dos processos dos alunos; - Conversas informais com a docente de educação especial; - Notas de campo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Obter autorizações para realizar o estudo. - Conhecer as capacidades, interesses, limitações, e preferências das crianças e jovens; - Conhecer as suas rotinas.
Fase II	<p>1º Momento Recolha de dados</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entrevistas semiestruturadas às professoras e educadora de infância; - Observação dos recursos existentes ao nível da literatura para a infância nos dois contextos educativos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as características das histórias contadas aos alunos com MD; - Conhecer as reações dos alunos com MD ao conto de histórias comuns; - Motivar o entrevistado para a utilização de HMS e participar no estudo.
Fase II	<p>2º Momento Observação da hora do conto de histórias comuns</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação naturalista da hora do conto de histórias comuns, recorrendo ao registo de vídeo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as estratégias utilizadas pelo contador de histórias no conto de histórias comuns; - Caracterizar o envolvimento das crianças e jovens na hora do conto.
Fase II	<p>3º Momento Construção e dinamização de HMS</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação da hora do conto de histórias HMS, recorrendo ao registo de vídeo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as estratégias utilizadas pelo contador de histórias no conto de histórias HMS; - Caracterizar o envolvimento dos alunos na hora do conto.

Seguidamente descrevemos com mais detalhe cada uma das técnicas de recolha de dados acima indicadas e utilizadas no presente estudo.

4.1. Pesquisa documental

Recorreremos à pesquisa documental, mais especificamente à leitura dos processos individuais das crianças e jovens no sentido de recolher informação que nos permitisse conhecer melhor estes participantes (compreender as suas principais características). Como afirmam Bogdan e Bilken (1994) o contributo destas informações é variável, uma vez que alguns documentos fornecem descrições inúteis

e outras dão informações reais, pelo que cabe ao investigador fazer a seleção da informação que é relevante para a sua investigação.

Neste estudo a pesquisa documental implicou a análise dos seguintes documentos existentes nos processos individuais destes participantes: Programas Educativos Individuais (PEI), Currículos Específicos Individuais (CEI) e relatórios de avaliação. A informação contida nestes documentos contribuiu para conhecermos as capacidades, limitações, gosto e preferências das quatro crianças e jovens que participaram no estudo. Analisámos ainda o horário da sala da UAM (Caso B) de modo a saber em que atividades os alunos participavam.

4.2. Entrevista semiestruturada

A entrevista foi uma das técnicas usadas neste estudo, por nos possibilitar a recolha de "dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como sujeitos interpretam aspetos do mundo" (Bogdan & Biklen, 1994, p.134). Segundo estes autores, a entrevista consiste numa conversa intencional entre duas ou mais pessoas, dirigida por uma dessas pessoas, com o objetivo de obter informações. Os mesmos autores referem que no início da entrevista é pertinente informar o entrevistado sobre o objetivo da entrevista e garantir-lhe o total anonimato, para que o entrevistado se sinta confortável e não oculte aspetos pertinentes. Estrela (1994) adverte ainda para o facto de se evitar, dirigir demasiado a entrevista, dar a palavra ao entrevistado, durante o tempo que ele quiser, sobre a temática que quiser. Ou seja, deverá haver uma orientação semiestruturada, desenvolvida com base nos objetivos. Procurámos ter estes requisitos em consideração no presente estudo. Ainda na opinião de Estrela (1994) o recurso à entrevista implica procedimentos diversos os quais se podem estruturar em três fases: a elaboração do guião, a realização da entrevista e a elaboração do respetivo protocolo e a posterior análise de conteúdo desses dados. Estes procedimentos foram realizados no presente estudo.

Optámos por realizar três entrevistas semiestruturadas às docentes participantes do estudo: uma à professora bibliotecária, outra à professora de educação especial, a lecionar na UAM, e outra à educadora de infância.

Como nos refere Afonso (2005) as entrevistas semiestruturadas devem ser previamente planeadas, o que implica a elaboração de um guião organizado e estruturado. Assim, tendo em conta este procedimento passamos a apresentar a forma como estruturámos os guiões das entrevistas realizadas. De uma forma geral,

os guiões de entrevista integraram informação sobre os objetivos gerais a alcançar com cada entrevista e respetivos blocos temáticos, bem como os objetivos específicos de cada bloco e as respetivas questões a formular.

No caso da entrevista à educadora de infância procurámos identificar as características das histórias contadas à criança com MD, conhecer as suas perceções sobre as reações da criança com MD ao conto de histórias comuns e motivar a entrevistada para a participação neste estudo, como se pode observar no anexo E.

No caso da entrevista à professora responsável pela biblioteca escolar desejou-se: (i) identificar as características das histórias contadas aos alunos com MD, (ii) conhecer as reações dos alunos com MD ao conto de histórias comuns na opinião da entrevistada, e por fim (iii) motivar a entrevistada para a participação do estudo. Os blocos temáticos desta entrevista dizem respeito à legitimação da entrevista; aos tipos de histórias que são contadas aos alunos com MD; à motivação da entrevistada para a utilização das HMS, e por último, finalizar a entrevista, como se descreve no anexo F.

Quanto ao guião de entrevista realizada à professora de educação especial a lecionar na UAM (ver anexo G), procurámos, tal como na entrevista à professora bibliotecária, identificar as características das histórias contadas aos alunos com MD e conhecer as suas perceções relativamente às reações dos alunos com MD ao conto de histórias comuns.

Em termos de procedimentos as entrevistas foram previamente agendadas (data e local) com as entrevistadas, tendo estas sido informadas sobre o tema da entrevista. As entrevistas decorreram num ambiente e contexto considerado adequado e foram gravadas em suporte áudio, após autorização prévia das entrevistadas (Quivy & Campenhoudt, 1998). Posteriormente, as entrevistas foram transcritas pela autora do estudo tendo em consideração mudanças de entoação, interjeições, risos, momentos de pausa, etc., para posterior análise.

4.3. Observação

No nosso estudo recorreremos ainda à observação não participante e participante que permitiu aferir comportamentos relacionados com o envolvimento e a participação dos alunos com MD na hora do conto, considerando as histórias comuns e as HMS.

Considera-se que a observação é participante quando o observador participa na vida do sujeito ou grupo por ele estudado. Segundo Estrela (1994) a observação participante corresponde a uma análise em que o observador pode participar na

atividade do sujeito observado, sem nunca deixar de representar o seu papel de observador. Para este autor a observação da criança pode ser realizada através de uma técnica do tipo naturalista, a qual permite a descrição de comportamentos. Isto é na observação participante "...o investigador assume um papel ativo e atua mais como um membro do grupo que observa, o objetivo neste caso é conseguir ter a perspectiva de um *insider* do grupo sem perder a credibilidade que assiste a um investigador social" (Angrosino, citado por Coutinho, 2012, p. 138).

Num primeiro momento do estudo começámos por observar os dois contextos onde o estudo se realizou: a sala da UAM (caso B) e a sala de jardim-de-infância (caso A). Com estas observações pretendemos verificar como estes espaços estavam organizados em termos de áreas, se existia um espaço destinado aos livros, quais os livros que estavam disponíveis para os alunos e as rotinas destes alunos. Importa salientar que no decorrer destas observações tivemos um papel de observador não participante, limitando-nos a observar os contextos (Coutinho, 2013).

No decorrer destas observações tivemos várias conversas informais com a docente de educação especial do caso B, que nos permitiu conhecer melhor o grupo de alunos que frequenta a UAM. Para documentar algumas destas observações e conversas informais foram tomadas notas de campo (ver anexo H).

Bogdan e Biklen (citado por Coutinho, 2016) referem que as notas de campo são "o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo" (p.341). No nosso estudo utilizámos, sobretudo, notas de campo de carácter descritivo que, segundo Coutinho (2016) "são geralmente descrições precisas e minuciosas, com um baixo grau de inferências do ambiente, da aparência física e do carácter do participante" (p. 136).

Num segundo momento do estudo, optámos pelo recurso à observação participante (Flick, 2002; Coutinho, 2013), uma vez que a contadora de histórias era a autora do estudo. Para esta recolha de dados recorreremos ao registo de vídeo para memorizar o que se passou nas 12 sessões realizadas e, assim, facilitar a análise do envolvimento dos alunos na hora do conto de histórias comuns e das HMS durante essas sessões. O recurso a este equipamento constitui-se como uma ferramenta imprescindível na medida em que permitiu à autora do estudo obter um registo da realidade, através de visualização e análise dos registos vídeo realizados, sem limites de repetição (Bergman, citado por Flick, 2002). Ou seja, esta possibilidade permitiu-

nos observar pormenores que, por vezes, não são detetáveis nas observações que ocorrem nas situações presenciais.

Na tabela seguinte apresentamos o número de sessões da hora do conto observadas, considerando as seguintes dimensões: número de sessões com histórias comuns e HMS; o tempo de duração das mesmas, e o número de alunos envolvidos.

Tabela 7

Sessões da hora do conto

Itens		Caso A						Caso B						Total
Número de sessões	Histórias comuns	6						3						9
	HMS	6						6						12
Tempo de observação	Sessões	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a			9	
	Histórias comuns	5'2 5"	5'4 0"	5'2 3"	5'4 6"	5'2 5"	5'2 0"	7'22"		16'58"		12'16"	67'75"	
	HMS	7'1 9"	7'2 2"	7'2 3"	6'3 2"	6'3 0"	6'4 0"	1 ^a 9'2 3"	2 ^a 9'1 2"	3 ^a 13' 55"	4 ^a 10' 36"	5 ^a 7'5 6"	6 ^a 8'1 8"	98'66"
Número de crianças envolvidas	Histórias comuns	1	1	1	1	1	1	3		3		3	4	
	HMS	1	1	1	1	1	1	3	3	3	3	3	3	4

No contexto do caso A realizaram-se, no total, seis sessões de hora do conto de histórias comuns. Importa assinalar que neste contexto há uma rotina diária do conto de histórias, podendo haver o conto de histórias mais do que uma vez por dia. As sessões de conto de histórias comuns foram gravadas pela autora do estudo, sendo que, a contadora de história foi a educadora de infância deste contexto.

No contexto do caso B realizaram-se três sessões de hora do conto de histórias comuns, sendo a docente de educação especial a contadora de história. Todas as sessões foram gravadas em vídeo pela autora do estudo.

Em ambos os casos (Caso A e Caso B) as filmagens do conto de HMS foram realizadas pelas assistentes operacionais, dado que a própria autora do estudo se encontrava a contar as HMS. O uso da gravação permitiu registar o envolvimento da criança e jovens na hora do conto atendendo aos dois tipos de histórias observadas. Estes dados foram recolhidos nos meses de março a maio de 2018.

5. Métodos e técnicas de análise de dados

Seguidamente procedemos à descrição dos métodos e das técnicas utilizadas na análise de dados recolhidos, tendo em consideração as diversas técnicas de

recolha de dados usadas. Começamos por descrever os procedimentos relativos à pesquisa documental.

5.1. Dados da pesquisa documental

Os dados resultantes da pesquisa documental, nomeadamente dos documentos existentes nos processos individuais das crianças, facultados pelos professores (professora de educação especial e educadora de infância), foram analisados de forma a recolher dados pertinentes para conhecer o diagnóstico das crianças, as suas idades e as principais capacidades, limitações e interesses. A análise implicou a leitura dos documentos e a elaboração de registos escritos através do recurso a notas de campo e ao preenchimento de uma grelha de caracterização dos alunos.

5.2. Dados das entrevistas semiestruturadas

Os dados recolhidos nas entrevistas semiestruturadas foram tratados através da análise de conteúdo de natureza essencialmente indutiva. Este processo facilitou a análise sistemática do corpo do texto produzido pelas declarações das entrevistadas (Coutinho, 2013).

A análise de conteúdo requer, segundo Quivy e Campenhoudt (1998) "... a aplicação de processos técnicos relativamente precisos" e "oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos" (p.226). Bardin (1979) refere ainda que o processo de "... codificação corresponde a uma transformação dos dados em bruto do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto" (p.104). Por seu lado, Vilelas (2009) descreve este procedimento como um "... desmembramento do texto" (p. 338), chamado também de "...análise categorial" (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 228). Este processo permite a identificação e separação do texto em unidades de registo, para depois as agrupar em categorias (Madureira, 2012).

Em termos de procedimentos, as três entrevistas gravadas foram transcritas (ver anexo I) e, posteriormente efetuámos a análise do seu conteúdo (Anexos J). A análise de conteúdo concretizou-se essencialmente em duas fases. Numa primeira fase, desmembrámos o texto das entrevistas em unidades de registo, que corresponderam a partes de frases ou a frases completas, as quais representavam ideias claras, objetivas e com significado para o contexto do estudo. Estas unidades

de registo foram seguidamente revertidas em indicadores. Numa segunda fase procedemos à categorização dos indicadores criados, estabelecendo-se subcategorias, categorias e blocos temáticos.

5.3. Dados de observação

Os dados das observações realizadas nas sessões da hora do conto nos dois casos (A e B), registados em vídeos, foram analisados através do recurso a um instrumento de registo por nós construída para o efeito denominada “Grelha de registo e análise da observação em vídeo das sessões do conto”. O recurso a este instrumento permitiu-nos analisar os comportamentos observados e os contextos onde estes ocorreram. Iniciámos o processo de análise organizando a informação referente a cada sessão, considerando quatro dimensões: (i) estratégias usadas pelo contador de histórias, (ii) estratégias usadas para promover o envolvimento dos alunos; (iii) comportamentos dos alunos e (iv) fatores que parecem influenciar o envolvimento do aluno. No total preenchemos 21 grelhas, que corresponderam a 12 registos referentes ao caso A (ver anexo L), e nove grelhas correspondentes ao caso B (ver anexo M). Descritos os comportamentos observados procedemos à análise de conteúdo das mesmas (ver anexo N). Posteriormente elaborámos uma grelha síntese com as análises de conteúdo correspondentes às histórias comuns e às HMS, considerando os dois casos estudados, como poderemos observar no anexo O.

Os dados de observação foram ainda usados para analisar o envolvimento das crianças e jovens na atividade de conto de histórias (histórias comuns e HMS). Para analisar este aspeto procedemos a uma revisão da literatura sobre o tema, a qual nos permitiu contactar com o instrumento “*Engagement Profile and Scale*” (EPS) (*Perfil e Escala de Envolvimento*) usado para, de forma sistemática, avaliar, medir e registar o progresso dos níveis de envolvimento de alunos com MD nas atividades em que estes participam nos contextos educativos (Bhogal, 2016). Este instrumento resulta do projeto de investigação *CLDD¹ Research Project²* (Carpenter et al., 2011; Carpenter et al., 2015). Este instrumento permite que os profissionais se centrem no envolvimento da criança como um aprendiz e criem vias de aprendizagem personalizadas. Por conseguinte, o instrumento propõe uma reflexão centrada na criança, de modo a que os profissionais possam perceber como aumentar o seu envolvimento e conduzi-las a uma aprendizagem mais profunda (Carpenter et al., 2011; Carpenter et al., 2015).

¹ Complex Learning Difficulties and Disabilities

² ver <http://complexld.ssatrust.org.uk>

Este instrumento tem duas partes complementares: o Perfil de Envolvimento e a Escala de Envolvimento. Em ambas as partes o envolvimento é analisado de forma multidimensional, abrangendo as seguintes dimensões ou indicadores: consciência, curiosidade, investigação, descoberta, antecipação, persistência e iniciativa (Bhogal, 2016; Carpenter et al., 2011; Carpenter et al., 2015). Os professores ao se concentrarem nestes indicadores podem fazer diversas perguntas, por exemplo: "Como posso mudar a atividade de aprendizagem para estimular a curiosidade do João?". Nas situações em que a criança não se envolve em nenhuma atividade, o instrumento em análise pode ser usado para estruturar uma avaliação informal das atividades em que a criança se envolve de forma construtiva. As descobertas podem ser usadas como ponto de partida para se perceber como se pode envolver mais a criança na aprendizagem (Carpenter et al., 2011; Carpenter et al., 2015).

Para o presente estudo apenas usamos a parte referente à Escala de Envolvimento, a qual constitui "uma ferramenta em que os observadores registam e medem as alterações observadas no envolvimento da criança" (Bhogal, 2016, p.17). Os seus autores (Carpenter et al., 2015) salientam que com base nos dados registados a equipa pode refletir sobre a aprendizagem das crianças e a sua própria prática profissional, na medida em que pode perceber o impacto das adaptações personalizadas feitas para a atividade, tendo em vista envolver o mais possível a criança nas mesmas. Em última análise a finalidade da Escala é delinear a caminhada da criança para se envolver de forma significativa nas atividades e realizar uma aprendizagem sustentada.

Face aos objetivos do presente estudo a Escala foi usada tendo como principal propósito registar e medir os níveis de envolvimento das crianças e jovens participantes na atividade de conto de histórias (histórias comuns e HMS). Os sete indicadores foram pontuados numa escala de zero a quatro pontos: onde o «0» representa «ausência de envolvimento», o «1» corresponde a um «nível baixo ou mínimo de envolvimento», o «2» representa um «envolvimento parcialmente mantido», o «3» corresponde a um «envolvimento quase sempre mantido» e o «4» representa o «nível máximo de envolvimento», quer dizer que a criança está completamente envolvida na situação.

Para além do registo do nível de envolvimento da criança em cada um dos sete indicadores, o formulário da Escala possibilita ainda que os profissionais descrevam o ambiente de aprendizagem e indiquem as ações que foram desenvolvidas desde o último registo. Ao nível do envolvimento da criança há espaço para descrever os seus

comportamentos durante a atividade ou o que não se observou e ainda as ações a desenvolver no futuro (Carpenter et al., 2015) (ver anexo P). Face à especificidade do presente estudo, procedemos a algumas alterações do formulário original, como se pode observar no anexo Q.

Em termos de procedimentos desenvolvidos no presente estudo, o preenchimento da Escala de Envolvimento pressupôs a visualização dos registos vídeos e posterior preenchimento do instrumento por parte da autora do estudo. De modo a garantir a validade do registo, os vídeos foram observados conjuntamente com a orientadora do estudo e pontuados individualmente. Concluído esse processo a pontuação atribuída por ambas foi apresentada e discutida até se chegar a um acordo.

Importa referir ainda que nem todos os registos vídeo realizados foram analisados com esta Escala, dado o elevado volume de informação recolhido. Assim, seleccionámos 14 vídeos: seis corresponderam a histórias comuns e oito a HMS, como se retrata na tabela 8. Considerámos importante escolher vídeos iniciais, intermédios e finais, para que se ficasse com uma representação dos níveis de envolvimento apresentados pelos participantes ao longo do tempo com cada tipo de histórias contadas.

Tabela 8

Indicação das sessões de conto de histórias comuns e HMS onde se aplicou a Escala de Envolvimento

Tipo de histórias contadas	Sessões escolhidas							
	Caso A				Caso B			
Histórias comuns	1 ^a	3 ^a	4 ^a	6 ^a	1 ^a	3 ^a		
HMS	1 ^a	3 ^a	4 ^a	6 ^a	1 ^a	3 ^a	4 ^a	6 ^a

6 Procedimentos éticos

Ao empreender uma investigação em educação há “... questões éticas próprias que devem ser respeitadas” (Kramer, 2002), pois deve-se ter “... todos os cuidados que envolvam as relações humanas” (Margarida, 2008).

Descrevendo o nosso roteiro ético, diremos que iniciámos a nossa investigação por pedir autorização ao diretor do agrupamento de escolas dos participantes do caso B para realizar o estudo na UAM, explicando os objetivos do mesmo, garantido a confidencialidade dos participantes e que os dados seriam utilizados unicamente para os fins do estudo em questão. Seguidamente, informámos os participantes no nosso estudo sobre os objetivos definidos para a pesquisa e as estratégias delineadas e, posteriormente, solicitámos autorização para participar no estudo, o que pressupôs o

recurso ao documento “Termo de Consentimento Informado” (ver anexo R). De assinalar que o Consentimento Informado em pesquisa “... é uma exigência moral a ser observada por investigadores” (Gaiva, 2009, p.140), no qual o sujeito está “... envolvido direta ou indiretamente na investigação e recebe orientação detalhada sobre os procedimentos” (Idem).

Em relação às crianças e jovens que participaram no estudo, pedimos autorização por escrito aos respetivos encarregados de educação, através também de um termo de consentimento informado (ver anexo R), uma vez que são estes os seus responsáveis pelas decisões relacionadas com as mesmas. Nesse documento solicitámos ainda autorização para a recolha de imagens em vídeo (filmagem) e garantimos que os dados seriam utilizados exclusivamente para os fins do estudo, bem como a confidencialidade e proteção da informação. Juntámos ao termo de consentimento informado um panfleto sobre as HMS (ver anexo S). Previamente, informámos os pais dos objetivos do estudo e de como este iria decorrer.

Relativamente às entrevistas realizadas aos docentes informámos antes as entrevistadas sobre o tema do estudo, os seus objetivos e as estratégias delineadas. Pedimos também autorização para gravar a entrevista e disponibilizámo-nos para devolver a mesma depois de transcrita. Assegurámos ainda o anonimato do entrevistado e a confidencialidade das informações recolhidas.

A garantia da confidencialidade foi outro aspeto tido em consideração com todos os participantes do estudo por forma a respeitar a “... questão ética e legal” (Gaiva, 2009, p.142) e facilitar a relação entre o pesquisado e o pesquisador tornando-a mais descontraída e espontânea (Idem).

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo tem como propósito apresentar e analisar os resultados dos dados recolhidos através da pesquisa documental, das entrevistas e das observações realizadas pela autora do estudo. O capítulo está organizado considerando os dois casos estudados: o caso A (corresponde ao contexto A) e o caso B (corresponde ao contexto B). Em cada caso apresentam-se os resultados referentes: (i) às características das histórias contadas à/ao criança/aluno com MD nos contextos educativos em estudo; (ii) às estratégias usadas pelos profissionais para contar as histórias comuns e HMS; (iii) aos comportamentos das crianças/alunos em termos do seu envolvimento durante a atividade de conto de histórias; e (iv) aos fatores que influenciam o envolvimento da criança/aluno. Depois de concluída a apresentação dos resultados dos dois casos estudados procede-se à sua discussão, considerando-se as questões orientadoras e os objetivos definidos para este estudo, bem como a revisão da literatura.

1. Apresentação dos resultados referentes ao Caso A

Lembramos que os participantes envolvidos no caso A são: (i) uma criança do sexo masculino, de cinco anos com paralisia cerebral, que frequenta uma sala de jardim-de-infância e (ii) uma educadora de infância do ensino regular, para além da autora do estudo. A educadora de infância contou seis histórias comuns, as quais foram por nós filmadas. Também foram contadas pela autora do estudo duas HMS nos momentos da hora do conto, as quais foram registadas em vídeo, tendo tido a autora do estudo o apoio das auxiliares de ação educativa da sala do jardim-de-infância. Começamos por apresentar os resultados referentes às características das práticas de conto de histórias no contexto educativo.

1.1. Características das práticas de conto de histórias no contexto educativo

Segundo os dados recolhidos na entrevista realizada à educadora de infância, o conto de histórias faz parte integrante da rotina diária da sala de jardim-de-infância frequentada pela criança com MD, afirmando esta que esta atividade acontece “uma ou duas por dia” e “muitas das vezes mais de que uma vez por dia”. A educadora de infância refere ainda que a escolha das histórias que são contadas na sala de jardim-

de-infância, pode ser feita pelas crianças, como se ilustra no seguinte excerto da sua entrevista: “são eles que escolhem uma ou duas”, ou pela educadora quando esta pretende abordar determinada temática, como nos explicita nas suas palavras: “algumas temáticas a trabalhar, e trago a história”.

Relativamente aos temas das histórias contadas na sala, a educadora de infância revelou-nos que “são as comuns numa sala de jardim-de-infância”. Durante a entrevista também nos disse que conta algumas histórias consideradas “mais tradicionais”. Por outro lado, por vezes, as histórias assumem um caráter mais lúdico, inferindo que também procura criar um ambiente de mais fruição nos momentos de conto de histórias. Importa salientar que na rotina do jardim-de-infância é comum a educadora pedir às crianças para escolherem o livro que será de leitura na hora do conto.

Para além de se identificar os momentos em que as histórias são contadas neste contexto educativo, procurou-se conhecer os livros de histórias existentes e disponíveis para as crianças na sala de jardim-de-infância. Para o efeito fizemos um levantamento do acervo existente, recorrendo à observação direta, onde foi possível verificar o acervo existente, caracterizar o tamanho dos livros e classificá-los segundo a classificação decimal universal (C.D.U.). Neste processo identificámos ainda os que pertencem ao plano nacional de leitura. A lista completa encontra-se no anexo T.

Quanto à classificação do acervo existente, no geral observamos a existência de 39 livros relacionados com a literatura, seis com geografia e história, três com a temática das ciências sociais e dois que abordam a arte e o desporto, como se ilustra na figura 7. Verifica-se assim, ser o acervo observado composto essencialmente por livros relacionados com a literatura.

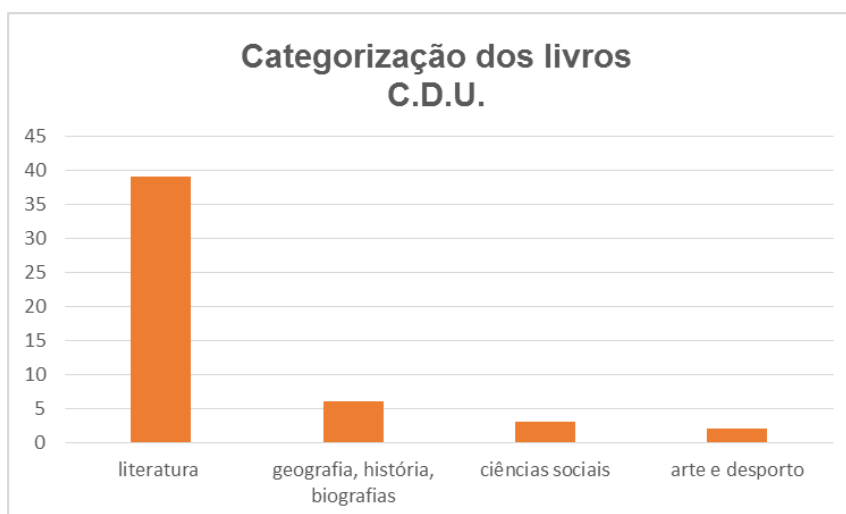


Figura 7. Categorização dos livros existentes no contexto do caso A, segundo a C.D.U.

Quanto ao acesso que as crianças têm a este acervo, no espaço da sala de atividade existe apenas uma pequena biblioteca com cerca de 15 livros, sendo estes sobretudo, livros de personagens da Disney: Mickey, Donald, e algumas revistas. De salientar que a educadora de infância tem ainda num armário alguns livros pessoais e que as crianças podem solicitar à educadora um desses livros / história, sendo-lhes permitido o acesso e a sua exploração.

Relativamente ao tamanho dos livros existentes e usados no jardim-de-infância que a criança com MD frequenta, de acordo com a informação resultante da observação direta, este varia entre três tamanhos: A2, A4, e A5, como se expressa na tabela 9. Importa realçar que a maioria dos livros observados tem o formato de A4, embora o tamanho A2 também seja observado com alguma regularidade.

Tabela 9

Tamanho dos livros existentes na sala de jardim-de-infância

Tamanho dos livros	Quantidade	
	N.º	%
A4	33	66%
A2	11	22%
A5	06	12%
Total	50	100%

1.2. Estratégias usadas pelos profissionais para contar as histórias

1.2.1. Histórias comuns

Participaram nesta atividade a educadora de infância, a autora do estudo enquanto observadora, a assistente operacional (quase sempre) e as crianças que frequentavam o jardim-de-infância. O tempo médio de duração do conto de histórias nas seis sessões observadas foi de cinco minutos e trinta segundos, sendo o mínimo cinco minutos e 23 segundos e o máximo cinco minutos e 46 segundos. Portanto, as sessões de conto de histórias foram contadas num curto período de tempo.

As histórias foram contadas no espaço da sala de atividades, sendo que a criança R. se senta num puf na roda com o restante grupo de crianças, quase sempre perto da educadora de infância ou da assistente operacional. A educadora de infância conta a história ao grupo, iniciando a atividade chamando a atenção das crianças para a capa, a contracapa e a lombada do livro. Também refere os autores e ilustradores e pede às crianças para prestarem atenção à atividade, dizendo uma lengalenga. Por

vezes senta-se numa cadeira perto do círculo de crianças. A autora do estudo encontra-se fora do círculo de crianças para filmar o conto da história.

As histórias contadas nas seis sessões observadas foram apenas duas: o Elefante diferente (três vezes) e o Cuquedo (três vezes).

A análise dos dados de observação registados em vídeo revela-nos ainda que a contadora de história utilizou estratégias diferenciadas na dinamização do conto de histórias e na interação com as crianças, sendo umas mais frequentes do que outras, como se descreve na tabela 10.

Tabela 10

Estratégias usadas pela contadora da história nas histórias comuns no caso A

Estratégias observadas		Consistência da observação dessas estratégias
No conto da história	Posicionamento em roda com o grupo de crianças	Seis em seis sessões
	Apresentação e conto de uma página de cada vez	
	Utilização de alguns gestos	
	Utilização de onomatopeias	
Na interação com as crianças ou alunos	Execução de gestos direcionados à criança com MD	Quatro em seis sessões
	Apresentação das páginas da história ao grupo	Três em seis sessões
	Apresentação das páginas da história à criança com MD	
	Produção de onomatopeia em frente à criança com MD	
	Repetição dos gestos perante a criança com MD	Uma em seis sessões

A análise dos resultados apresentados na tabela anterior revela que ao nível da dinamização do conto de histórias foram utilizadas as seguintes estratégias: (i) posicionamento em roda com o grupo de crianças; (ii) apresentação e conto de uma página de cada vez e (iii) utilização de alguns gestos.

Ao nível da interação com as crianças a contadora utilizou estratégias diversas, tais como: (i) execução de gestos direcionados à criança com MD; (ii) apresentação das páginas da história ao grande grupo; (iii) apresentação das páginas da história à criança com MD; (iv) produção de onomatopeia em frente à criança com MD, e (v) repetição dos gestos junto da criança com MD.

Segundo os registos de observação das horas do conto, assinalamos que a educadora utiliza o livro para contar a história, coloca-se em roda com o grupo de crianças, lê uma página de cada vez e de seguida mostra a página lida.

1.2.2. Histórias multissensoriais

Participaram nesta atividade a educadora de infância (em cinco das seis sessões realizadas), a autora do estudo enquanto contadora das histórias, a assistente operacional (em quatro das seis sessões), uma estagiária para assistente operacional (em duas das seis sessões) e as crianças que frequentavam o jardim-de-infância (em duas sessões a história foi contada ao R. sem a presença das outras crianças que se encontravam no exterior do jardim-de-infância). O tempo médio de duração do conto de histórias nas seis sessões observadas foi de sete minutos e 19 segundos, oscilando entre seis minutos e 30 segundos e sete minutos e 32 segundos.

As histórias contadas nas seis sessões observadas foram apenas duas: A final do torneio de boccia (três vezes) e A Ana vai às compras (três vezes). Estas histórias foram contadas no espaço da sala de atividades, sendo que o R. se encontra sentado na sua cadeira na roda com o restante grupo de crianças, quando estas estão presentes. Quando participa a educadora de infância senta-se junto do grupo de crianças e a assistente operacional filma a atividade. A autora do estudo está sentada em frente da criança R.

A análise dos vídeos destas sessões do conto destas histórias permitiu-nos verificar que a contadora de história utilizou estratégias de natureza diversa e relacionadas com: (i) o conto da história; (ii) a interação com a criança; e (iii) a promoção do envolvimento da criança, como se descreve na tabela 11.

Tabela 11

Estratégias usadas pela contadora da história nas HMS no caso A

Estratégias observadas ao nível:		Consistência da observação das estratégias
Conto da história	Posicionamento em frente à criança	Seis em seis sessões
	Apresentação e conto de uma página de cada vez	
Interação com a criança	Individualização do conto perante a criança	Três em seis sessões
	Verbalização de uma lengalenga no final da história	
Promoção do envolvimento da criança	Comentário verbal sobre os objetos explorados	Cinco em seis sessões
	Nomeação verbal dos objetos a explorar	Quatro em seis sessões
	Comentário verbal face ao comportamento	Duas em seis sessões
	Reforço positivo do comportamento	Uma em seis sessões
Promoção do envolvimento da criança	Modelação de comportamentos	Seis em seis sessões
	Disponibilização de objetos à criança	
	Apoio mão sobre mão na exploração do objeto	
	Incitação verbal para a execução das tarefas	Quanto em seis sessões
	Repetição de vocabulário	Uma em seis sessões

Ao nível do conto de história verificámos o recurso às seguintes estratégias nas seis sessões analisadas: (i) posicionamento em frente à criança; (ii) apresentação e conto de uma página de cada vez; e (iii) individualização do conto perante a criança. Em três das sessões observamos a verbalização de uma lengalenga no final da história. A contadora coloca-se em frente à criança para o conto da história, apresenta uma página de cada vez, e as páginas são apresentadas individualmente à criança.

Ao nível da interação com a criança R. a contadora utilizou diversas estratégias, mas nem sempre as mesmas em todas as sessões. Observámos o recurso frequente (quatro em seis sessões) as estratégias como: (i) comentário verbal sobre os objetos explorados; (ii) nomeação verbal dos objetos a explorar; (iii) reforço positivo do comportamento; e (iv) comentário verbal face ao comportamento. A contadora interage com a criança, fazendo comentários verbais sobre os objetos a explorar e acerca do comportamento da criança.

Ao nível da promoção do envolvimento da criança, foram observadas outras estratégias, tais como: (i) modelação de comportamentos; (ii) disponibilização de objetos à criança; e (iii) apoio mão sobre mão na exploração do objeto. Estas estratégias foram observadas em todas as sessões. Em algumas sessões também utilizou a incitação verbal para a execução das tarefas e a repetição de vocabulário.

1.3. Comportamentos de envolvimento da criança R. no conto de histórias

Neste tópico apresentamos os comportamentos de envolvimento da criança R. observados, durante os momentos de conto de histórias comuns e HMS, e registados nos vídeos e nas notas de campo.

1.3.1. Comportamentos face às histórias comuns

O comportamento de R. foi observado durante seis sessões de conto de histórias dinamizado pela sua educadora de infância. Durante as 1ª e 4ª sessão do conto de histórias comuns R. manifestou maior envolvimento, estando atento à contadora de história, quando esta se dirige a ele. O R. parece manifestar alguma curiosidade quando a contadora emite um som, seguindo-a com o olhar. Na 4ª sessão demonstrou ainda atenção ao conto de história virando a cabeça na direção da contadora, fazendo vários movimentos com a cabeça em direção à contadora e aos pares. Nas 3ª e 6ª sessão a criança observada focou o olhar na contadora, quando

esta se dirigiu a ela, mas evidenciou níveis mais baixos de curiosidade, comparativamente com as 1ª e 4ª sessão.

Analisando o perfil de envolvimento da criança na atividade com base na Escala de Envolvimento apresentada no capítulo da metodologia, verifica-se que os níveis de envolvimento manifestados foram ligeiramente inferiores nas sessões 3ª e 6ª, comparativamente com as sessões 1 e 4, como se descreve na figura 8. Lembramos que na Escala de Envolvimento os valores obtidos correspondem à soma da pontuação dos indicadores de envolvimento, sendo que de 0 a 4, o envolvimento é considerado «não foco».

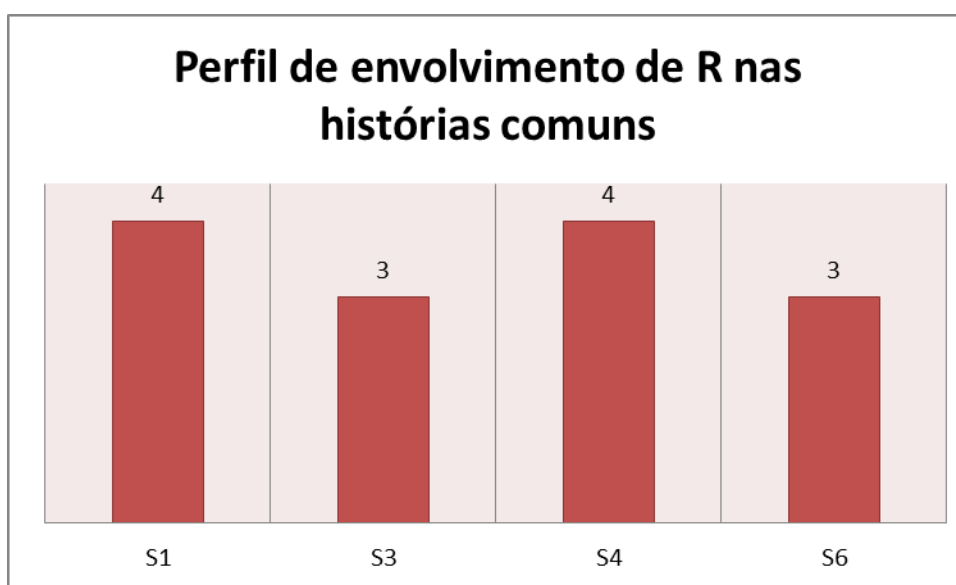


Figura 8. Perfil de envolvimento de R. nas histórias comuns: caso A

Para além dos comportamentos de envolvimento, registaram-se ainda comportamentos da criança face à contadora de história e face aos seus pares durante o conto de histórias comuns. Na tabela 12 apresentamos uma síntese desses, sendo que os resultados mais detalhados se encontram no anexo O.

Relativamente aos comportamentos face à contadora de histórias verificamos que o comportamento mais observado em cinco das seis sessões foi a movimentação da cabeça. Observámos ainda outros comportamentos, mas apenas numa única sessão, a saber: (i) movimentação do membro inferior e da cabeça perante o movimento da educadora; (ii) o movimento dos lábios face à referência das personagens da história; (iii) a movimentação do membro inferior quando ouve a frase: “alto lá”; (iv) a movimentação de um membro inferior perante o som “Bumm”; (v) o focar o olhar na contadora de histórias; (vi) a movimentação do membro inferior face ao gesto do elefante; e ainda (vii) a postura apática.

Olhando para os comportamentos da criança face aos pares esta demonstrou em quatro das seis sessões movimentação do membro inferior perante a carícia de um colega, bem como movimentações da cabeça ao longo de sessões do conto de histórias, em diferentes situações, como se documenta na tabela que se segue.

Tabela 12

Comportamentos de R. face à contadora de história e aos pares: histórias comuns

Comportamentos observados		Consistência da observação desse comportamento
Face à contadora de histórias	Movimentação da cabeça	Cinco em seis sessões
	Movimentação da cabeça e membro inferior perante a presença e fala da educadora Movimentação do membro inferior face ao uso de gestos, sons e movimentações da educadora Foca o olhar na educadora de infância	Uma em seis sessões
Apatia		
Face aos pares	Movimentação do membro inferior perante a carícia de um colega	Quatro em seis sessões
	Movimentação da cabeça na direção do colega	Uma em seis sessões
	Movimentação da cabeça e contração do corpo perante sons	
	Movimentação do membro inferior face a sons e gestos	

1.3.2. Comportamentos face às histórias multissensoriais

Os resultados obtidos com a aplicação da Escala do Perfil de Envolvimento, permitiram-nos perceber que o R. esteve menos envolvido no conto destas histórias na 1ª sessão do que nas restantes sessões, como ilustra a figura 9.

Especificando, nas sessões nº3, nº4 e nº6, apresentou um nível de envolvimento ligeiramente superior. Sendo que na 1ª sessão a criança apresentou um nível de envolvimento situado na pontuação 2, sendo que de 0 a 4, o envolvimento é considerado «não foco». Nas restantes sessões analisadas obteve a pontuação de 4 obtendo, portanto, uma pontuação mais próxima do envolvimento «emergente». Concretizando, na 1ª sessão os comportamentos observados foram: seguir o som dos objetos com a cabeça e olhar para alguns objetos quando o chapéu-de-chuva está aberto. Na 3ª sessão manifestou um nível de atenção superior, observando-se comportamentos como: fixa o olhar para a contadora de história, enquanto esta conta a história e quando bate palmas; olha e segue durante alguns segundos o movimento de um objeto. Na 4ª sessão, apresentou um nível de envolvimento também próximo do «emergente», observando-se os seguintes comportamentos: vira a cabeça, mexe os olhos e perna esquerda na apresentação de alguns objetos, vira também a cabeça

para a contadora quando esta lhe apresenta alguns objetos. Na 6ª sessão, manifesta comportamentos de atenção à capa da história, alguma curiosidade quando ouve sons, virando a cabeça na direção do local onde o som é produzido, e segue com o olhar a contadora quando esta guarda a página da história.

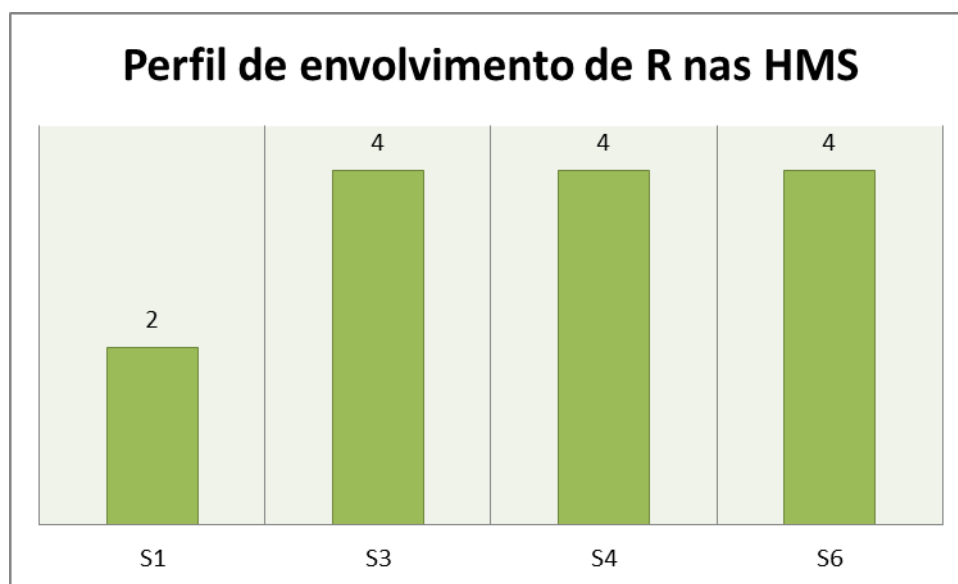


Figura 9. Perfil de envolvimento de R. nas histórias multissensoriais: caso A

Para se conhecer com mais profundidade o perfil de envolvimento do R. no conto deste tipo de histórias, procedemos à análise de conteúdo dos registos de vídeo. Os resultados obtidos permitiram-nos registar comportamentos em duas dimensões: face a objetos das histórias (diversos estímulos sensoriais usados) e à contadora de histórias. Os resultados completos dessa análise de conteúdo encontram-se descritos no anexo O.

Ao nível dos estímulos apresentados nas histórias (objetos, sons ou cheiros) foi possível verificar que a criança demonstrou alguns comportamentos de atenção aos mesmos, salientando-se que alguns desses comportamentos foram manifestados de forma mais consistente do que outros. Isto é, alguns comportamentos foram observados em quase todas as sessões e outros foram registados de forma esporádica, em apenas uma sessão, como se descreve na tabela 13. Face aos resultados descritos parece-nos que o R. demonstrou alguma curiosidade e interessante perante alguns estímulos, nomeadamente objetos.

Tabela 13

Comportamentos da criança R. face aos estímulos da história no conto de HMS

Comportamentos observados	Estímulo sensorial identificado: objeto, som ou cheiro	Consistência da observação desse comportamento
Fixação ou movimentação do olhar face a diversos objetos	Campo de boccia; saco de equipamento; chaves; bolas; chapéu de chuva; saco de compras; e gorro. Moedas; casaco	Três em seis sessões Uma em seis sessões
Movimentação da cabeça e membro inferior face a objetos, sons e cheiros	Cinto de segurança; Pompons; ambientador (objeto e cheiro) Apito (objeto e som)	Três em seis sessões Duas em seis sessões Uma em seis sessões
Movimentação do rosto face a objetos ou sons	Taça; embalagem de chocolate; cão de pelúcia Som das palmas	Três em seis sessões

Quanto aos comportamentos e atitudes perante os adultos / contadora de história verificámos que a criança olhou mais frequentemente para a contadora de história quando esta lhe mostrava estímulos sensoriais, principalmente objetos. Importa salientar que os comportamentos dirigidos ao adulto foram menos frequentes do que os dirigidos aos objetos ou estímulos sensoriais apresentados. Na tabela que se segue apresenta-se uma síntese dos resultados obtidos, os quais podem ser observados de forma mais completa no anexo O.

Tabela 14

Comportamentos da criança R. face à contadora de história: HMS

Comportamentos observados	Consistência da observação desse comportamento
Olha para a contadora de histórias perante a apresentação de objetos	Três em quatro sessões
Fixa o olhar na contadora de histórias	Uma em quatro sessões
Movimentação do rosto na direção da contadora de histórias	Uma em quatro sessões
Presta atenção ao adulto que está a filmar	Uma em quatro sessões

1.3.3. Comparação dos comportamentos de R. face às histórias

Comparando os comportamentos de R. face aos dois tipos de histórias, verificou-se que ele manifestou comportamentos que revelam um maior envolvimento no conto de HMS do que nas histórias comuns, ainda que muito ligeiro. Porém, o seu perfil de envolvimento situou-se em ambas no nível «não foco», pelo que a diferença registada não nos parece ser muito relevante. Importa realçar que na 1ª sessão de conto de histórias o seu envolvimento foi superior nas histórias comuns, mas nas duas últimas sessões analisadas o nível de envolvimento foi ligeiramente superior nas HMS.

Regista-se também o facto de na 3ª sessão o nível de envolvimento demonstrado ser idêntico na hora do conto de histórias comuns e das HMS, como se expressa na figura que se segue.

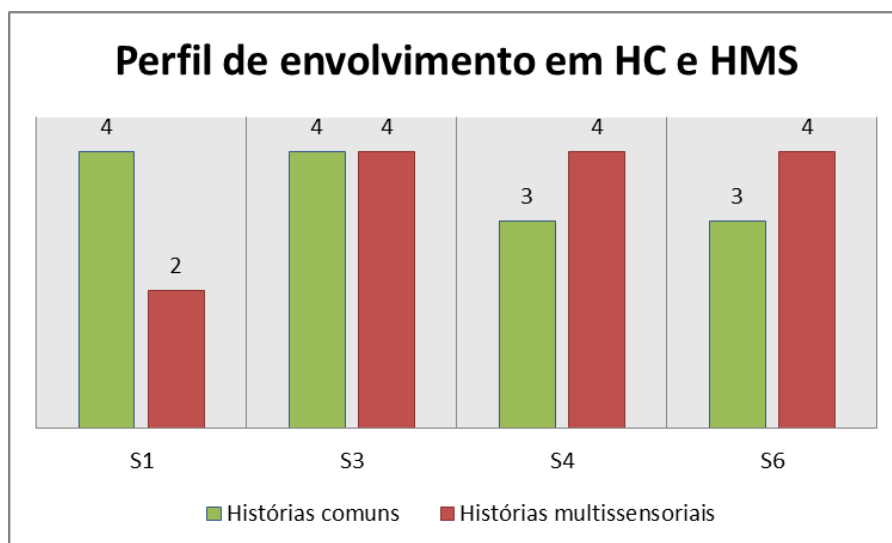


Figura 10. Perfil de envolvimento de R. nas HMS e nas histórias comuns – caso A

1.4. Fatores que influenciam o nível de envolvimento da criança R. no conto de histórias

1.4.1. Histórias comuns

O tratamento dos registos de vídeo permitiu-nos analisar os fatores que pareceram influenciar o nível de envolvimento de R. nas histórias comuns, tendo-se definido dois tipos de fatores que parecem influenciar os comportamentos de envolvimento da criança nas sessões observadas: um relativo à prática pedagógica, particularmente com a dinâmica do conto da história e outro relativo ao contexto onde a história é contada, como se descreve na tabela 15.

Quanto aos fatores de natureza pedagógica, ou seja, os relativos à dinâmica do conto da história, percebemos que o conhecimento prévio da história por parte de R. parece ser um fator importante, sendo este registado nas seis sessões observadas, bem como o conhecimento dos gestos e sons habitualmente usados pela educadora de infância durante o conto de histórias, pois foi observado em cinco das seis sessões analisadas.

No que diz respeito aos fatores de natureza contextual o posicionamento do contador de histórias e da própria criança, o uso da câmara de filmar e o

reconhecimento da história constituíram fatores que pareceram exercer influência no comportamento da criança.

Tabela 15

Fatores que parecem influenciar o envolvimento da criança R. nas histórias comuns

Fatores registados		Consistência da observação desse comportamento
De natureza pedagógica: dinâmica do conto da história	Conhecimento prévio da história	Seis em seis sessões
	Conhecimento dos gestos e sons habitualmente usados	Cinco em seis sessões
	Conhecimento dos gestos e das diferentes entoações de voz	Uma em seis sessões
De natureza contextual	Posicionamento da criança perante o grupo	Cinco em seis sessões
	Uso da câmara de filmar	
	Reconhecimento da contadora da história	
	Posicionamento da contadora de história perante a criança	Uma em seis sessões

1.4.2. Histórias multissensoriais

A análise dos dados permitiu-nos identificar os fatores que pareceram influenciar os comportamentos de envolvimento da criança R. na atividade de conto de HMS, sendo estes: (i) de natureza contextual; (ii) de natureza individual - relacionados com a criança e (iii) de natureza pedagógica, como se descreve na tabela 16.

Tabela 16

Fatores que influenciaram o envolvimento da criança no conto de HMS: caso A

Fatores registados		Consistência da observação desse comportamento
De natureza contextual (relativos ao contexto)	Uso da câmara de filmar	Seis em seis sessões
	Comportamento das crianças com DT na sala de atividades	Quatro em seis sessões
	Comportamento das crianças com DT no espaço exterior	Uma em seis sessões
	Momento do dia	
De natureza individual (relativos à criança)	Manifestação de espasmos	Duas em seis sessões
	Apresentação de problema de saúde física	Uma em seis sessões
De natureza pedagógica - dinâmica do conto da história	Apresentação individual das páginas da história	Cinco em seis sessões
	Caraterísticas sensoriais dos objetos	Quatro em seis sessões
	Posicionamento da contadora de história perante a criança	Três em seis sessões
	Páginas da história	Uma em seis sessões

Quanto aos fatores de natureza contextual, verificamos que o uso de câmara de filmar pareceu influenciar o comportamento de R. em todas as sessões

observadas, bem como o comportamento das crianças com desenvolvimento típico, quer no espaço de sala de atividades, quer no espaço exterior. Por exemplo, numa das sessões estas crianças estavam no espaço exterior e constituíram um fator de distração para a R. Uma das sessões de conto de histórias decorreu no período da tarde e o R. manifestou menor nível de atenção à atividade nesse período. Em nosso entender a análise dos vídeos regista a influência negativa destes fatores no envolvimento da criança no conto de HMS.

No que diz respeito aos fatores de natureza individual as questões relativas à saúde da criança exerceram alguma influência negativa no seu comportamento, particularmente a manifestação de espasmos em duas das seis sessões analisadas, sendo uns de curta ou outros de longa duração.

A visualização e análise dos vídeos permitiram-nos, ainda, identificar fatores de natureza pedagógica que influenciaram positivamente os comportamentos de envolvimento da criança R., destacando-se a apresentação individual das páginas da história; as características sensoriais dos objetos e o posicionamento da contadora de história.

2. Apresentação dos resultados referentes ao Caso B

Antes de se apresentar os resultados referentes ao Caso B, importa relembrar que integraram o caso B três alunos com limitações graves que frequentavam uma UAM num agrupamento de escolas da zona oeste do continente português, cujas idades se situavam entre os 14 e os 19 anos. A docente de Educação Especial também participou contando três histórias comuns, bem como a autora do estudo ao contar duas HMS nos momentos da hora do conto, as quais foram registadas em vídeo, pelas assistentes operacionais.

2.1. Características das práticas de conto de histórias no contexto escolar

Na entrevista realizada à docente de educação especial esta afirma que a rotina da UAM envolve o conto de histórias "tradicionais", sendo que a docente procura escolher livros mais interativos e simples, como nos disse no seguinte excerto: "procuro escolher as mais interativas, simples". Refere ainda que utiliza livros e, por vezes, suporte digital para contar histórias, afirmando "utilizo mais o suporte digital".

Relativamente, aos profissionais que contam histórias no espaço da UAM, esta profissional indicou “nós, professores da unidade” e “pontualmente a bibliotecária”.

Os resultados da entrevista à docente bibliotecária revelam-nos ainda que esta se desloca à UAM para dinamizar a hora do conto e que conta histórias tradicionais, como se ilustra no seguinte excerto: “costumo contar contos tradicionais”. Contudo, acrescenta ter indisponibilidade para desenvolver esta atividade regularmente, afirmando “Eu, como não tenho muito tempo disponível”, sendo que “às vezes consigo mais, que uma vez por período”. Portanto, esta docente conta histórias ao grupo de alunos que frequentam a UAM, mas esporadicamente, sendo que, por vezes, consegue ir uma vez por período.

Quanto aos materiais que esta profissional costuma usar para dinamizar a atividade do conto de histórias, foi referido selecionar “materiais reais que proporcionem experiências sensoriais”, “principal para o toque”, “algum cozinhado, trazer plantas, algum material, que possa olfativamente ser relacionado”. Mencionou ainda que “Tento sempre acompanhar com objetos”, “Objetos reais que tenham a ver com a história”.

Perante os dados apresentados percebemos que a docente bibliotecária dinamiza esporadicamente a atividade do conto de histórias aos alunos que frequentam a UAM, recorrendo a histórias tradicionais e utilizando para o efeito objetos reais que ajudem os alunos a compreender o conteúdo das histórias que conta.

Procurámos ainda conhecer os livros e as histórias que estão disponíveis e ao alcance dos alunos que frequentam a UAM. Para tal, realizámos um levantamento do acervo existente, recorrendo à observação direta. A informação recolhida foi depois analisada considerando o tamanho dos recursos existentes e classificada segundo a Classificação Decimal Universal (C.D.U.). Também identificámos os recursos que pertencem ao plano nacional de leitura. Quanto ao tamanho dos livros existentes e habitualmente usados pelos alunos com MD, verificámos a existência, sobretudo, de livros de dois formatos: A4 e A5, como se expressa na tabela 17.

Tabela 17

Tamanho dos livros existente na UAM: Caso B

Tamanho dos livros	Quantidade	
	N.º	%
A5	24	61.54%
A4	15	38.46%
Total	39	100%

Quanto à classificação do acervo existente, na figura 10, constatámos a existência de 32 livros relativos ao tema da literatura, sete livros relacionados com generalidades, dois como a matemática e um sobre ciências sociais. De sublinhar a existência de quatro histórias adaptadas com Símbolos Pictográficos para a Comunicação (SPC).

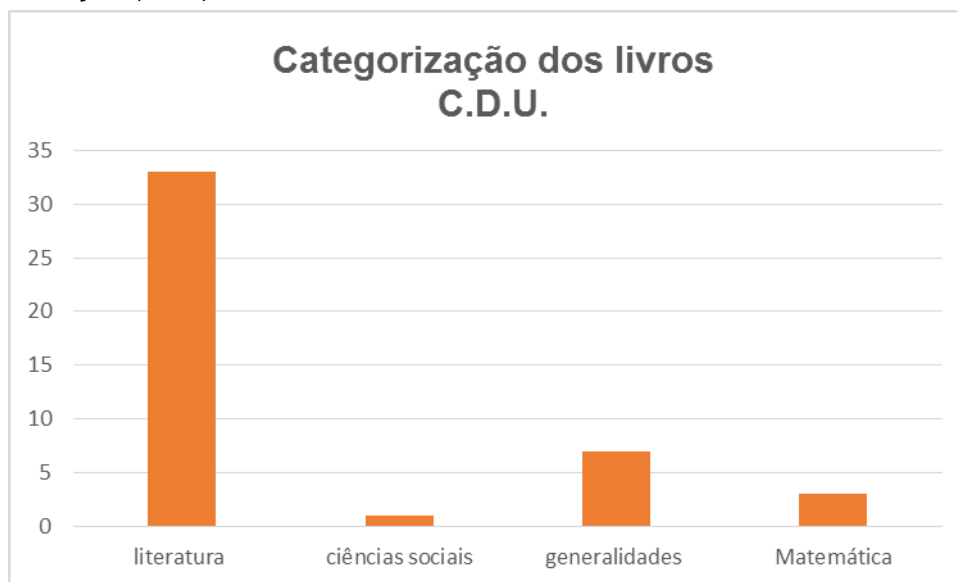


Figura 11. Categorização dos livros da sala da unidade: caso B

Face aos dados apresentados verifica-se que a maioria dos recursos existentes se relaciona com a literatura. Para uma informação completa dos dados recolhidos pode-se consultar o anexo U.

2.2. Estratégias usadas pelos profissionais no conto de histórias

2.2.1. Nas histórias comuns

Participaram nesta atividade a docente de educação especial, a autora do estudo enquanto observadora, duas assistentes operacionais e os três alunos que frequentavam a UAM. O tempo médio de duração do conto de histórias nas três sessões observadas foi de 13 minutos e 31 segundos, oscilando entre os sete minutos e 22 segundos e os 16 minutos e 56 segundos.

As histórias foram contadas no espaço da UAM. Os alunos foram dispostos em semicírculo, ficando uns sentados em cadeiras e outros no puf e as assistentes operacionais sentaram-se entre os alunos ou atrás deles. A professora de educação especial sentou-se em frente do grupo de alunos. A autora do estudo encontrava-se fora do círculo de crianças para filmar o conto da história.

As histórias contadas nas três sessões observadas foram sempre diferentes, a saber: Dez amigos, O pássaro da alma, e Há um monstro no teu livro.

A análise dos dados de observação permitiu-nos perceber ainda as estratégias utilizadas pela contadora de história para dinamizar o conto de histórias, estando estas relacionadas com: (i) o conto da história; (ii) a interação com os alunos; e (iii) a promoção do envolvimento dos alunos, como se descreve na tabela 18.

Tabela 18

Estratégias usadas pela contadora de história de histórias comuns: Caso B

Estratégias observadas		Consistência da observação dessa estratégia
No conto da história	Posicionamento em frente aos alunos; Apresentação e conto de uma página de cada vez;	Três em seis sessões
	Conto da história dirigida aos alunos; Apresentação do livro ao grande grupo.	Uma em seis sessões
Na interação com os alunos	Repetição do nome dos alunos; Evocação do nome do aluno para chamar a sua atenção para a imagem; Explicação dos símbolos pictográficos; Opção de escolha entre duas histórias; Tentativa de conversação com a AO; Assistente operacional ajuda a colocar as mãos para cima.	Uma em seis sessões
Na promoção do envolvimento	Solicitação para os alunos executarem tarefas da história; Primeiro conta a história e de seguida mostra as páginas; Questionamento aos alunos; Apresentação das páginas aos alunos; Explicação oral de emoções assinaladas na história; Apresentação de uma página de cada vez; Movimentação em direção ao aluno J.; Oportunidade para os alunos; Identificação dos símbolos pictográficos; Contagem dos animais com os dedos; Repetição do nome dos animais da história; Imitação do som dos animais.	Uma em seis sessões

Quanto ao conto da história, em todas as sessões realizadas identificámos o recurso às seguintes estratégias: posicionamento em frente aos alunos; apresentação e conto de uma página de cada vez; e conto da história dirigida aos alunos. Observámos ainda o recurso à apresentação do livro ao grande grupo, mas apenas uma vez.

Relativamente às estratégias ligadas à interação com os alunos a contadora de histórias utilizou diferentes estratégias ao longo de todas as sessões, salientando-se: a

repetição do nome dos alunos; a evocação do nome do aluno para chamar a sua atenção para a imagem; a explicação dos símbolos pictográficos para a comunicação; a disponibilização de uma opção de escolha entre duas histórias; a tentativa de conversação com a assistente operacional e a ajuda a colocar as mãos para cima.

Para a promoção do envolvimento dos alunos na atividade do conto de histórias a contadora utilizou diversas estratégias, nomeadamente: solicitação para os alunos executarem tarefas da história; primeiro conta a história e de seguida mostra as páginas; questionamento aos alunos; apresentação das páginas aos alunos; explicação oral de emoções assinaladas na história; apresentação de uma página de cada vez; movimentação em direção ao aluno J.; dar oportunidade para os alunos identificarem os símbolos pictográficos; recurso à contagem dos animais com os dedos; repetição do nome dos animais da história; e imitação do som dos animais.

Salienta-se que a maioria das estratégias foi observada apenas uma vez, revelando, portanto, pouca consistência na sua utilização.

2.2.2. Nas histórias multissensoriais

Participaram nesta atividade para além da autora do estudo enquanto contadora das histórias, duas assistentes operacionais, a professora de educação especial (em cinco das seis sessões) e os três alunos que frequentavam a UAM. O tempo médio de duração do conto de histórias nas seis sessões observadas foi de 11 minutos e 32 segundos, sendo o tempo mínimo sete minutos e 56 segundos e o máximo 15 minutos e 18 segundos.

As histórias contadas nas seis sessões observadas foram apenas duas: A final do torneio de boccia (três vezes) e A Ana vai às compras (três vezes). Estas histórias foram contadas no espaço da UAM, sendo que os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, um deles está sentado num puf e os outros dois em cadeiras. Uma das assistentes operacionais está sentada ao lado dos alunos e a outra assistente operacional filma a sessão da hora do conto. A docente de educação especial fica sentada entre os alunos, mas, por vezes, ajuda a contadora a contar a história. A contadora de história encontra-se umas vezes de pé em frente aos alunos e outra de joelhos.

A profissional que dinamizou o conto de HMS também recorreu a diferentes estratégias estando estas relacionadas com: o conto da história; a interação com os alunos e a promoção do envolvimento dos alunos. Seguidamente apresentam-se as estratégias usadas em cada uma dessas dimensões.

No conto de história identificaram-se as seguintes estratégias nas seis sessões: posicionamento em frente à criança/aluno; apresentação e conto de uma página de cada vez; individualização do conto perante cada criança / aluno e inicia o conto pelo aluno que está à sua esquerda. Em duas das sessões a contadora de histórias também verbalizou uma lengalenga no final do conto da história.

Relativamente às estratégias usadas na interação com os alunos observamos que: em seis sessões a contadora recorreu ao comentário verbal sobre os objetos explorados; em cinco sessões utilizou o comentário verbal face ao comportamento e numa das sessões nomeou verbalmente os objetos a explorar.

Na promoção do envolvimento dos alunos na atividade, em todas as sessões foram observadas as seguintes estratégias: disponibilização de objetos à criança / aluno; apoio mão sobre mão na exploração do objeto; realização das tarefas das páginas; permissão da exploração dos objetos das páginas; respeito pela opção dos alunos; repetição do nome dos alunos e solicitação de partilha dos objetos entre alunos. Para além destas estratégias, em cinco sessões registaram-se comentários sobre as características dos objetos, e em quatro sessões a verbalização dirigida ao aluno para este realizar as ações das páginas. Em duas sessões também se observou a incitação verbal para a execução das tarefas.

O conjunto de estratégias descrito encontra-se apresentado na tabela 19.

Tabela 19

Estratégias usadas pela contadora de história de HMS: Caso B

Estratégias observadas	Consistência da observação das estratégias
No conto da história	Posicionamento em frente à criança/aluno Apresentação e conto de uma página de cada vez Individualização do conto perante cada criança / aluno Inicia o conto pelo aluno que está à sua esquerda Verbalização de uma lengalenga no final da história
	Seis em seis sessões
	Duas em seis sessões
Na interação com os alunos	Comentário verbal sobre os objetos explorados
	Comentário verbal face ao comportamento
	Nomeação verbal dos objetos a explorar
	Seis em seis sessões
	Cinco em seis sessões
	Uma em seis sessões

(cont.)

Tabela 19

Estratégias usadas pela contadora de história de HMS: Caso B (cont.)

Estratégias observadas		Consistência da observação das estratégias
Na promoção do envolvimento	Disponibilização de objetos à criança /aluno; Apoio mão sobre mão na exploração do objeto; Realização das tarefas das páginas; Permissão da exploração dos objetos das páginas; Respeito pela opção dos alunos; Repetição do nome dos alunos; Solicitação de partilha dos objetos entre alunos.	Seis em seis sessões
	Comentários sobre as características dos objetos	Cinco em seis sessões
	Verbalização dirigida ao aluno para este realizar as ações das páginas	Quatro em seis sessões
	Incitação verbal para a execução das tarefas	Duas em seis sessões

2.3. Caracterização do envolvimento dos alunos no conto de histórias

Descritas as práticas percebidas e observadas, bem como os recursos existentes ao nível do acervo literário seguidamente apresentamos os comportamentos de envolvimento manifestados pelos alunos com MD durante os momentos de conto de histórias comuns e de HMS (primeira e terceira sessão). Estes resultados resultam da observação realizada e registada nos vídeos e nas notas de campo.

2.3.1. Nas histórias comuns

Seguidamente apresentam-se os resultados referentes aos comportamentos de envolvimento manifestados pelos três alunos durante o conto de histórias comuns, incluindo a classificação alcançada na escala de envolvimento nas sessões 1 e 3 (ver figura 11). Observemos os principais comportamentos manifestados por cada um deles nas sessões observadas.

Na primeira sessão a aluna B. destacou-se pelo envolvimento positivo apresentado, pois conseguiu estar atenta no decorrer da história; realizou e explorou as ações pedidas ao longo da história; ajudou a contadora a virar as páginas do livro; e colocou a mão no ar antes do início da história para ajudar no conto da história. Quanto à classificação obtida na escala de envolvimento registou-se um valor total de 6, correspondendo a comportamento «*emergente*».

Quanto ao aluno J.P. este conseguiu focar o olhar na contadora de história; e olhou e sorriu algumas vezes ao longo da história, tendo obtido a pontuação final de 2 na escala de envolvimento, correspondendo a comportamento de «*não foco*». O aluno J. não participou na hora do conto nesta sessão.

Na terceira sessão todos os alunos participaram no conto da história. O aluno J. foi o que se mostrou mais envolvido, conseguiu demonstrar atenção frequentemente mantida; respondeu às questões colocadas e identificou verbalmente o significado dos símbolos pictográficos. Analisando o seu perfil de envolvimento na escala utilizada verifica-se que obteve uma pontuação de 10, correspondendo a comportamento de envolvimento «*parcial*».

Quanto ao comportamento do aluno J.P. este focou o olhar e sorriu enquanto a contadora conta a história, e pareceu prestar alguma atenção ao som de um cão. Este aluno obteve o valor de 6 na escala de envolvimento, correspondendo a um comportamento de envolvimento «*parcial*».

A aluna B. nesta sessão apresentou um nível de envolvimento classificado como «*não foco*», tendo alcançado o valor total de 4. A aluna ao longo da história vai abanando a cabeça dizendo que “não”, esfrega os olhos e coloca várias vezes as mãos na cara.

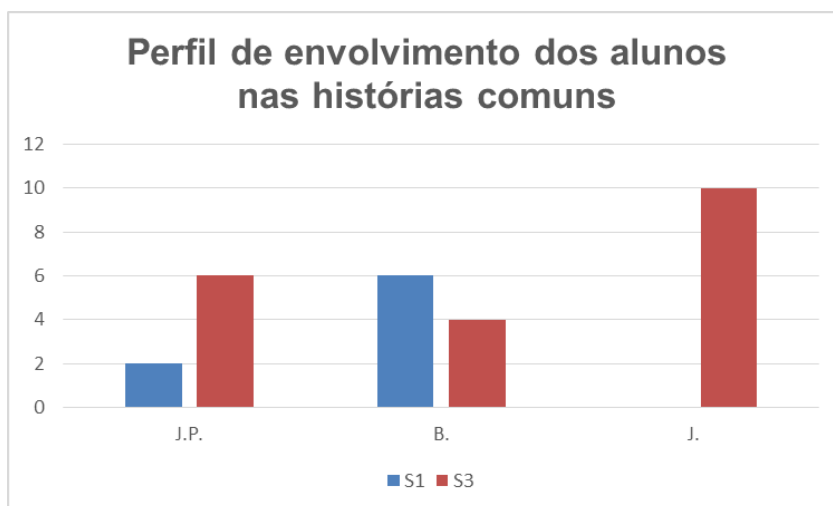


Figura 12. Perfil de envolvimento dos alunos nas histórias comuns na UAM: Caso B

Explicitando com mais detalhe os comportamentos apresentados pelos alunos nas três sessões observadas, verificou-se que os seus comportamentos se relacionaram com três dimensões: os pares, a história e os adultos. Na tabela 20 apresentamos uma síntese desses comportamentos atendendo a cada uma dessas

dimensões. Indicamos também a sua consistência ao longo das sessões. Os resultados mais pormenorizados encontram-se expressos no anexo O.

Tabela 20

Comportamentos dos alunos face aos pares, à história e aos adultos: histórias comuns

Comportamentos observados	Consistência da observação desse comportamento
Face aos pares <ul style="list-style-type: none"> • Movimentação do membro inferior perante sons e gestos • Movimentação dos lábios em direção à aluna B. • Movimentação na mão do aluno J.P. • Ajuda na identificação dos símbolos, • Movimentação da mão na direção da perna da aluna B, fazendo festas • Movimentação dos lábios face à colega B. 	Uma em três sessões
Face à história <ul style="list-style-type: none"> • Movimentação dos lábios face à história • Conto de parte da história por parte da aluna B. • Ausência de participação do aluno J. • Atenção à história por parte da aluna B. • Produção de vocalizações e movimentos corporais por parte de J. • Agitação motora e deslocação física em direção à porta • Produção de vocalizações que assustam o colega JP 	Uma em três sessões
Face aos adultos <ul style="list-style-type: none"> • Movimentação dos olhos e dos lábios face à assistente operacional • Movimentação do livro em conjunto com a contadora • Mudança de posicionamento, para ficar ao lado da autora do estudo. • Movimentação dos lábios face ao abraço da contadora • Auxílio no conto da história • Observação da contadora • Movimentação da cabeça e da mão face à assistente operacional • Movimentação dos olhos face à contadora • Movimentação em direção à assistente operacional • Emissão de sons\ vocalizações 	Uma em três sessões
<ul style="list-style-type: none"> • Movimentação dos olhos face à contadora • Resposta às questões colocadas 	Duas em três sessões

Na dimensão dos comportamentos relacionados com os pares verificamos que os comportamentos descritos foram observados apenas uma vez, sendo exibidos por dois alunos, salientando-se o aluno JP.

Na dimensão dos comportamentos relacionados com a história os alunos demonstraram comportamentos diferentes em todas as sessões, à semelhança do que se observou na dimensão anterior. Salienta-se ainda que os comportamentos observados foram manifestados por vários alunos.

Na dimensão dos comportamentos relacionados com os adultos a maioria dos comportamentos também foi observada em apenas uma sessão. Apenas dois dos

comportamentos registados se evidenciaram mais consistentes, sendo observados em duas das três sessões.

Em síntese, os três alunos manifestaram inúmeros comportamentos durante as três sessões realizadas, os quais se relacionaram com os pares, a história propriamente dita e os adultos. Porém, esses comportamentos foram pouco consistentes, sendo que a sua maioria se observou apenas uma vez, ou seja numa das sessões observadas.

2.3.2. Nas histórias multissensoriais

Seguidamente apresentamos os resultados relativos aos comportamentos exibidos pelos alunos na hora do conto, quando se contaram HMS.

Os resultados referentes aos comportamentos de envolvimento dos alunos durante as sessões encontram-se expostos na figura 12 que se segue, revelando-se assim o perfil de envolvimento obtido para cada um dos três alunos considerando quatro sessões (1ª, 3ª, 4ª e 6ª).

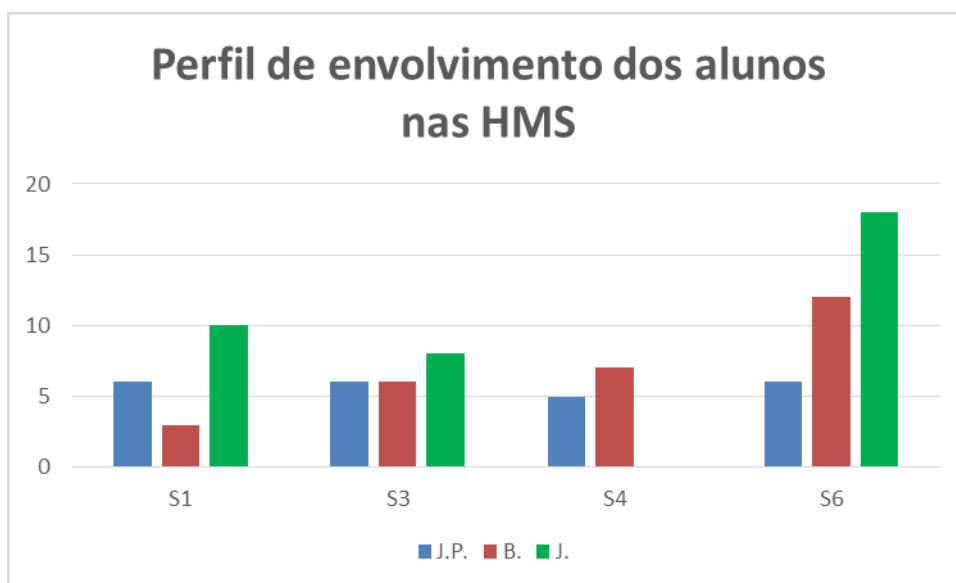


Figura 13. Perfil de envolvimento dos alunos nas histórias multissensoriais: Caso B

Analisando o perfil de envolvimento de cada um dos três alunos verificámos que nas sessões em que participou o aluno J. manifestou um nível de envolvimento superior ao dos outros dois alunos. Este aluno obteve um perfil de envolvimento inconsistente, oscilando este ao longo das três sessões em que participou, por exemplo: na 1ª sessão obteve a pontuação 10 correspondendo a um envolvimento «parcialmente» e na 6ª sessão obteve a pontuação 18, que corresponde a «na maioria das vezes».

Quanto aos comportamentos manifestados na primeira sessão este aluno executou todas as ações pedidas; conseguiu executar tarefas sozinho; e nomeou objetos. Na terceira sessão interagiu com adultos e colegas presentes através da fala; realizou tarefas solicitadas; associou objetos da história aos seus pessoais, e fez tentativas de realização das tarefas. Na quarta sessão recusou-se a participar na hora do conto. Na última sessão manifestou um nível de envolvimento superior às anteriores: esteve atento ao conto da história; repetiu algumas ações; mostrou as páginas e os objetos aos restantes alunos; reconheceu objetos e nomeia-os; ajudou a contadora no conto da história e tentou realizar as ações pedidas.

Analisando os comportamentos da aluna B. verificou-se que na primeira sessão esta esteve desatenta no decorrer do conto da história, não manifestou interesse e rejeitou contato físico com alguns objetos: abrir e fechar a porta, abrir a carteira. Quanto ao seu perfil de envolvimento obteve a classificação 3 nesta sessão, correspondendo ao perfil «*não foco*». Na terceira sessão os seus comportamentos foram: olhou para alguns objetos e para a contadora, rejeitou realizar algumas tarefas, associou alguns objetos e antecipou o título da história. Nesta sessão obteve a classificação de 6, correspondendo ao perfil «*emergente*», verificando-se, portanto, um aumento relativamente à sessão anterior. Na quarta sessão o nível de envolvimento desta aluna também aumentou, tendo obtido a classificação de 7, correspondendo ao perfil «*emergente*». Os seus comportamentos nesta sessão foram quase todos positivos: olhou para as páginas que lhe foram mostradas, manifestou interesse pelo contato com os objetos e nomeou, associou e explorou alguns objetos. Também manifestou alguns comportamentos menos positivos, por exemplo: não executou algumas ações. Na 6ª sessão a aluna esteve atenta à história, manifestou curiosidade face aos objetos, associou-os à rotina diária, e também se antecipou em algumas páginas. Nesta sessão a aluna obteve a pontuação 12, correspondendo a «*parcialmente*» envolvida.

Quanto ao aluno J.P. este manifestou menos comportamentos de envolvimento do que os restantes colegas. Olhando para o seu perfil de envolvimento nas 1ª, 3ª e 6ª sessões, obteve a pontuação 6, correspondendo a um nível de envolvimento «*emergente*». Relativamente aos seus comportamentos na primeira sessão observaram-se os seguintes comportamentos: olhou para alguns objetos dos apresentados na história; o saco das compras, sorriu quando ouvia alguns sons; o da campinha, com ajuda física explorou objetos e executou algumas tarefas. Na terceira sessão esteve atento quando lhe foram mostrados alguns objetos, olhando para estes.

Na última sessão focou olhar na contadora e em alguns objetos, nos pompons, o som das palmas, observou as características de alguns objetos, tais como o chapéu-de-chuva. No geral este aluno manifestou pouco interesse pelas páginas menos interativas.

Para conhecermos com mais detalhe os comportamentos manifestados pelos três alunos durante o conto de HMS, procedemos à análise de conteúdo dos registos de vídeo. Os resultados obtidos permitiram-nos registar comportamentos relacionados com os objetos e tarefas da história, e outros face aos adultos e pares. Os resultados mais completos dessa análise de conteúdo encontram-se no anexo O, sendo que seguidamente apresenta-se uma síntese desses comportamentos.

No que diz respeito aos comportamentos relacionados com a história (objetos e ações) registaram-se dois tipos de comportamentos: a movimentação dos olhos, da cabeça, e lábios face a alguns objetos, particularmente o chapéu-de-chuva e os pompons, e a realização e exploração das tarefas (ações) propostas nas páginas das duas HMS contadas, como se descreve na tabela 21.

Tabela 21

Comportamentos dos alunos face aos objetos das histórias nas sessões de HMS

Comportamentos observados		Consistência da observação dos comportamentos
Movimentação dos olhos, da cabeça, lábios face a objetos, sons e cheiros	Chapéu-de-chuva e pompons	Três em seis sessões
	Tambor	Duas em seis sessões
	Som das moedas e campainha	Uma de seis sessões
Realização / exploração de tarefas	Executa ações pretendidas	Quatro em seis sessões
	Explora e associa objetos	Duas de seis sessões
	Participação na realização das tarefas	Uma de seis sessões
	Associação entre objetos	

Quanto aos comportamentos dos alunos perante os adultos verificamos que o olhar e o sorriso foram dois comportamentos observados frequentemente nas sessões (quatro em seis), como se descreve na tabela 22.

Em relação aos comportamentos manifestados perante os pares verifica-se que estes interagiram, sobretudo com o colega que se encontrava ao seu lado, tendo para o efeito recorrido a comportamentos não-verbais e verbais ao longo das sessões da hora do conto. No anexo O apresentam-se os resultados observados de forma mais completa e detalhada.

Tabela 22

Comportamentos dos alunos face aos adultos e aos pares nas sessões de HMS

Comportamentos observados		Consistência da observação desse comportamento
Face aos adultos	Focalização do olhar na AO; Sorriso e foco visual na contadora	Quatro em seis sessões
	Focalização do olhar na contadora Interação verbal	Duas em seis sessões
Face aos pares	Movimentação dos lábios e da cabeça perante o aluno que está ao seu lado; Interação verbal	Cinco em seis sessões
	Disponibilização das páginas	Uma em seis sessões

2.4. Fatores que influenciam os comportamentos dos alunos

Seguem-se os resultados referentes aos fatores que influenciaram os comportamentos dos alunos durante o conto de histórias comuns e de HMS. Estes resultados decorrem da análise dos dados de observação registados em vídeo. Iniciamos com a apresentação dos resultados referentes às histórias comuns.

2.4.1. Nas histórias comuns

A análise dos dados recolhidos permitiu-nos identificar dois tipos de fatores que pareceram influenciar os comportamentos de envolvimento dos alunos: um de natureza pedagógica, relacionado com as características dos recursos usados – histórias e outro de natureza contextual, como se descreve na tabela 23.

Tabela 23

Fatores que influenciam o comportamento dos alunos nas histórias comuns: Caso B

Fatores registados		Consistência da observação desse comportamento
De natureza pedagógica: características do recurso usado	Conhecimento da história	Três de três sessões
	Caraterística interativa da história	Duas de três sessões
	Caraterística pictográfica da história	Uma de três sessões
De natureza contextual	Uso da câmara de filmar	Três de três sessões
	Posicionamento da contadora de história perante a criança / aluno com MD	Duas de três sessões
	Reconhecimento da contadora da história	Uma de três sessões
	Recurso a sons e gestos para contar a história	Uma de três sessões

Quanto aos fatores de natureza pedagógica salientaram-se o conhecimento da história (observado em todas as sessões) e as caraterísticas de interatividade da mesma (registado em duas sessões das três sessões). No que diz respeito aos fatores

relacionados com o contexto verificámos que em todas as sessões o uso da câmara de filmar influenciou de forma menos positiva o comportamento dos alunos. Por outro lado, o posicionamento da contadora de histórias perante os alunos constituiu um fator que influenciou positivamente o comportamento dos alunos, sendo observado em duas das três sessões.

2.4.2. Nas histórias multissensoriais

Observando os fatores que influenciaram os comportamentos dos alunos quando se contaram HMS, foram identificados também fatores de natureza pedagógica e de natureza contextual, como se descreve na tabela 24. Importa realçar que os fatores registados foram observados em todas as sessões da hora de conto de HMS.

Tabela 24

Fatores que parecem influenciar o comportamento dos alunos nas HMS: Caso B

Fatores registados		Consistência da observação desse comportamento
De natureza contextual	Uso da câmara de filmar Posicionamento da contadora de história	Seis em seis sessões
De natureza pedagógica: dinâmica do conto da história	Caraterísticas sensoriais dos objetos Caraterísticas interativas dos objetos Temática da história Individualidade na exploração das páginas	Seis em seis sessões

3. Discussão de resultados

O presente tópico é dedicado à discussão de resultados apresentados, assinalando-se que essa discussão será confrontada com a revisão literatura, tendo por base as questões orientadoras do estudo, as quais passamos a relembrar.

- Quais as caraterísticas das histórias contadas a alunos com MD e que estratégias são usadas pelos docentes (de educação especial, docente bibliotecária e educadora de infância), para promoverem o seu envolvimento na hora do conto?
- Como se caracteriza o envolvimento de alunos com MD na hora do conto considerando o conto de histórias comuns/típicas e de HMS e quais os fatores que influenciam o seu envolvimento? Ou seja,
 - Quais os comportamentos de envolvimento apresentados, pelos alunos com MD, durante o conto de histórias comuns?

- Quais os comportamentos de envolvimento apresentados, pelos alunos com MD, durante o conto de HMS?
- Que diferenças e semelhanças existem nos comportamentos de envolvimento, dos alunos com MD face ao conto de histórias comuns e de HMS?
- Quais os fatores que influenciam o envolvimento dos alunos durante o conto de histórias?
- Quais as estratégias usadas pelos professores (de educação especial e bibliotecário/a) e pela educadora de infância, para promover o envolvimento desses alunos no conto de histórias?

Partindo das questões orientadoras apresentadas formulámos dois objetivos para o presente estudo:

- Identificar as características das histórias contadas a alunos com MD e conhecer o modo como os professores dinamizam o momento da hora do conto para estes alunos, particularmente as estratégias usadas;
- Caracterizar o modo como os alunos com MD se envolvem na hora do conto quando lhes são contadas histórias comuns e HMS, identificando as semelhanças e as diferenças existentes nos seus comportamentos quando lhes são contadas este tipo de histórias e os fatores que influenciam a sua capacidade de envolvimento nestas atividades.

Portanto, pretendeu-se analisar as práticas desenvolvidas pelos professores no que diz respeito ao conto de histórias a alunos com MD e os comportamentos de envolvimento destes alunos nesse tipo de atividades.

3.1. Características das práticas de conto de histórias observadas

Os resultados apresentados indicam que as histórias contadas a alunos com MD são um pouco distintas, considerando os dois casos estudados, quer ao nível das características do acervo existente, quer ao nível das práticas / estratégias usadas.

No caso A, a educadora de infância revelou-nos que a atividade de conto de histórias faz parte da rotina do jardim de infância, sendo habitual recorrer a histórias comuns, incluindo histórias consideradas tradicionais. Reporta ainda que o conto de histórias se desenvolve considerando dois tipos de momentos, um de natureza mais lúdica e outro de natureza temática, quando pretende abordar temas específicos com as crianças.

Importa referir ainda a existência de um acervo relativamente diversificado de livros no jardim de infância, focado mais em livros relacionados com literatura, o que nos parece natural neste tipo de contexto. Alguns livros estão disponíveis para o grupo de crianças, mas outros encontram-se arrumados num armário. Considera-se importante salientar o facto de a educadora procurar escolher histórias de natureza diversa. Portanto, esta educadora de infância parece evidenciar preocupação em proporcionar às crianças com quem trabalha momentos de magia, de prazer e de vivência de sentimentos, emoções e sonhos, recorrendo a histórias (Litwinoff, 1997). Importa destacar o facto de contar e ouvir histórias fazer parte do dia a dia das crianças que frequentam o contexto analisado.

De acordo com a nossa observação o conto de histórias realiza-se num período de tempo curto, ocupando em média cerca de seis minutos, o que consideramos ser muito rápido, nomeadamente para a criança com MD.

Quanto às características físicas do acervo existente este é diverso, existindo livros de histórias de diversos formatos, mas predominantemente de tamanho A4 e A2.

Face aos resultados entende-se ainda que as crianças deste contexto têm oportunidade para vivenciar a magia do conto de histórias, embora não exista diferenciação de práticas considerando as particularidades da criança com MD. No entanto, parece-nos importante salientar o facto de esta criança ter oportunidade de estar presente neste tipo de atividade. Como ouvir histórias é uma experiência única (Park, citado por Ten Brug, van der Putten, Penne, Maes & Vlaskamp, 2011) não nos é possível descrever o que a criança com MD apreende nestas experiências. Por outro lado, os momentos de conto de histórias observados revelaram-se ser de curta duração e sem momentos de exploração posterior.

No caso B a docente de educação especial menciona que existem na UAM histórias tradicionais, preocupando-se em escolher livros de natureza interativa e simplista. Por outro lado, a bibliotecária afirma que pontualmente conta histórias no espaço da UAM, recorrendo a livros e, por vezes, ao suporte digital.

A entrevista à docente bibliotecária revela-nos que esta docente se desloca à unidade para a hora do conto e que conta histórias tradicionais, seleciona materiais reais que proporcionem experiências sensoriais e utiliza frequentemente objetos reais relacionados com a história que conta. Portanto, neste caso parece haver preocupação na escolha de histórias e na forma como o conto de histórias é dinamizado, no sentido de este momento se adequar às singularidades dos alunos que frequentam a UAM. Pensamos ser esta uma estratégia importante, na medida em

que, como refere Cavalcanti (2006) a hora do conto “é um momento que deve ser preparado com cuidado e rigor, atenção e envolvimento de modo a acolher a criança na sua totalidade” (p. 22). Embora as práticas neste contexto pareçam não ter uma rotina muito frequente, quando o conto de histórias acontece nomeadamente por parte da docente bibliotecária, procura adequar-se às especificidades do seu público.

Analisando o acervo de recursos literários existentes no caso B verificou-se ser este menor do que o caso A. Muito embora o acervo não seja extenso, existe alguma diversidade dos recursos, ainda que, à semelhança do observado no caso A, estes se relacionem predominantemente com literatura. Importa salientar a existência de livros relacionados com generalidades e matemática. Face à idade dos alunos que frequentam o espaço da UAM parece-nos compreensível a disponibilização de recursos mais variados. Todavia, estes recursos não são de fácil acesso aos alunos. De salientar ainda a existência de algumas histórias adaptadas com símbolos pictográficos, inferindo-se existir alguma preocupação em tornar o conto de histórias mais acessível aos alunos com necessidades especiais.

3.2. Estratégias utilizadas pelos professores para dinamizar a hora do conto

No caso A as histórias comuns são contadas pela educadora de infância diariamente, em situações de grande grupo, portanto é uma atividade de grupo, que envolve a presença de todas as crianças, as que têm desenvolvimento típico e a que tem MD. Porém, não parece haver preocupação em recorrer a estratégias específicas que consideram as características de todos e de cada elemento do grupo. Habitualmente, as assistentes operacionais participam na dinamização desta atividade.

No caso B as histórias comuns são contadas pela professora de educação especial e pela professora bibliotecária, esta última uma vez por período. Esta atividade é dinamizada em situação de pequeno grupo, ou seja, envolve os três alunos que frequentam a UAM. A docente de educação especial assinalou ainda o recurso a histórias em formato digital, o que nos parece ser distinto do caso A. No caso da professora bibliotecária este recorre frequentemente a objetos, o que nos parece ser importante face às características de alguns dos alunos para quem conta as histórias. Habitualmente o momento de conto de histórias demora em média 14 minutos.

Em nenhum dos casos se observou o conto de HMS, apenas pela autora do estudo que dinamizou a hora do conto nos dois contextos. Porém, a professora

bibliotecária usa habitualmente objetos e elementos sensoriais quando conta as histórias aos alunos que frequentam a UAM.

Na hora do conto de histórias comuns este estudo revelou-nos que em ambos os casos as profissionais de educação utilizam estratégias relacionadas com: (i) o conto da história e (ii) a interação com os alunos/ crianças.

Analisando as estratégias usadas no caso A pela educadora de infância nas seis sessões observadas, verificou-se que esta usa o mesmo tipo de estratégias ao longo das sessões. No caso B a docente de educação especial utiliza diferentes estratégias em quase todas as sessões.

Quanto às estratégias utilizadas pela autora do estudo para a dinamização da hora do conto observou-se o recurso a um conjunto diverso de estratégias: (i) as relacionadas com o conto da história; (ii) as relacionadas com a interação com alunos / crianças, e (iii) as referentes à promoção do envolvimento dos alunos.

Discutindo as estratégias relacionadas com o conto da história, a contadora colocou-se em frente aos alunos / criança, apresentou uma página de cada vez a cada aluno, realizando as mesmas ações com todos. Assim, a repetição da história a cada criança / aluno foi uma estratégia a que a contadora de histórias recorreu. A literatura refere que as histórias podem ser contadas individualmente ou em grupo e o contador deve posicionar-se na frente dos ouvintes (Bag Books, 2011), a contadora tentou seguir esta orientação.

Quanto às estratégias relacionadas com a interação com os alunos, a contadora nomeou os objetos e fez alguns comentários acerca dos objetos. Relativamente a esta estratégia Young e seus colegas (2011) referem a importância de saber qual o melhor estímulo que se adequa à narrativa e à página, tendo em consideração as características do ouvinte. Procurou-se ter este aspeto em atenção.

Relativamente à promoção do envolvimento o presente estudo revelou-nos que a contadora utilizou algumas estratégias em todas as sessões do conto, tais como: o apoio mão sobre mão na exploração dos objetos e a disponibilização de objetos à criança / alunos. A contadora exemplificou ainda o que os alunos podiam fazer com os objetos e ajudou-os quando necessário. Esta estratégia, como nos refere Nunes (2009, 2001), implica segurar na mão da criança e levá-la até ao objeto para que esta explore.

3.3. Como se caracteriza o envolvimento de alunos com MD na hora do conto

Considerando que “o envolvimento é a porta de entrada para a aprendizagem” e “um dos melhores preditores para que o aluno apresente resultados positivos” (Carpenter et al., 2015, referenciando Keen, p.8) importa discutir o modo como os alunos dos casos A e B se envolveram na atividade do conto de histórias, considerando as histórias comuns e as HMS.

No caso A, o perfil de envolvimento do menino com MD no conto de histórias comuns foi muito fraco, situando ao nível do «não foco». O mesmo sucedeu aquando o conto de HMS, embora tenha alcançado pontuações um pouco superiores ao verificado com as histórias comuns. Muito embora o nível de envolvimento se tenha mantido no nível «não foco», o facto de ter alcançado uma pontuação superior à verificada nas histórias comuns pode ser importante na medida em que o estar mais atento dá oportunidade de apreender o conteúdo da história e incluir-se na cultura do conto de histórias (Ten Brug et al., 2016).

Perante as características físicas e desenvolvimentais desta criança, os resultados não nos surpreendem. Como mencionam Carpenter et al (2015) crianças com limitações mais graves envolvem-se durante menos tempo nas situações e evidenciam níveis mais elementares de envolvimento, comparativamente com as crianças com desenvolvimento típico. Pensamos ainda que o facto de as HMS não terem sido criadas especificamente para si, pensando nas suas características e interesses, possa ter condicionado o seu envolvimento no conto dessas histórias. Por outro lado, conjectura-se que o facto de o tempo de duração do conto de histórias ser relativamente curto poder ter exercido alguma influência na pontuação alcançada.

Importa destacar o facto de ser ter registado um ligeiro progresso no envolvimento da criança R. nas últimas sessões de conto de HMS e um ligeiro decréscimo no nível de envolvimento perante o conto de histórias comuns. Discutindo estes resultados face aos obtidos por Ten Brug et al. (2015) no seu estudo, vimos que os resultados da criança R, do caso A mostra a mesma tendência: o nível de atenção parece aumentar quando a história é contada repetidamente, sendo maior nas 4ª e 5ª sessões do que nas primeiras sessões. Por outro lado, nas sessões de conto de histórias comuns verifica-se o inverso, o seu perfil de envolvimento diminui ligeiramente nas duas últimas sessões, sendo que eram histórias do seu conhecimento.

Salienta-se que os estímulos sonoros e olfativos apresentados de forma ativa pareceram chamar mais a atenção desta criança e conduziram-na a manifestar-se mais atenta, o que, em parte, se assemelha aos resultados obtidos nos estudos de Ten Brug et al. (2015) e Ten Brug et al. (2015a). Os resultados de Ten Brug et al. (2015) indicam ainda que nas histórias longas os alunos obtêm níveis superiores de atenção comparando com as histórias curtas. Embora não se tenha analisado propriamente o nível de atenção da criança envolvida no presente estudo, verificámos que esta evidenciou níveis fracos de envolvimento, sendo que o tempo médio das histórias comuns foi muito curto e o das HMS um pouco mais longo. Inferimos que este aspeto pode ter condicionado o perfil de envolvimento de R. nas sessões de conto de HMS e de histórias comuns. Conjeturamos a eventual necessidade de esta criança necessitar de mais tempo para reagir e explorar os estímulos de acordo com as suas capacidades, ou se necessário com a ajuda de outrem.

Importa assinalar também que a criança R. não manteve sempre o mesmo perfil de envolvimento ao longo de uma mesma sessão, o que nos parece natural. Este tipo de comportamento tem sido reportado noutros estudos, nomeadamente por Ten Brug et al. (2015a).

Pensamos ser ainda importante destacar o facto de os comportamentos de envolvimento da criança durante o conto de HMS se dirigirem mais aos estímulos sensoriais apresentados na história, do que à interação social com a contadora de histórias, com os pares ou com outros adultos. No caso das sessões das histórias comuns não se observou um envolvimento tão presente com a história em si.

Analisando-se o nível do envolvimento obtido pelos três alunos do Caso B no conto de histórias, verifica-se que houve um nível de envolvimento superior ao observado no caso A, considerando as sessões de conto de histórias comuns e as de HMS. Certamente que a natureza das características individuais dos alunos envolvidos no estudo teve um impacto no perfil de envolvimento alcançado por cada aluno / criança no conto de histórias. Por exemplo, numa das sessões um dos alunos obteve a pontuação de 10, mantendo a atenção frequentemente e respondendo também às questões colocadas. As capacidades comunicacionais e motoras deste aluno certamente que possibilitaram que o seu envolvimento fosse mais intenso do que o apresentado pela criança do caso A. Por outro lado, as questões de ordem emocional também condicionaram o nível de envolvimento dos alunos do caso B, sendo que um dos alunos com maiores dificuldades nesta dimensão do seu desenvolvimento

manifestou irregularidade no seu perfil de envolvimento, dependendo este em parte do seu estado emocional no momento.

Durante o conto de HMS os três alunos manifestaram um envolvimento mais ativo com os estímulos sensoriais e com a contadora de história, do que com os pares. Não foi observado com frequência comportamentos de interação social entre os alunos.

As características dos estímulos sensoriais apresentados nas HMS também tiveram um efeito algo distinto nos três alunos, sendo que o nível de envolvimento na história dependeu em parte do modo como cada aluno percebe determinado estímulo sensorial. Para uns os objetivos com texturas mais suaves e fofas pareceram ser mais estimulantes, para outros os estímulos sonoros e para outros o olfativo. Assim, para os alunos com MD parece ser importante contar histórias que tenham em atenção as preferências sensoriais de cada uma das crianças a quem se conta a história.

Globalmente, e analisando o perfil de envolvimento das crianças e alunos nas sessões de conto de HMS, verificámos existir alguma oscilação nas pontuações alcançadas. Nem sempre os alunos evidenciam consistência nos seus comportamentos de envolvimento.

3.4. Fatores que influenciam o envolvimento dos alunos na atividade de conto de histórias

Para além dos fatores acima referenciados, o nosso estudo revelou a existência de outros fatores que parecem influenciar o envolvimento das crianças e jovens com MD na hora do conto.

No contexto A um dos fatores de natureza pedagógica que pareceu ser facilitador do envolvimento da criança na atividade de conto de histórias relacionou-se com o conhecimento prévio da história, observado nas seis sessões, e o conhecimento dos gestos e sons habitualmente usados, sendo estes fatores observados em cinco das seis sessões.

Também se observaram fatores de natureza pedagógica menos positivos, tais como o posicionamento da criança perante o grupo e o posicionamento da contadora de história perante a criança, em algumas das sessões esta encontrava-se distante da criança. O uso da câmara de filmar também foi um fator que influenciou negativamente o envolvimento das crianças na atividade de histórias.

Analisando os fatores que parecem influenciar positivamente o envolvimento da criança com MD nas sessões de conto de HMS, verificou-se que estes foram de natureza pedagógica. Por exemplo, em cinco de seis sessões, foi observada a apresentação individual das páginas da história. Em quatro sessões também se observou que as características sensoriais dos objetos condicionaram o nível de envolvimento da criança nas sessões de conto de histórias.

Assinala-se ainda o registo de fatores de natureza contextual que influenciaram de forma menos positiva o comportamento da criança, nomeadamente o recurso à câmara de filmar; bem como fatores de natureza individual, ou seja fatores relacionados com as particularidades de cada aluno, tais como: problemas de saúde física.

No caso B foram observados vários fatores positivos para o envolvimento dos alunos aquando o conto de histórias comuns. Salientam-se os fatores de natureza pedagógica, tais como a característica interativa da história, observada em duas de três sessões.

Outro aspeto que poderá influenciar o envolvimento dos alunos é o facto de estes conhecerem a história, observado em todas as sessões. O posicionamento da contadora de história também nos pareceu ser um fator positivo, sendo favorável esta contar a história sentada em frente aos alunos em duas das três sessões.

Em termos de fatores de natureza contextual o uso da câmara em todas as sessões constituiu-se um fator menos positivo.

No que ao conto de HMS diz respeito verificámos ser positivo para o envolvimento, sendo observado em todas as sessões, um conjunto diverso de fatores de natureza pedagógica, nomeadamente: o posicionamento da contadora, as características sensoriais e interativas dos objetos, bem como a temática da história e a individualização da exploração das páginas, por cada aluno. Tal como no conto de histórias comuns, a utilização de câmara de filmar pareceu-nos ser um fator menos positivo, constituindo-se como um fator distrator dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As características sensoriais, motoras e comunicacionais das crianças com MD levam-nas a manifestar dificuldades em se envolver e participar de forma significativa em diversas atividades do seu dia a dia, tais como na atividade de conto de histórias. A literatura consultada neste trabalho indica-nos ser importante a construção de histórias específicas, como é o caso das HMS, no sentido de esses momentos serem mais prazerosos e interativos. É igualmente relevante dinamizar esses momentos de modo a promover oportunidades para que estas crianças se envolvam em interações de qualidade com objetos e pessoas.

Os resultados de investigações realizadas nesta temática indicam que este tipo de histórias, as HMS, constituem recursos pedagógicos que estimulam o aluno com MD a se envolver de forma mais ativa na atividade de conto de histórias. Podem, portanto, tornar-se uma ferramenta essencial e transdisciplinar ao longo das suas aprendizagens. Neste tipo de histórias importa conjugar diversos estímulos sensoriais com o apelo a uma relação pedagógica que promova efetivas oportunidades de interação social e física.

Verificamos que o conhecimento prévio acerca dos ouvintes a quem se vai contar a história constitui o ponto de partida para a construção de HMS. Ou seja, para os alunos se envolvem com a história é importante que esta se adeque às suas características, gostos e necessidades. Neste estudo as HMS foram construídas e pensadas a pensar apenas nos alunos do caso B. Considera-se que o facto de, por conveniência da autora do estudo, não se ter tido possibilidade de construir uma HMS pensada para as características da criança do caso A. pode ter condicionado, em parte, os resultados alcançados ao nível do envolvimento desta criança com as HMS. Verificamos que esta criança se envolveu mais nas páginas em que os objetos e as ações se adequavam ao seu gosto / interesse. Consideramos ser este um aspeto importante a considerar. Porém, no caso das HMS construídas e dinamizadas pela Bag Books, esse fator não parece ser relevante, dado que os resultados parecem ser positivos.

Para se poder ter dados mais consistentes sobre este aspeto, pensamos ser útil analisar os comportamentos de envolvimento de alunos com MD, considerando se as HMS são ou não construídas a pensar nas suas necessidades e gostos.

Em termos pedagógicos consideramos importante o contador de histórias ter conhecimento sobre metodologia das HMS, conhecer o que nos diz a literatura, de modo a se adequar a dinamização dos momentos de conto de histórias. Importa referir

a relevância de se criar um *storyboard*, recurso que permite ao contador de história ter a noção do desenvolvimento da história e quais os estímulos que vai utilizar, como os vai usar e como vai promover a sua exploração por parte dos ouvintes.

O nosso estudo permitiu-nos perceber que os comportamentos dos participantes foram globalmente positivos, tanto nas sessões de conto de histórias comuns, como nas HMS. Concluímos, porém, que o seu envolvimento foi superior nas sessões do conto de HMS.

Em termos de implicações para a prática pedagógica consideramos que o nosso estudo teve impacto em nós, mas também na comunidade docente dos dois contextos que participaram no estudo.

Quanto a limitações com que nos deparámos durante a concretização do presente estudo, assinalamos que a principal se deve à inexperiência da autora na realização de estudos desta natureza.

Em termos de sugestões para estudos futuros, como já foi referido anteriormente, julgamos ser útil perceber as diferenças do envolvimento de crianças com as HMS realizadas de acordo com as características e gostos dos ouvintes, segundo as indicações da PAMIS, e as HMS construídas segundo as indicações da Bag Books. Pensamos que também seria útil perceber se as HMS podem constituir uma mais valia para crianças com problemas de concentração.

Em suma, este estudo foi uma mais valia para nós e para todos os intervenientes, esperamos que este trabalho inspire outros e que promova a construção de HMS, e utilização para crianças, jovens e adultos com MD.

REFERÊNCIAS

- Bag Books (s.d.). *Multi-sensory stories for people with learning disabilities*. London.
- Bag Books (Ed.) (2011). *Multi-sensory stories for people with learning disabilities. Training Notes*. London. Consultado em <http://www.bagbooks.org>.
- Bag Books (2012). *Multi-sensory stories for people with learning disabilities. Brochure*. London. Consultado em <http://www.bagbooks.org>
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Boer, N. & Wikkerman, C. (2008). *Multi-sensory Storytelling (MSST) makes sense*. Vereniging Gehandicaptenzorg Nederland. 8-11.
- Bhogal, K. (2016, January). Engagement profile and scale as a tool. *Send Magazine*, 16-18. www.sendmagazine.co.uk, Consultado em <https://barrycarpentereducation.files.wordpress.com/2016/03/karam-bhogal-edit.pdf>
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Carmo, H. & Ferreira, M.M. (2008). *Metodologia de Investigação*. Lisboa Universidade Aberta.
- Carpenter, B; Egerton, J.; Cockbill, B.; Bloom, T.; Fotheringham, J.; Rawsan, H. & Thistlethwaite, J. (2015). *Engaging Learners with Complex Learning Difficulties and Disabilities*, Routledge.
- Cavalcanti, J. (2006). *Malas que contam histórias: propostas de atividades para a dinamização de contextos lúdicos de aprendizagem*. Lisboa: Paulus.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A. & Bessa, F, Ferreira, M., Vieira S. (2009). *Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas.*, Instituto de Educação, Universidade do Minho

- Coutinho, M. C. (2011). *Metodologia de investigação em Ciências Sociais e Humanas. Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina, S.A.
- Coutinho, M. C. (2016). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas – Teoria e Prática*. (2ª ed.) Coimbra: Almedina.
- Downing, J.D. (1999). *Teaching Communication Skills to Students with Severe Disabilities*. Paul Brookes Publishing Co., Inc Baltimore, London, Toronto, Sydney.
- Durando, J. (2008). A Survey on literacy Instruction for Students with Multiple Disabilities. *Journal of Visual Impairment & Blindness*, 102 (1), 40-45.
- Flick, U. (2002). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor Projetos e Edições Lda.
- Gomes, C. (2016). *Contar Histórias a crianças com multideficiência: Contributo das Histórias Multissensoriais; dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para a obtenção do grau de mestre em Educação Especial*.
- Grove, N. (2013). *Using Storytelling to Support Children and Adults with Special Needs*. Routledg.
- Laevers, F. (1994b). The innovative project Experiential Education and the definition of quality in education. In F. Laevers (Ed.), *Defining and assessing quality in early childhood education* (pp. 159-172). Leuven: Leuven University Press.
- Litwinoff, R. (1997). *Os contadores de histórias, Projeto “Cada um conta o que sabe”*. Departamento de Educação Básica. Lisboa.
- Miguel, T.J.P. (2015). *O uso de histórias multissensoriais numa biblioteca pública*. Projeto de Intervenção apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para a obtenção do grau de mestre em Educação Especial.

- Nunes, C. (2002). *Crianças e jovens com multideficiência na e surdo cegueira. Contributos para o sistema educativo*. Lisboa: Ministério da educação Departamento de Educação Básica.
- Nunes, C. (2008). *Alunos com multideficiência e com surdocegueira congénita. Organização da resposta educativa*. Lisboa: Ministério da Educação. Direcção Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Nunes, C. (2009). *Aprendizagem activa na criança com multideficiência-guia para educadores*. Lisboa: Ministério da Educação. Direcção Geral da Inovação e desenvolvimento Curricular.
- Nunes C. (2011, abril). *Histórias Multissensoriais. Caixas de Histórias*. Folheto Consultado em <http://multideficiência.ning.com>.
- Orelve, F. P., Sobsey, D. & Silberman, R.K. (2004). *Educating Children with Multiple Disabilities. A Collaborative Approach*. (4ª ed.) Baltimore: Paul H. Brooks Publishing Co.
- PAMIS. (2010). *Promoting active engagement*. Consultado em <http://arcuk.org.uk/scotland/files/2010/11/PAMIS-Story-telling>.
- Penn, A., Ten Brug, A., Mund, V., Van der Putten, A., Vlaskamp, C., & Maes, B. (2012). Staff interactive style during multisensory storytelling with persons with profound intellectual and multiple disabilities. *Journal of Intellectual Disability Research*, 56, 167-178.
- Proença, P. (2010). *Histórias multissensoriais – uma metodologia inovadora*. Projeto de Investigação apresentado à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (5ªed.). Lisboa: Edições Gradiva.
- Saramago, A., Gonçalves, A., Nunes, C., Duarte, F. & Amaral, I. (2004). *Avaliação e Intervenção em multideficiência*. Lisboa: Centro de Recursos

para a Multideficiência. Ministério da Educação. Direcção Geral da Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Scottish Funding Council, (2012, march). *Multi-sensory Storytelling. Profound and Complex Needs Newsletter*. p.13.

Ten Brug, A., Van der Putten, A., Penn, A, Maes, B. & Vlaskamp, C. (2011). Multi-sensory storytelling for persons with Profound Intellectual and Multiple Disabilities: An Analysis of the Development, Content and Application in Practice. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 350-359.

Ten Brug, A., Van der Putten, A., & Vlaskamp, C. (2013). Learn and apply: Using multi-sensory storytelling to gather knowledge about preferences and abilities of children with profound intellectual and multiple disabilities - three case studies. *Journal of Intellectual Disabilities*, 339-360.

Ten Brug, A., (2015). A good read: A study into the use and effects of multi-sensory storytelling; a storytelling method for persons with profound intellectual and multiple disabilities. Stichting Kinderstudies.

Ten Brug, A., Munde, V., Van der Putten, A. & Vlaskamp, C. (2015). Look closer: the alertness of people with profound intellectual and multiple disabilities during multi-sensory storytelling, a time sequential analysis. *European Journal of Special Needs Education*, (ahead-of-print), 1-16.

Ten Brug, A., Van der Putten, A., Penne, A., Maes, B. & Vlaskamp, C. (2015a). One More Time? Factors influencing attentiveness of people with profound intellectual and multiple disabilities to Multi-Sensory Storytelling. *Journal of Policy and Practice in Intellectual Disabilities*.

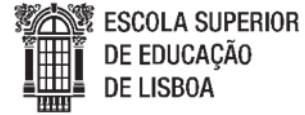
Ten Brug, A., Van der Putten, A., Penne, A., Maes, B. & Vlaskamp, C. (2016). Making a difference? A comparison between multi-sensory and regular storytelling for persons with profound intellectual and multiple disabilities. *Journal of Intellectual Disability Research*. 1043-1053, volume 60
consultado em

<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jir.12260/abstract>.

Young, H. & Lambe, L. (2011). *Multi-sensory Storytelling for People with Profound Multiple Learning Disabilities*. *PMLD LINK* - Sharing ideas and information.

Young, H., Fenwick, M., Lambe, L., & Hogg, J. (2011). Multi-sensory storytelling as an aid to assisting people with profound intellectual disabilities to cope with sensitive issues: a multiple research methods analysis of engagement and outcomes. 26(2). *European Journal of Special Needs Education*,127-142.

Anexo A. Requerimento para a autorização do estudo



Ex. Senhor Diretor do
Agrupamento de

Data: 26/11/2017

Assunto: Pedido de autorização de realização de um estudo no âmbito do Mestrado em Educação Especial, na Unidade de Apoio Especializado a crianças e jovens com multideficiência.

Declara-se que Marina Alexandra Santos Henriques é estudante do 2º ano do Curso de Mestrado em Educação Especial da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa e que no âmbito do referido mestrado se propõe a realizar um estudo relacionado com a temática: *Conto de histórias a alunos com multideficiência (MD)*. Este estudo pretende responder a duas questões: (i) Como se caracteriza o envolvimento e a participação dos alunos com MD nas atividades da hora do conto de histórias (típicas e multissensoriais)? e (ii) Quais as estratégias usadas pelos docentes no sentido de promover o envolvimento e a participação desses alunos nessa atividade?

Tendo em conta as questões colocadas, pretende-se com este estudo: (i) identificar os comportamentos de envolvimento e de participação dos alunos com multideficiência na atividade de conto de histórias e conhecer as estratégias usadas pelos docentes para promover o envolvimento e a participação desses alunos na atividade de conto de histórias.

A concretização do estudo exige o recurso às seguintes técnicas de recolha de dados:

- i. Observação direta da atividade de conto de histórias junto de alunos com multideficiência, com base em grelha de observação de registo do envolvimento e participação de alunos com multideficiência;
- ii. Consulta de documentos dos alunos com a finalidade de caracterizar as suas capacidades e dificuldades;
- iii. Entrevistas e inquéritos aos professores do ensino regular e de educação especial com o objetivo de apurar as perceções dos docentes relativamente ao envolvimento e participação de alunos com multideficiência no conto de histórias.

A todos os encarregados de educação será pedido por escrito a autorização com consentimento informado para a participação dos alunos no projeto. Todo o processo do estudo respeitará princípios éticos, será mantida a confidencialidade e o anonimato dos participantes. A

identificação dos participantes será substituída por códigos que apenas a autora do estudo conhecerá. Todos os dados recolhidos constituem segredo profissional e serão usados exclusivamente para a realização do estudo.

A realização deste estudo tem orientação da professora Clárisse Nunes da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa.

Deseja-se que a realização deste estudo contribua para uma melhor adequação das práticas desenvolvidas pelos profissionais junto de alunos com multideficiência, particularmente no que à promoção de oportunidades de envolvimento e participação na atividade de conto de histórias em contexto escolar diz respeito.

Entende-se que a aluna Marina Henriques tem o perfil adequado para desenvolver este estudo.

Lisboa, 26 novembro de 2017

Clárisse Nunes
(Professora Coorientadora do estudo)

Anexo B. Documento do termo de consentimento informado aos pais

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____
_____, encarregado de educação do/a aluno/a _____
declaro ter sido informada/o por Marina Alexandra Santos Henriques, a frequentar o Mestrado em Educação Especial – ramo de problemas de cognição e multideficiência, na Escola Superior de Educação de Lisboa, e estar ciente dos propósitos e termos em que decorrerá o presente estudo, bem como da participação do meu educando no mesmo, dos limites da confidencialidade e das demais questões. Assim, autorizo o meu educando a participar no estudo que pretende analisar o *envolvimento de alunos com multideficiência na hora do conto*.

Autorizo ainda a recolha de imagem (filmagem), e de outros dados para serem usados exclusivamente para os fins do estudo.

O estudo decorrerá durante o tempo letivo dos alunos, no espaço da escola e não implicará deslocações, sendo uma atividade integrada nas rotinas diárias. Este estudo não me trará qualquer despesa ou risco.

Foi-me assegurado/a total anonimato e proteção da informação fornecida à autora do estudo. Ou seja, a autora do estudo, Marina Alexandra Santos Henriques, assegura o anonimato dos dados relativos à identificação do meu educando e que os resultados obtidos serão divulgados apenas no meio científico, sem prejuízo da confidencialidade e anonimato referidos.

Declaro que compreendi a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e as minhas dúvidas foram esclarecidas. Assim, autorizo a participação do meu educando no presente estudo.

Assinatura: _____

Data: ___/___/2018

Anexo C. – Storyboard das HMS

Página	Capa	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
A Ana vai às compras	Saco de compras – objeto real	Visão Audição

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Título da história – escrito na placa em letras grandes Objeto 1 – fixo à página	
Dinamização da página da história	1 – Mostrar a capa da história 2 – Ler e apontar para o título da história 3 - Apontar para o objeto	

Página	2	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Hoje a Ana vai às compras com a mãe. A mãe ajuda a Ana a vestir o casaco.	Casaco com fecho – objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto – amovível da página (velcro)	
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Retirar o objeto da página 3 – Colocar o objeto na mão do aluno	

Página	3	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Antes de saírem de casa a mãe diz-lhe – Ana coloca o gorro, está frio.	Gorro – Objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto – amovível da página (velcro)	
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Retirar o objeto da página 3 – Colocar o objeto na mão do aluno	

Página	4	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
A mãe fecha a porta de casa com as chaves.	Porta com fechadura (1) – fixo à página Chave (2) - objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1) – fixo à página com dobradiças Objeto (2) – amovível da página (velcro)	
----------------------------------	--	--

Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Retirar o objeto (2) da página 3 – Colocar o objeto na mão do aluno 4 – Colocar a chave na fechadura
-----------------------------------	---

Página	5	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
No caminho para o supermercado, a Ana e a mãe encontram a D. Amélia, que está a passear o cão. A Ana faz uma festa ao cão, e diz: - Tem um pelo tão macio.	Cão (1) - objeto em pelúcia Trela (2) – objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1) – amovível da página (velcro) Objeto (2) – fixo à página (Cola quente)
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Retirar o objeto da página 3 – Colocar o objeto na mão do aluno

Página	6	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Encontram também o Pedro, que está a andar de bicicleta. A Ana diz-lhe adeus.	Campainha de bicicleta (1) – objeto real Bicicleta (2) - desenho	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1) – amovível da página (velcro) Objeto (2) – fixo à página
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Retirar o objeto da página 3 – Colocar o objeto na mão do aluno

Página	7	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
A Ana e a mãe chegam finalmente ao supermercado. A mãe da Ana vê a lista das compras e começa a colocar no carrinho das compras: queijo, pão, leite e iogurtes de aroma a morango, os preferidos da Ana.	Embalagem de iogurte (1) – objeto real Carrinho de compras (2) – objeto real em miniatura	Visão Audição Tato Olfato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1) – amovível da página (velcro) Objeto (2) – fixo da página (colado com cola quente) (Nota: iogurte de morango exterior à página)
----------------------------------	---

Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Mostrar o objeto ao aluno 3 – Colocar a embalagem de iogurte dentro do carrinho 3 – Sentir o cheiro a morango (iogurte real)
-----------------------------------	---

Página	8	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
No supermercado Ana pede à mãe um chocolate. A mãe diz que pode escolher um.	Embalagem de chocolate – objeto real	Visão Audição Tato Olfato Paladar

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto – amovível da página
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Retirar o objeto da página 3 – Colocar o objeto na mão do aluno 4 - Sentir o cheiro do chocolate 5 – Dar a provar o chocolate (Nota: chocolate real exterior à página)

Página	9	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Junto à caixa do supermercado colocam as compras no tapete rolante. A Ana ajuda a mãe a colocar as compras no saco. No fim a mãe paga as compras.	Carteira (1) – objeto real Dinheiro (2) – objeto real Saco de compras – (3) – objeto real em miniatura Chocolate (4) – objeto real Iogurte (5) – embalagem real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1) – fixo (cola quente) Objeto (2) – amovível da página (velcro) Objeto (3) – fixo à página (cola quente) Objeto (4, 5) – amovível da página, dentro do saco das compras
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Retirar o objeto (2) da página 3 – Colocar o objeto na mão do aluno 4 – Mostrar os objetos (4, 5), colocar dentro do saco.

Página	10	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Quando chegam a casa, é hora do lanche. A Ana coloca a toalha na mesa, para o lanche e a mãe arruma as compras.	Pedaco de tecido ao xadrez (1) – objeto real Guardanapo de papel (2) – objeto real Colher (3) – objeto real	Visão Audição

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1) – fixo à página (cola) Objeto (2) – fixo à página (cola quente) Objeto (3) – amovível à página (velcro)
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Mostrar o objeto 3 – Colocar o objeto (3) na mão do aluno 4 - Colocar o objeto (3) no objeto (1)

Página	11	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
A Ana come um iogurte de morango e a mãe o pão com queijo. Depois do lanche, a Ana delicia-se com o chocolate. Estava muito saboroso!	Pedaço de tecido ao xadrez (1) – objeto real Iogurte de morango (2) – objeto real Colher (3) – objeto real Guardanapo (4) – objeto real Chocolate (5) – objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1) – fixo à página (cola) Objeto (2) – amovível da página (Velcro) Objeto (3, 4) – fixo à página
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Retirar o objeto da página 3 – Colocar o objeto na mão do aluno 4 – Colocar

Página	Capa	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
A final do torneio de Boccia	Campo de boccia – objeto real	Visão Audição

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Título da história – escrito na placa em letras grandes Objeto 1 – feltro de cor verde (fixo à página)
Dinamização da página da história	1 – Mostrar a capa da história 2 – Ler e apontar para o título da história 3 - Apontar para o objeto

Página	2	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Hoje é um dia muito importante para o Rui, a final do torneio do Boccia. Ele está muito nervoso. Quando saiu de casa não se esqueceu do saco com o equipamento.	Saco (1) – objeto real Equipamento desportivo (2) – objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1) – amovível da página (velcro) Objeto (2) - amovível da página – dentro do saco
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Retirar o objeto da página 3 – Colocar o objeto na mão do aluno 4 – Retirar e colocar o equipamento de jogo do boccia.

Página	3	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
A mãe disse: - Rui vamos, o pai já esta no carro. O Rui sai de casa com a mãe. Entra no carro e coloca o cinto.	Cinto de carro (1) – objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1) – fixo à página (Cola quente)
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Mostrar o objeto 3 – Fazer o movimento de encaixar o cinto

Página	4	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Chegam à escola, onde se realizava o torneio. Os amigos já estavam à espera. Está a chover, o pai abre o chapéu-de-chuva, para o Rui sair do carro.	Chapéu-de-chuva (1) – Objeto real em miniatura	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1) – amovível da página (velcro) (Nota: borrifador com água, e pau com som de chuva)
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Apontar para o objeto 3 – Mostrar o objeto ao aluno 4 – Abrir e fechar o chapéu 4 – Ouvir a chuva, sentir a chuva...

Página	5	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
O Rui coloca-se na sua posição no campo. A bola alvo, é lançada pelo adversário.	Campo (1) – Objeto real Bola branca (2) - Objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1) – feltro de cor verde (fixo à página) Objeto (2) – amovível da página (velcro)
----------------------------------	---

Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Retirar o objeto (2) da página 3 – Colocar o objeto (2) na mão do aluno
-----------------------------------	---

Página	6	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
A mãe do Rui, entusiasmada, e abanando os seus pompons amarelos, grita: - Rui, Rui...	Pompons (1) – Objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto - amovível à página (Velcro)
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Mostrar o objeto ao aluno 3 – Colocar na mão do aluno e abanar...

Página	7	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
O Rui lança a primeira bola vermelha, e consegue uma boa pontuação.	Campo (1) - Objeto real Bola branca (2) - Objeto real Bola vermelha (3) - objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1 e 2) – fixo à página Objeto (3) - amovível da página (Velcro)
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Retirar o objeto da página 3 – Colocar o objeto na mão do aluno 4 – Fazer o gesto de lançar a bola

Página	8	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Nas bancadas o pai do Rui grita: - Força Rui. Vai tocando também o tambor.	Tambor em miniatura - Objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1) – fixo (abraçadeiras)
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Retirar o objeto da página 3 – Colocar o objeto na mão do aluno 4 - Tocar o tambor.

Página	9	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
O adversário do Rui lança a bola azul e fica longe da bola alvo.	Campo (1) - objeto real Bola branca e vermelha (2 e 3) - objeto real Bola azul (4) - objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1) – feltro verde (fixo à página) Objeto (2 e 3) – fixo à página Objeto (4) - amovível da página
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Retirar o objeto da página 3 – Colocar o objeto na mão do aluno

Página	10	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
O árbitro apita, chega ao fim do jogo.	Apito (1) – objeto real	Visão Audição

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1) – amovível da página (velcro)
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Retirar o objeto (1) da página 3 – Colocar o objeto na mão do aluno 4 – Ouvir o som do apito

Página	11	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
O Rui, ganha o jogo e a taça. Os amigos e a família aplaudem e batem palmas. O Rui vai para casa muito feliz	Taça – Objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto – amovível da página (Velcro) (nota: som das palmas)
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 – Retirar o objeto da página 3 – Colocar o objeto na mão do aluno

Anexo D - Caraterização dos alunos

Caraterização dos alunos

1. Identificação do aluno

Aspetos a considerar		Descrição
Data de nascimento		
Sexo		
Ano de escolaridade		
Diagnóstico		
Profissionais que trabalham com o aluno	Docentes	Ensino especial <input type="checkbox"/> Ensino Regular <input type="checkbox"/>
	Técnicos	

2. Capacidades e dificuldades do aluno

Aspetos a considerar	Descrição
Capacidades	
Necessidades	
Atividades em que participa	
Gostos e interesses	
Tipo de tecnologia de apoio que usa	
Outras informações importantes	

Data: _____

Anexo E – Guião de entrevista à educadora de infância

Entrevistada – Educadora de infância, responsável por um grupo de crianças com idades compreendidas entre 3 – 5 anos, incluindo uma criança com MD, na zona de Lisboa

Objetivos:

- Identificar as características das histórias contadas à criança com MD;
- Conhecer as reações da criança com MD ao conto de histórias comuns;
- Motivar o entrevistado para a participação neste estudo.

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Formulário de questões
Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista. • Motivar o entrevistado. • Garantir a confidencialidade o anonimato do entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> • Dar informações sobre o estudo: temática, objetivos e metodologia a utilizar. • Solicitar a participação do entrevistado, salientando a sua importância para o sucesso da investigação. • Assegurar o anonimato do entrevistado.
Caracterização da criança com MD	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as principais características e interesses da criança 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode descrever, por favor quais são as principais características da R.? E os seus principais interesses? Quais as atividades preferidas?
Tipos de histórias que são contadas à criança com MD	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as histórias que são contadas aos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode descrever-nos, por favor, o tipo de histórias que costuma contar ao grupo ? • Quem são os profissionais que habitualmente lhe contam essas histórias e em que contexto são essas histórias contadas? • Qual é a periodicidade desta atividade, na rotina do grupo? • Quais as estratégias que costuma usar para contar essas histórias?
	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber o modo como o R. se envolve no momento do conto de histórias. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode, por favor, descrever como habitualmente o R. reage a esse tipo de atividade - conto de histórias? Como reage ao livro, ao contador de histórias, e aos pares? • Quais os comportamentos mais comuns do R.?
Motivação do entrevistado para a utilização de HMS	<ul style="list-style-type: none"> • Saber se o entrevistado conhece HMS. • Motivar o entrevistado para a utilização de HMS e participação no estudo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Gostaria agora de lhe perguntar se já ouviu falar de HMS? • Quais os seus conhecimentos e experiências relativamente a este tipo de HMS? • Falar um pouco sobre o uso destas histórias na educação de alunos com MD para motivar a entrevistada.
Finalização da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Dar oportunidade ao entrevistado para falar sobre assuntos pertinentes que não tenham sido abordados na entrevista. • Terminar a entrevista agradecendo e valorizando o contributo do entrevistado para o estudo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Por nós é tudo. Gostaria de acrescentar mais alguma informação? • Agradecer a disponibilidade para colaborar no estudo e nos conceder esta entrevista. • Informar o entrevistado que depois de transcrever a entrevista pode devolvê-la para confirmar se o registo corresponde às opiniões que deseja expressar.

Anexo F – Guião de entrevista à docente bibliotecária

Entrevistada – Professora responsável, pela biblioteca escolar, de uma escola localizada na região Oeste.

Objetivos:

- Identificar as características das histórias contadas aos alunos com MD;
- Conhecer as reações dos alunos com MD ao conto de histórias comuns;
- Motivar o entrevistado para a participação neste estudo.

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Formulário de questões
Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista. • Motivar o entrevistado. • Garantir a confidencialidade o anonimato do entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> • Dar informações sobre o estudo: temática, objetivos e metodologia a utilizar. • Solicitar a participação do entrevistado, salientando a sua importância para o sucesso da investigação. • Assegurar o anonimato do entrevistado.
Tipos de histórias que são contadas aos alunos com MD	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as histórias que são contadas aos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode descrever-nos, por favor, o tipo de histórias que costuma contar aos alunos que frequentam a UAM? • Quem são os profissionais que habitualmente lhe contam essas histórias e em que contexto são essas histórias contadas? • Qual é a periodicidade desta atividade, na rotina dos alunos? • Quais as estratégias que costuma usar para contar essas histórias?
	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber o modo como os alunos se envolvem no momento do conto de histórias. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode, por favor, descrever como habitualmente os alunos reagem a esse tipo de atividade - conto de histórias? Como reagem ao livro, ao contador de histórias, e aos pares? • Quais os comportamentos mais comuns dos alunos?
Motivação do entrevistado para a utilização de HMS	<ul style="list-style-type: none"> • Saber se o entrevistado conhece HMS. • Motivar o entrevistado para a utilização de HMS e participação no estudo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Gostaria agora de lhe perguntar se já ouviu falar de HMS? • Quais os seus conhecimentos e experiências relativamente a este tipo de HMS? • Falar um pouco sobre o uso destas histórias na educação de alunos com MD para motivar a entrevistada.
Finalização da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Dar oportunidade ao entrevistado para falar sobre assuntos pertinentes que não tenham sido abordados na entrevista. • Terminar a entrevista agradecendo e valorizando o contributo do entrevistado para o estudo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Por nós é tudo. Gostaria de acrescentar mais alguma informação? • Agradecer a disponibilidade para colaborar no estudo e nos conceder esta entrevista. • Informar o entrevistado que depois de transcrever a entrevista pode devolvê-la para confirmar se o registo corresponde às opiniões que deseja expressar.

Anexo G – Guião de entrevista à docente de educação especial

Entrevistada: Professora de educação especial a lecionar numa Unidade de Apoio à Multideficiência e surdocegueira (UAM), localizada na região Oeste.

Objetivos:

- Identificar as características das histórias contadas aos alunos com MD;
- Conhecer as reações dos alunos com MD ao conto de histórias comuns;
- Motivar o entrevistado para a utilização de HMS e participar neste estudo.

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Formulário de questões
Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista. • Motivar o entrevistado. • Garantir a confidencialidade o anonimato do entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> • Dar informações sobre o estudo: temática, objetivos e metodologia a utilizar. • Solicitar a participação do entrevistado, salientando a sua importância para o sucesso da investigação. • Assegurar o anonimato do entrevistado.
Caracterização dos alunos com MD	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as principais características e interesses dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode descrever, por favor quais são as principais características dos seus alunos? E os seus principais interesses? e Quais as atividades preferidas de cada aluno?
Tipos de histórias que são contadas aos alunos com MD	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as histórias que são contadas aos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode descrever-nos, por favor, o tipo de histórias que costuma contar aos alunos que frequentam a UAM? • Quem são os profissionais que habitualmente lhe contam essas histórias e em que contexto são essas histórias contadas? • Qual é a periodicidade desta atividade, na rotina dos alunos? • Quais as estratégias que costuma usar para contar essas histórias?
	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber o modo como os alunos se envolvem no momento do conto de histórias. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode, por favor, descrever como habitualmente os alunos reagem a esse tipo de atividade - conto de histórias? Como reagem ao livro, ao contador de histórias, e aos pares? • Quais os comportamentos mais comuns dos alunos?
Motivação do entrevistado para a utilização de HMS	<ul style="list-style-type: none"> • Saber se o entrevistado conhece HMS. • Motivar o entrevistado para a utilização de HMS e participação no estudo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Gostaria agora de lhe perguntar se já ouviu falar de HMS? • Quais os seus conhecimentos e experiências relativamente a este tipo de HMS? • Falar um pouco sobre o uso destas histórias na educação de alunos com MD para motivar a entrevistada.
Finalização da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Dar oportunidade ao entrevistado para falar sobre assuntos pertinentes que não tenham sido abordados na entrevista. • Terminar a entrevista agradecendo e valorizando o contributo do entrevistado para o estudo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Por nós é tudo. Gostaria de acrescentar mais alguma informação? • Agradecer a disponibilidade para colaborar no estudo e nos conceder esta entrevista. • Informar o entrevistado que depois de transcrever a entrevista pode devolvê-la para confirmar se o registo corresponde às opiniões que deseja expressar.

Anexo H – Notas de campo

Nota de campo nº1

Dia 19 de Janeiro de 2017

Hora: 10h às 11h30

Participantes: Professora de educação especial, uma assistente operacional, três alunos que estão permanentes na unidade.

Primeira visita à Unidade de Multideficiência

Nesta primeira visita, à UAM foi-me apresentada uma das professoras que está pontualmente na unidade. Esta apresentou-me os alunos que frequentam esta unidade. Neste dia estavam três alunos, os restantes dois estavam ausentes por doença. Foi referido que estas ausências são frequentes, devido à saúde frágil destes alunos. Conversámos um pouco sobre cada um deles.

A professora caracterizou de uma forma geral os alunos, a qual se passa a descrever.

O J., tem 15 anos, e apresenta vários distúrbios, é autónomo na refeição: come sozinho, e usa a fala para comunicar.

O J.P tem 13 anos é um rapaz sensível ao som, tem epilepsia, e come muito bem.

A B. tem 19 anos e dificuldades de mobilidade.

A L. tem paralisia cerebral, alimenta-se por sonda, pelo que normalmente come no espaço da unidade. Esta aluna não comunica verbalmente e ausenta-se muitas vezes por motivo de doença.

O A. tem 14 anos, é o aluno que apresenta um diagnóstico mais grave, tem cegueira, epilepsia, manifesta muita rigidez muscular, necessitando de ser aspirado muitas vezes, reage ao toque e à vibração.

Portanto, há alunos que têm uma saúde muito débil, e na sua maioria deslocam-se para a escola de ambulância. Sendo assim o contato entre os encarregados de educação e as professoras de educação especial, é quase nulo, podendo ser um obstáculo para a concretização deste estudo (obtenção do consentimento informado). Mas as professoras de educação especial, vão entrar em contato com os encarregados de educação para estes assinarem o termo de consentimento.

Nas horas da refeição, os alunos vão ao refeitório, que se situa noutra edificação do espaço escolar, contudo se o tempo estiver a chover ou muito frio ficam no espaço da UAM, comendo nesse espaço.

Aproveitei este momento para explicar às professoras o que pretendia com este estudo, os objetivos, as técnicas de recolha de dados: as observações e os documentos referentes aos alunos, e por fim conversámos sobre as histórias multissensoriais.

Quanto ao espaço da unidade esta, está dividida por duas áreas: área de atividades de vida diária e área de trabalho individual. Existem também alguns instrumentos reguladores, como o mapa das presenças e, o que fazemos.

Nota de campo nº2

Dia 30 de Janeiro de 2017

Início: 10h30

Términus: 11h40

Participantes: Cinco alunos com NEE, uma professora bibliotecária, uma professora de educação especial, duas assistentes operacionais.

Hora do conto na Unidade de multideficiência dinamizado pela docente bibliotecária

- Organização do espaço e dos alunos

A sala da UAM está organizada com cinco pufs, virados para o quadro interativo. Os alunos presentes são, o J., a B., o J.P., a L. e o R..

O R. é um aluno que não tem multideficiência, pelo que não frequenta a tempo inteiro o espaço da unidade. Este aluno, com CEI, foi assistir à hora do conto. O J.P. e a L. já estavam sentados nos pufs. Entretanto os restantes alunos sentam-se nos pufs, escolhendo onde querem ficar.

A professora de educação especial e as assistentes operacionais, sentam-se em cadeiras atrás dos pufs. Quando a história aparece no quadro interativo, a contadora de histórias pede para baixarem os estores, para que a sala fique mais escura.

- Estratégias usadas pela contadora de história

A bibliotecária cumprimenta os alunos, explicando que história vão ouvir: “O Sapo no Inverno”.

Inicia o conto da história, olhando para o quadro interativo, e sentada ao pé da secretária onde está o computador.

No decorrer do conto de histórias, a contadora vai colocando questões diretas aos alunos B., e J., sendo estes os únicos que usam a linguagem oral. Estes alunos vão respondendo, muitas das vezes com a ajuda da professora ou das assistentes operacionais. A contadora vai enumerando as características do sapo, a sua cor, o que tem vestido, faz alguns gestos relativos à história (ex.: fazer bolas de neve e lançar), continuando sentada.

Durante a hora do conto a contadora não se dirige aos alunos J.P. e a L..

- Comportamentos dos alunos face à história, aos pares e aos adultos

O J.P. observa a contadora de história, olha para os pares, principalmente os que estão ao lado, por vezes ri-se.

O J. distrai-se muitas vezes, mas quando a contadora de história lhe faz uma pergunta ele responde assertivamente, depois não consegue voltar a concentrar-se, falando, olha para trás, mexe com a mão no braço da B., querendo agarrar-lhe a mão, deita-se no puf, em todas as vezes a professora dá-lhe a mão e incentiva-o a ouvir a história. Este aluno responde a muitas das questões colocadas pela contadora da história de uma forma assertiva, e pelo menos três vezes tornou-se repetitivo, na sua resposta não deixando a aluna B. responder.

A L. reage duas vezes esboçando um sorriso, olhando para o R., que lhe toca com a mão na cara. Reage também positivamente, quando o mesmo aluno lhe coloca com o objeto sapo, em contato com a sua cara.

A aluna B., vai respondendo às questões colocadas, mas distrai-se com muita facilidade. Tal como o aluno J., a B. também depois de responder a alguma pergunta, não consegue voltar a concentrar-se. Levanta-se do puf com dificuldade (duas vezes no decorrer da história), escorrega do puff, ficando sentada no chão. A assistente operacional, repreendeu-a pediu para estar atenta à história e que tinha que estar sentada. A aluna obedeceu sempre à assistente operacional.

Durante o tempo da atividade interage muito com o J.P., tocando –lhe varias vezes, tendo de ser retirada por duas vezes de cima do J.P. Entre estes dois alunos parece existir uma cumplicidade, visto que quando a aluna B. faz algum gesto, toca, ou fala para este aluno, ele reage sempre sorrindo.

O aluno R., no decorrer da história esteve sempre calado, mas atento.

- Envolvimento / reação dos alunos

Como já foi referido, no conto desta história os alunos que estiveram mais envolvidos e que participaram ativamente foram os que usam a linguagem verbal, pois iam respondendo as questões que lhes iam sendo colocadas. Os restantes, principalmente o J.P. e a L., não tiveram qualquer participação ativa na atividade. O aluno R. esteve atento, mas também não teve qualquer participação

Dinamização da atividade posterior à hora do conto – Vestir o sapo

- Estratégias usadas pela contadora de história

Depois do conto da história a contadora mostra aos alunos um sapo de pelo de cor verde, envolto numa manta amarela. A contadora deixa os alunos mexerem no objeto, ao J.P. e à L. coloca – o, ao pé da cara e pega na mão destes para tocarem, os dois movimentam o olhar. Também refere as cores da manta, do sapo e dos calções, que o sapo veste.

A contadora diz aos alunos que têm de vestir o sapo com roupa de inverno. E vai questionando o que podem vestir no sapo para este fique mais quentinho.

De seguida, os alunos vão vestindo o sapo, os alunos J., B. e R. com a ajuda da contadora, vestem o sapo com camisola, cachecol, gorro, meias e pantufas. Estes acessórios e peças de vestuário foram mostradas a todos os participantes.

A contadora vai pedindo ajuda aos dois alunos que têm mais autonomia.

Ao longo deste processo vai sempre mostrando, o sapo, o J.P. e à L..

- Envolvimento / reação dos alunos

Nesta atividade realizada pela professora bibliotecária, observa-se um maior envolvimento e participação de todos os alunos, sendo mais evidente nos que têm linguagem verbal. Contudo, estes manifestam algumas dificuldades para vestir o sapo.

O aluno R. foi o único que conseguiu vestir a camisola ao sapo e calçar-lhe as meias. Os alunos J. e B. tentaram, mas não conseguiram.

Os alunos J.P. e L. limitaram-se a tocar nos diferentes acessórios que foram utilizados para vestir o sapo.

Depois das luvas colocadas, a B. leva o sapo ao pé do J.P. e faz festinhas na cara deste, o aluno arregala os olhos, mexe-se e sorri. A L. olha para o sapo, mas não se observou nenhum movimento.

Nesta atividade todos os alunos estiveram atentos aos acessórios e vestuários mostrados e manifestaram o seu envolvimento através do olhar, do toque, e dos sorrisos.

Nota de campo nº3

Dia:13 de março 2018

Início: 10h

Términus: 11h40

Participantes: Três alunos: a B., o J. e o J.P.; duas assistentes operacionais.

Hora do conto de uma história multissensorial na Unidade de multideficiência: “A Ana vai às compras”

- Organização do espaço e dos alunos

Quando cheguei à sala da unidade esta já estava organizada com os pufs em semi círculo para a hora do conto. Quando cheguei com a caixa da história, o aluno J., disse que não queria ouvir história nenhuma, que estava farto de histórias. Pedi-lhe então ajuda com a caixa onde estava a história, que era muito pesada e que ele podia ajudar-me. Satisfeito por ajudar começou por acalmar e escolher o pufs, para iniciarmos o conto da história.

- Envolvimento / reação dos alunos

Todos os alunos se envolveram no conto da HMS. De realçar a reação positiva do J.P. ao som da campanha da bicicleta, sorriu bastante, vocalizando também.

A aluna B., houve algumas páginas da história que não quis participar na interação com os objetos da HMS, mas noutras, como é o caso da página com o cão, o envolvimento foi notório.

O aluno J., nesta primeira sessão mostrou-se participativo, envolvido e atento ao conto da história. Destacando-se a página, da carteira e do dinheiro, como sendo aquela em que demonstrou maior envolvimento. Este aluno associou vários objetos da história à sua rotina diária, como foi o caso do saco de compras do pingo doce, o dinheiro, a carteira, e do carrinho do supermercado.

Nota de campo nº4

Dia:20 de março 2018

Início: 10h

Términus: 12h30

Participantes: Três alunos: a B., o J. e o J.P; uma assistente operacional, uma professora de educação especial.

Hora do conto de uma história multissensorial na Unidade de multideficiência: “A Ana vai às compras”

- Organização do espaço e dos alunos

Quando cheguei à sala da unidade o aluno J.P., estava a terminar o pequeno-almoço. De seguida começamos a organizar a sala, como é habitual, em semicírculo, com os pufs.

- Envolvimento / reação dos alunos

Hoje o J. estava mais agitado, mais desobediente, não estava tão participativo. Durante a história o aluno enrola-se no puf e deita-se para trás. Como nenhum dos seus colegas quis saborear o iogurte, ele comeu-o todo. O aluno ficou amuado com a aluna B. devido ao facto de ela na página onde se encontra o objeto cão, ter puxado a trela do cão, não deixando a o aluno explorar o objeto.

O J.P. reagiu à campainha e às moedas, com um sorriso, mexendo também os braços e a cabeça. Há alguns objetos que despertam mais atenção e respostas, tais como: o cão, quando sente o pelo do mesmo, sorrindo. Como não gosta de iogurte recusou experimentar, quando lhe foi colocado a colher ao pé dos lábios, o aluno virou a cara e fechou a boca, e, mas o chocolate provou e gostou.

A aluna B. recusou executar algumas tarefas que lhes foram pedidas, tais como abrir e fechar o fecho do casaco, abrir e fechar a porta com a chave, também não tocou a campainha da bicicleta. Mas, quanto a página do cão estava a ser explorada pelo aluno J., a aluna B., puxava a trela da página, para conseguir agarrar o cão. Quando chegou a página do cão, deliciou-se, abraçando-o. No fim da história a aluna B. negou-se a provar o iogurte, pois estava ansiosa por comer o chocolate, pois já sabia que havia chocolate que ela adora.

O grupo de alunos envolveu-se na história, colaborando na dinamização das páginas. Os três alunos participantes nesta sessão, mostraram mais interesse na página do cão.

Nesta sessão houve três interrupções. Duas assistentes operacionais bateram à porta, uma para pedir a máquina de plastificar e permaneceu na sala a plastificar e a conversar com a docente. A outra assistente entrou para transmitir um recado. Entretanto foi o telefone que tocou, a docente atendeu, apesar de falar baixinho, os alunos desviaram a atenção. O J. sempre que existiram estas interrupções foi falando e cumprimentando quem entrava, desviando-se da atividade.

Nota de campo nº5

Dia: 22 de março 2018

Início: 10h

Término: 12h

Participantes: Quatro alunos: a B., o J., o A. e o J.P; duas assistentes operacionais, uma professora de educação especial e uma professora bibliotecária.

Hora do conto de uma história multissensorial na Unidade de multideficiência – “A Ana vai às compras”

- Organização do espaço e dos alunos

Quando cheguei à sala da unidade o aluno A. estava a realizar a higiene. Este aluno regressa à unidade depois de três meses de ausência, devido a problemas de saúde. De seguida começámos a organizar a sala, como é habitual, em semicírculo, com os pufs e desta vez também com cadeiras.

- Envolvimento / reação dos alunos

O aluno J. mostrou-se contente quando viu a caixa da história, referiu que já sabia a história, e perguntou se havia iogurte e chocolate no fim. Este aluno envolveu-se em todas as páginas da história conseguindo, sempre que uma página era retirada da caixa, reproduzir a história.

O aluno J.P. como nas sessões anteriores, reagiu à história com sons, vocalizando e sorrindo.

A aluna B. participou mais do que na sessão anterior. Conseguiu abrir o fecho do casaco, tocou nas cortinas da página da porta, continuando a não abrir, tocou na bicicleta desenhada, mas não na campainha. Esta aluna demonstrou interesse pelo cão dando-lhe inclusive um nome. Gostou muito de saborear o chocolate.

O aluno A., assistiu pela primeira vez à história. Ao longo da história foi mexendo os olhos. Este aluno não manifestou qualquer reação observável aos objetos.

Nota de campo nº6

Dia: 10 de Abril 2018

Início: 9h30h

Término: 11h

Participantes: Três alunos: a B., o J., J.P; duas assistentes operacionais, e uma professora de educação especial.

Hora do conto de uma história multissensorial - “A final de torneio do Boccia”, no espaço da Unidade

Hoje quando cheguei à unidade o J.P. estava a comer um pão de leite. A B. estava ajoelhada ao pé do puf, onde o J.P. estava sentado. O J., quando cheguei saiu, bateu com a porta, estava agressivo, utilizando uma linguagem imprópria e até ofensiva. As assistentes operacionais alertaram que desde ontem que está com este tipo de comportamento. Segundo as mesmas, a família não deverá estar a cumprir corretamente com a medicação.

A docente questionou-me sobre a possibilidade de alunas com PIT, que estão a realizá-lo num jardim de infância, poderem assistir à hora do conto. Assim, nesta sessão assistiram também quatro alunas, com PIT e um docente das mesmas. Antes de iniciar o conto da história multissensorial expliquei-lhe o objetivo das histórias e como se realizam.

- Organização do espaço e dos alunos

O espaço ficou organizado da mesma forma das sessões anteriores, em semicírculo, o J.P., sentado no puf, a B. desta vez numa cadeira. O J. optou por não participar. Falou alto, utilizou expressões desadequadas, ficou sentado numa cadeira do lado das alunas que assistiam. Uma assistente operacional filmou e a outra ficou perto do J.P. e da B. A docente sentou-se perto do J.

- Envolvimento / reação dos alunos

A aluna B. esteve atenta e participativa ao longo da história. Apesar de nalgumas páginas recusar participar, como no caso das referentes ao cinto de segurança e à colocação das bolas de boccia. As páginas em que mais se envolveu foram: a do chapéu de chuva e do borrifador com água, a do tambor, a taça e os pompons. Quis experimentar.

O J.P., reagiu sorrindo e vocalizando, quando: os pompons lhe tocavam na cara, ouviu ao som do tambor, sentiu a vibração do som do apito, e o som das palmas no fim. Pareceu ficar assustado com a água do borrifador na mão.

Quando as alunas que estavam a sair, o aluno J. veio falar comigo, a dizer que queria ouvir a história e disse que estava bonita. A docente disse – lhe que não, que não participou porque não quis.

Hora do conto de uma história comum realizada pela docente de educação especial – “Há um monstro no teu livro”

- Organização do espaço e dos alunos

Esta história foi contada depois da HMS. Os alunos permaneceram na mesma disposição do conto de HMS

- Envolvimento / reação dos alunos

A história que foi contada já era conhecida dos alunos. A docente ao contar a história ia questionando os alunos sobre o que vinha a seguir. Ao J.P. mostrava-lhe as páginas do livro com a ilustração, ele por vezes ia sorrindo. A B. ia fazendo os gestos e movimentos: soprar, inclinar para a esquerda, girar...

Os alunos que estavam a assistir, entretanto, tiveram de sair ao meio da história, fez com que os outros alunos se distraírem-se.

- Estratégias usadas pela contadora

A contadora senta-se em frente aos alunos, começa o conto para todos os alunos. Primeiro lê e de seguida mostra as páginas da história. Ao longo da história vai pedindo ajuda aos alunos para executarem as tarefas referidas na história. Por exemplo: inclinar para a direita, girar, entre outras.

Nota de campo nº7

Dia: 16 de Abril 2018

Início: 9h30h

Término: 11h

Participantes: Três alunos: a B., o J., J.P.; duas assistentes operacionais, uma professora de educação especial, e professora bibliotecária.

Hora do conto de uma história multissensorial na Unidade de multideficiência – “A final do torneio de boccia”

- Organização do espaço e dos alunos

O espaço ficou organizado da mesma forma das sessões anteriores, em semicírculo, o J.P., sentado no puf, a B. e o J. desta vez numa cadeira. Uma assistente operacional filmou.

- Envolvimento / reação dos alunos

A aluna B. reage positivamente à história, mas recusou-se muitas vezes a executar algumas tarefas propostas ao longo da história. Na página do cinto de segurança, não encaixou nem desencaixou o cinto, não agarrou nos pompons, não tocou no tambor, e nunca colocou as bolas. Na página do chapéu de chuva quando é borrifada parece pensar que é perfume, pois foi cheirando a mão.

O aluno J. estava colaborativo e participativo em todas as páginas da história. Executou as tarefas das páginas, desde as bolas, no campo, como as dos pompons, a do tambor,..

Na página da chuva tirou da mão da contadora de história o borrifador, pois queria também borrifar a contadora de histórias.

O aluno J.P., reage principalmente aos objetos que têm som: som do tambor, as palmas, o apito. Sorri e vocaliza alguns sons.

Hora do conto de uma história comum realizada pela docente de educação especial – “O pássaro da alma”

A hora do conto é filmada pela autora do estudo que está sentada um pouco atrás da contadora de história.

- Organização do espaço e dos alunos

Os alunos permaneceram na mesma disposição do conto de HMS.

- Envolvimento / reação dos alunos

A história que foi contada os alunos já conheciam. Ao J.P. mostrava-lhe as páginas do livro com a ilustração.

- Estratégias utilizadas pela contadora para contar a história

A contadora coloca-se sentada em frente aos alunos, refere o título da história e mostra-lhes a capa do livro. Ao longo da história a contadora questiona os alunos sobre a história. Explica também algumas emoções como a raiva, o odio. Faz alguns movimentos relativamente à história. Levantando-se: “Para trás, para a frente”

Nota de campo nº8

Dia: 17 de Abril 2018

Início: 10h00h

Términus: 11h40

Participantes: Três alunos: a B., o J., J.P; duas assistentes operacionais, uma professora de educação especial.

Hora do conto de uma história multissensorial na Unidade de multideficiência – “A final de torneio de boccia”

Hoje quando cheguei à unidade o aluno J. estava um pouco agitado: saía e entrava da sala a gritar e a bater com a porta. Uma das vezes saiu mesmo para o exterior da escola, as duas assistentes operacionais saíram a correr para ir buscá-lo, estava muito alterado. Quando regressou disse que não queria ouvir a história, entre outras conversas desapropriadas. Sugeri que ele me ajudasse a contar a história. O aluno ficou um pouco mais tranquilo, e ficou ao meu lado em pé a segurar nas páginas a mostrar ao restante grupo.

- Organização do espaço e dos alunos

Os alunos B. e J.P., uma assistente operacional e a docente estavam em semicírculo, todos em cadeiras com exceção o J.P. que estava no puf. O aluno J. como já referi ficou em pé ao meu lado.

- Envolvimento / reação dos alunos

A aluna B. mostrou-se um pouco mais colaborativa, não sei se devido ao facto do seu colega estar a ajudar. Uma assistente operacional, ficou ao lado desta aluna ajudando-a e incentivando a sua participar, conversando com a aluna para estas executar as tarefas.

O aluno J., esteve envolvido nesta sessão, sendo ele próprio o contador de histórias. Esteve participativo, ajudando com as páginas, com os objetos, ia buscar as páginas, completava a história comigo, e íamos os dois mostrando as páginas. Ele manteve-se sempre empenhado e calmo.

Hora do conto de uma história comum realizada pela docente de educação especial – “Dez amigos”

A docente de educação especial, é a contadora da história e está sentada numa cadeira em frente aos alunos. A autora do estudo filma a história e encontra-se sentada numa cadeira um pouco atrás da docente.

- Organização do espaço e dos alunos

Os alunos permaneceram na mesma disposição do conto de HMS, estão dispostos em semicírculo, na sala da UAM.

- Envolvimento / reação dos alunos

A história que foi contada os alunos já conheciam. O aluno J.P. foca-se muito na contadora de história. Quando a contadora emite o som do pato, o aluno emite alguns sons.

A aluna B. mexe algumas vezes na mão do aluno J. P. Está um pouco irrequieta ao longo da história: coloca as mãos no ar, esfrega os olhos, encosta-se à assistente operacional, por vezes não diz as palavras dos símbolos quando é a sua vez. Identifica alguns símbolos pictográficos como o do índio, fazendo o som. Responde também algumas questões ao longo da história.

O aluno J. respondeu as questões que lhe foram colocadas. A pedido da docente ia dizendo as palavras associadas aos símbolos pictográficos. No decorrer da história esfrega as mãos na perna, e cruza as pernas.

- Estratégias usadas para contar a história

A contadora senta-se em frente aos alunos, inicia o conto da história para todos os alunos. Primeiro mostra a capa, levantado o livro e lê o título da história. Lê e depois apresenta uma página de cada vez aos alunos. Explica também aos alunos que a história tem símbolos pictográficos, no final da página. Ao aluno J.P., levanta-se e dirige-se a este mostrando-lhe a página que leu. Alternadamente os alunos B. e J., vão dizendo o significado dos símbolos pictográficos. Utiliza ainda sons e nome dos animais que são personagens da história. Utiliza também os dedos das mãos para contar o número de animais da história.

Anexo I – Transcrição das entrevistas

Estudo: Envolvimento de alunos com multideficiência na hora do conto

Transcrição entrevista realizada à educadora de infância

Pode descrever, por favor quais são as principais características da R.?

Resposta: O R. tem cinco anos, é uma criança com paralisia cerebral, tem ataques epiléticos, tem espasmos, não anda, não fala, a única forma dele reagir é com o olhar, por vezes mexe a perna direita.

E os seus principais interesses?

Resposta Adora música, sons, ou com instrumentos musicais, ou os amigos a cantarem.

Quais as atividades preferidas?

Resposta Tudo o que tenha a ver com o toque. O pincel na mão, tudo o que tenha há ver com o sensorial.

Pode descrever-nos, por favor, o tipo de histórias que costuma contar ao grupo?

Resposta Eu tenho uma biblioteca minha e há uma biblioteca da sala. Normalmente, no momento da manhã são eles que escolhem sempre uma ou duas histórias para se contar, ou eles ou eu. Quando há alguma temática para trabalhar, eu trago a história. As histórias são as comuns numa sala de jardim-de-infância. Umas mais lúdicas, outras mais tradicionais, e outras com temas

Quem são os profissionais que habitualmente lhe contam essas histórias e em que contexto são essas histórias contadas?

Resposta Eu ou a auxiliar da sala. São contadas na sala.

Qual é a periodicidade desta atividade, na rotina do grupo?

Resposta Histórias são contadas todos os dias na sala, muitas das vezes mais que uma vez por dia. Porque eles gostam muito de histórias. Eles pedem.

Quais as estratégias que costuma usar para contar essas histórias?

Resposta Livro, mostro as páginas, as imagens, às vezes com fantoches. E às vezes uso a mimica, a expressão fácil e diferentes tons de voz.

Pode, por favor, descrever como habitualmente o R. reage a esse tipo de atividade - conto de histórias? Como reage ao livro, ao contador de histórias, e aos pares? Quais os comportamentos mais comuns do R.?

Resposta Muitas das vezes o olhar dele está para os amigos, ou está a direcionar o olhar para nós. O que reage mais é a nossa voz, principalmente com mudo o tom de voz, utilizo instrumentos, algo com som.

Gostaria agora de lhe perguntar se já ouviu falar de HMS?

Resposta Não nunca tinha ouvido falar, só ouvi contigo, e acho que o R. vai gostar.

Transcrição da entrevista realizada a professora bibliotecária

Entrevistada – Professora responsável, pela biblioteca escolar, de uma escola localizada na região Oeste.

Dia: 30 de Janeiro de 2018 Hora: 12h15

Objetivos:

- Identificar as características das histórias contadas aos alunos com MD;
- Conhecer as reações dos alunos com MD ao conto de histórias comuns;
- Motivar o entrevistado para a participação neste estudo.

Pode descrever-nos, por favor, o tipo de histórias que costuma contar aos alunos que frequentam a UAM? ~

Costumo contar contos tradicionais, com suporte livro ou slishare, que foi o que utilizei hoje. E tento sempre acompanhar com objetos, adereços que os alunos possam tocar interagir mais, porque eles reagem melhor.

Quem são os profissionais que habitualmente lhe contam essas histórias e em que contexto são essas histórias contadas?

Normalmente as professoras que estão na unidade. Eu, como não tenho muito tempo disponível, tento pelo menos uma vez por período, deslocar-me a contar uma história.

Qual é a periodicidade desta atividade, na rotina dos alunos?

As vezes consigo mais, que uma vez por período.

Quais as estratégias que costuma usar para contar essas histórias?

Utilizo, como já referi adereços, objetos reais que tenham a ver com a história, principal para o toque. Às vezes também transmitir outras sensações, por exemplo algum cozinhado, trazer plantas, algum material, que possa olfativamente ser relacionado.

Pode, por favor, descrever como habitualmente os alunos reagem a esse tipo de atividade - conto de histórias? Como reagem ao livro, ao contador de histórias, e aos pares?

Quais os comportamentos mais comuns dos alunos?

Normalmente eles reagem bem, embora sejam por vezes imprevisíveis, tanto podem gostar muito, como podem de repente, por algum pormenor que nos não conseguimos identificar reagirem mal e não gostarem. Depende também da disposição deles, são muito instáveis, mas normalmente têm reagido bem às histórias que eu tenho trazido. Normalmente os comportamentos são positivos. Nos também que vemos que eles não

estão a reagir bem tentamos optar por outra estratégia, que eles interagem mais e terem um comportamento mais positivo.

Gostaria agora de lhe perguntar se já ouviu falar de HMS?

Sim já

Quais os seus conhecimentos e experiências relativamente a este tipo de HMS?

Tive uma experiência, de uma oficina, um atelier, uma ação de formação em rio maior, já talvez há dois anos, em que umas colegas que estão a estudar as HMS na escola de santa catarina, também apresentavam e explicavam o interesse nessas histórias. Por falta de tempo não exploramos muito o tema. Porque inicialmente ate era para construirmos umas histórias multissensoriais. Como não houve tempo, realizamos um projeto para construção de uma história.

Transcrição da entrevista realizada a professora de educação especial

Entrevistada: Professora de educação especial a lecionar numa Unidade de Apoio à Multideficiência e surdocegueira (UAM), localizada na região Oeste.

Dia: 30 de Janeiro de 2018

Hora: 12h15

Objetivos:

- Identificar as características das histórias contadas aos alunos com MD;
- Conhecer as reações dos alunos com MD ao conto de histórias comuns;
- Motivar o entrevistado para a utilização de HMS e participar neste estudo.

Pode descrever, por favor quais são as principais características dos seus alunos?

Como já deve ter percebido, são crianças que a idade cronológica não corresponde à idade mental, há ali um grande desfasamento. De qualquer das formas eles participam de certa forma nas atividades, com tempos muito reduzidos de atenção, tem de se ter uma grande diversidade de atividades, as vezes as estratégias tem que ser alteradas. Como por exemplo com a B. temos que infantilizar um pouco as situações, se não as situações de oposições são cada vez mais frequentes e ela não colabora. Se decide que não anda não anda mesmo, que não come não come, assim temos que infantilizar, dar-lhe a volta, não gostaríamos que assim fosse, mas já percebemos que tem de ser assim, para ela participar, para ela colaborar.

O J. é um aluno novo, que estou a conhecer estive ausente desta escola três anos, é um aluno que esta a fazer adaptação, é o primeiro ano do J.. este aluno tem muitos problemas a nível de comportamento é bastante imprevisível, ele tem reações que por vezes não estamos à espera, não é fácil de controlar, mas para já as coisas não têm corrido muito mal. É um aluno que não sabe escrever o nome dele, por exemplo, tem dificuldades de tempo, de espaço, tem uma serie de medos, talvez por falta de vivência, e também pela problemática que ele tem.

O J. P. é um aluno que temos algumas dúvidas em relação ao que ele vê, interage connosco mas de uma forma muito básica, com um sorriso, mexer os olhos, ele vocaliza mais na altura da higiene, altura da muda da fralda, há uma brincadeira que parece que chama a avó, ele ri, é a altura em que ele esta mais desperto, interage mais. Onde ele também esta atento e colaborante é na refeição, ele come de tudo e

solido, menos coisas trituradas. Como tudo menos iogurtes, não bebe leite, nem papas.

O A. e a L., são dois alunos com problemáticas muito graves.

A L. interage no boccia, tem uma saúde física muito frágil, muito debilitada, muito graves.

O A. é um menino que não sabemos o quanto é que ele ouve, quanto é que ele sente

E os seus principais interesses? Quais as atividades preferidas de cada aluno?

A B. tudo o que estiver relacionado com bebes e bonecos, vestir e despir e banho, folhear livros, interesse particular pelo corpo humano.

O J., tudo o que relaciona com uma serie televisiva que era os três duques, carros de bombeiros e policias, e tem uma caraterística, que eu acho que tem a ver com a parte cultural, que tem a ver com a bondade, a ajudar os colegas e os outros, com ele tentamos regular o comportamento pelo aquilo que ele gosta.

Pode descrever-nos, por favor, o tipo de histórias que costuma contar aos alunos que frequentam a UAM?

As tracionais, procuro escolher as mais interativas, simples, mas normalmente utilizo mais o suporte digital.

Quem são os profissionais que habitualmente lhe contam essas histórias e em que contexto são essas histórias contadas?

Nós, professoras da unidade e pontualmente a bibliotecária.

Qual é a periodicidade desta atividade, na rotina dos alunos?

Temos o momento da manhã em que fazemos a marcação da presenças, registo do tempo no dossier individual, depois a partir dai ou conto uma história ou fazemos uma ficha, ou preparamos uma atividade de AVD.

Quais as estratégias que costuma usar para contar essas histórias?

Livros ou apoio digital

Pode, por favor, descrever como habitualmente os alunos reagem a esse tipo de atividade - conto de histórias? Como reagem ao livro, ao contador de histórias, e aos pares?

Quais os comportamentos mais comuns dos alunos?

Reagem bem, gostam, se gostam colaboram, depois a uma ciuemeira entre a B: e o J.

A B. tendencialmente é sempre Não mas depois ate quer fazer, depois tem o J. que também quer fazer, ele já percebeu que há ali uma picardia. Isso também é bom para ela se regular.

Gostaria agora de lhe perguntar se já ouviu falar de HMS?

Quais os seus conhecimentos e experiências relativamente a este tipo de HMS?

Sim já ouvi falar com a Clarisse, ate acho que há alguns anos fui a ESELX.

Anexo J – Análise de conteúdo das entrevistas

Análise de conteúdo da entrevista realizada à educadora de infância

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.
Características e interesses do R.	Idade e diagnóstico	5 Anos	R. tem cinco anos	“O R. tem cinco anos”	1
		Paralisia cerebral	O R. tem paralisia cerebral	“É uma criança com paralisia cerebral”	1
		Epilepsia	Ataques epiléticos	“Tem ataques epiléticos”	1
			Espasmos	“Tem espasmos “	1
	Perfil ao nível da mobilidade	Sem capacidade de deslocação	Não consegue andar	“Não anda”	1
		Movimenta a perna direita	É capaz de movimentar a perna direita	“Mexe a perna direita”	1
	Perfil de ao nível da comunicação	Ausência do uso da fala	Não usa linguagem verbal	“Não fala”	1
		Utilização de formas de comunicação não simbólica	Comunica através do olhar	“A única forma dele reagir é com o olhar”	1
	Interesses e atividades preferidas	Interesse por música e canções	Gosto de música	“Adora música”	1
			Gosta de ouvir os sons de instrumentos musicais	“Instrumentos musicais”	1
			Grupo de crianças a cantar	“Amigos a cantarem”	1
		Preferência por atividades sensoriais	Preferência pelo toque	“Tudo o que tenha a ver com o toque”	1
				“O pincel na mão”	1
	Sensorial	“Tudo o que tenha a ver com o sensorial”	1		

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.
Atividade do conto de histórias no jardim de infância para o R.	Profissionais envolvidos	Educadora de infância responsável pelo grupo	Educadora de infância	“Eu “	11
		Auxiliar de Ação educativa do grupo	Auxiliar de Ação educativa	“A auxiliar da sala”	11
	Periodicidade	Rotina matinal	Momento da manhã	“No momento da manhã”	11
		Diariamente na sala	Uma ou duas por dia	“Uma ou duas por dia”	11
				“Todos os dias na sala”	11
				“Muitas das vezes mais de que uma vez por dia”	11
	Intervenientes no processo da escolha das histórias	Crianças	Crianças escolhem a história	“São eles que escolhem uma ou duas”	11
		Educadora de infância	Educadora de infância	“Algumas temáticas a trabalhar, e trago a história”	11
	Estratégias utilizadas pela educadora	Mostra as páginas e imagens do livro	Mostrar as páginas	“Mostro as páginas”	11
			Imagens	“As imagens”	11
		Recorre a fantoches	Fantoches	“Às vezes com fantoches “	11
		Recorre a diversas formas de expressão	Uso a mímica	“Uso a mímica”	11
			Uso expressões faciais	“Expressão facial”	11
			Uso diferentes tons de voz	“Diferentes tons de voz”	11
	Comportamento do R.	Direciona o olhar para os colegas	Olha para os seus pares	“Está a olhar para os amigos”	11
		Direciona o olhar para o contador de histórias	Olha para o contador de histórias	“Direcionar o olhar para nós”	11
Reage ao tom de voz do contador de histórias		Voz	“Reage mais à nossa voz”	11	
			“Mudo de tom de voz”	11	

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.
Atividade do conto de histórias no jardim de infância para o R.	Comportamento do R.	Reage ao som de instrumentos / materiais	Som	"Utilizo instrumentos"	11
				"Algo com som"	1
	Experiências e conhecimentos sobre as histórias multissensoriais	Ausência de conhecimento e experiência	Nunca ouvi falar	"Nunca ouvi falar"	11
			Ouvi apenas uma única vez contigo	Só ouvi contigo"	11
		Opinião sobre as HMS	Penso que o R. vai gostar dessas histórias	"Acho que o R. vai gostar"	11

Análise de conteúdo da entrevista realizada à professora bibliotecária

- Identificar as características das histórias contadas aos alunos com MD;
- Conhecer as reações dos alunos com MD ao conto de histórias comuns;
- Motivar o entrevistado para a participação neste estudo.

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.
Características da atividade do conto de histórias para alunos com multideficiência	Tipo de histórias contadas e profissionais envolvidos	Contos tradicionais	Costumo contar contos tradicionais	“Costumo contar contos tradicionais”	1
		Professores da UAM	Os professores da UAM contam	“Professores que estão na unidade”	1
		Professora bibliotecária	Desloco-me à UAM para contar histórias	“Deslocar-me a contar uma história”	1
	Periodicidade do conto de histórias	Variável ao longo do período	Por vezes consigo contar mais do que uma história por período	“As vezes consigo mais, que uma vez por período”	1
		Trimestralmente	Tenho pouca disponibilidade para ir contar histórias à UAM	“Eu, como não tenho muito tempo disponível,”	1
		Trimestralmente	Conto uma vez por período	“Tento uma vez por período”	1
	Estratégias usadas para contar histórias	Recurso a materiais com diversas características sensoriais	Recorro a materiais reais que proporcionem experiências sensoriais	“Principal para o toque”	2
				“...Algum cozinhado, trazer plantas, algum material, que possa olfativamente ser relacionado.”	
		Recurso a objetos reais ligados à história	Acompanho com objetos	“Tento sempre acompanhar com objetos”	1
			Uso objetos reais relacionados com a história	“Objetos reais que tenham a ver com a história”	1

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.		
Características da atividade do conto de histórias para alunos com multideficiência	Estratégias usadas para contar histórias	Recurso a tecnologias	Utilizo o slideshare	slideshare	1		
		Recurso ao livro	Utilizo o suporte livro	“Com suporte livro”	1		
		Recurso a adereços facilitadores da interação	Utilizo diversos adereços para que os alunos possam interagir	“Utilizo, como já referi adereços,	1		
		Adequação da estratégia face aos comportamentos dos alunos	Quando as crianças não estão a reagir bem, tentamos outras estratégias	Nós também que vemos que eles não estão a reagir bem tentamos optar por outra estratégia	1		
	Comportamentos dos alunos	Interação positiva face ao conto de histórias		Interagem e têm comportamentos positivos	que eles interagem mais e terem um comportamento mais positivo	1	
					“Normalmente os comportamentos são positivos”	1	
		Boa reação às histórias que tenho contado			“normalmente têm reagido bem às histórias que eu tenho trazido”	1	
					Gostam muito	“Podem gostar muito”	1
					Imprevisibilidade		São imprevisíveis
		Disposição dos alunos	“Depende da disposição deles”	1			
		Instabilidade			“São muito instáveis”	1	
	Reação negativa face ao conto de histórias				Podem reagir mal e não gostarem	“por algum pormenor que nos não conseguimos identificar reagirem mal e não gostarem”	1
	Experiências e conhecimentos relativos às histórias multissensoriais	Conhecimento sobre HMS	Reduzida exploração da temática	Já ouvi falar, mas não explorei muito a temática	“Sim já”	1	
Por falta de tempo não exploramos muito o tema					1		
Conhecimento prático			Colegas com experiência em HMS apresentaram as HMS	em que umas colegas que estão a estudar as HMS na escola de santa catarina, também apresentavam e explicavam o interesse nessas histórias	1		
Conhecimento teórico	Colegas explicitaram o conceito de HMS		1				

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.	
Experiências e conhecimentos relativos às histórias multissensoriais	Experiências vividas	Vivência de uma experiência	Tive uma experiência há 2 anos	"Tive uma experiência"	1	
				já talvez há dois anos	1	
		Elaboração de um projeto de HMS	Realizou um projeto	"Porque inicialmente ate era para construirmos umas histórias multissensoriais. Como não houve tempo Realizamos um projeto para construção de uma história."		1
				Participação numa oficina de formação	Oficina	"Uma oficina"
		Atelier	"Um atelier"		1	
		Ação de formação	"Uma ação de formação em R.M."		1	

Análise de conteúdo à docente de educação especial

Objetivos:

- Identificar as características das histórias contadas aos alunos com MD;
- Conhecer as reações dos alunos com MD ao conto de histórias comuns;
- Motivar o entrevistado para a participação neste estudo.

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.
Características da atividade do conto de histórias para alunos com multideficiência	Tipo de histórias contadas e profissionais envolvidos	Contos tradicionais	Costumo contar contos tradicionais	“Costumo contar contos tradicionais”	1
		Professores da UAM	Os professores da UAM contam	“Professores que estão na unidade”	1
		Professora bibliotecária	Desloco-me à UAM para contar histórias	“Deslocar-me a contar uma história”	1
	Periodicidade do conto de histórias	Variável ao longo do período	Por vezes consigo contar mais do que uma história por período	“As vezes consigo mais, que uma vez por período”	1
		Trimestralmente	Tenho pouca disponibilidade para ir contar histórias à UAM	“Eu, como não tenho muito tempo disponível,”	1
		Trimestralmente	Conto uma vez por período	“Tento uma vez por período”	1
	Estratégias usadas para contar histórias	Recurso a materiais com diversas características sensoriais	Recurso a materiais reais que proporcionem experiências sensoriais	“Principal para o toque”	2
				“...Algum cozinhado, trazer plantas, algum material, que possa olfativamente ser relacionado.”	
		Recurso a objetos reais ligados à história	Uso objetos reais relacionados com a história	“Tento sempre acompanhar com objetos”	1
	“Objetos reais que tenham a ver com a história”			1	

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.	
Características da atividade do conto de histórias para alunos com multideficiência	Estratégias usadas para contar histórias	Recurso a tecnologias	Utilizo o slideshare	slideshare	1	
		Recurso ao livro	Utilizo o suporte livro	“Com suporte livro”	1	
		Recurso a adereços facilitadores da interação	Utilizo diversos adereços para que os alunos possam interagir	“Utilizo, como já referi adereços,	1	
		Adequação da estratégia face aos comportamentos dos alunos	Quando as crianças não estão a reagir bem, tentamos outras estratégias	Nós também que vemos que eles não estão a reagir bem tentamos optar por outra estratégia	1	
	Comportamentos dos alunos	Interação positiva face ao conto de histórias		Interagem e têm comportamentos positivos	que eles interagem mais e terem um comportamento mais positivo	1
					“Normalmente os comportamentos são positivos”	1
		Boa reação às histórias que tenho contado		Gostam muito	“normalmente têm reagido bem às histórias que eu tenho trazido”	1
					“Podem gostar muito”	1
					“... Por vezes imprevisíveis”	1
		Imprevisibilidade		São imprevisíveis	“Depende da disposição deles”	1
					“São muito instáveis”	1
	Reação negativa face ao conto de histórias		Podem reagir mal e não gostarem	“por algum pormenor que nos não conseguimos identificar reagirem mal e não gostarem”	1	
	Experiências e conhecimentos relativos às histórias multissensoriais	Conhecimento sobre HMS	Reduzida exploração da temática	Já ouvi falar, mas não explorei muito a temática	“Sim já”	1
Por falta de tempo não exploramos muito o tema					1	
Conhecimento prático			Colegas com experiência em HMS apresentaram as HMS	em que umas colegas que estão a estudar as HMS na escola de santa catarina, também apresentavam	1	
Conhecimento teórico			Colegas explicitaram o conceito de HMS	e explicavam o interesse nessas histórias	1	

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.
Experiências e conhecimentos relativos às histórias multissensoriais	Experiências vividas	Vivência de uma experiência	Tive uma experiência há 2 anos	“Tive uma experiência” já talvez há dois anos	
		Elaboração de um projeto de HMS	Realizou um projeto	“Porque inicialmente ate era para construirmos umas histórias multissensoriais. Como não houve tempo Realizamos um projeto para construção de uma história.”	
		Participação numa oficina de formação	Oficina	“Uma oficina”	
			Atelier	“Um atelier”	
			Ação de formação	“Uma ação de formação em R.M.”	

**Anexo L – Grelha de registo e análise de observação das horas do conto:
caso A**

História contada	História Comum	Titulo:			
	HMS X	"A final do torneio de boccia"	Sessão nº 1	Duração 7'19"	Data: 12 de abril de 2018
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Educadora de Infância, auxiliar de ação educativa, contadora de história			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão uma criança com MD que frequenta a sala de educação pré-escolar (R.), e o grupo de vinte crianças da sala, com desenvolvimento típico.			
Descrição do contexto	A criança R. está sentada na sua cadeira na sala de pré-escolar, as restantes crianças estão sentadas de pernas cruzadas em semicírculo. A contadora de história encontra-se sentada numa cadeira, em frente à criança. A educadora está sentada atrás do R.. a auxiliar de ação educativa filma a hora do conto.				

Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - coloca-se em frente à criança com MD, - começa o conto da história para a criança com MD, - apresenta uma página de cada vez. - apresenta as páginas da história individualmente à criança com MD. - comenta os comportamentos da criança com MD, como por exemplo: "R. ai essa tosse", as características dos objetos" R. olha a bola é azul, vês" e das suas ações, adicionando informação ao conteúdo da história. - diz uma lengalenga tradicional para indicar que a história terminou. 	
Estratégias usadas para promover o envolvimento da criança	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - executa as tarefas de cada página primeiro para a criança com MD observar. - apoia fisicamente a criança com MD, segurando na mão desta, abrindo e colocando os diferentes objetos para serem explorados, de cada página da história; - incentiva a criança com MD a explorar as páginas da história, "olha o chapéu tem muitas cores?". - estimula a criança com MD, a executar as tarefas sugeridas em cada página: "Abana R. os pompons" - repete várias vezes da criança com MD, enquanto conta a história. - destaca os objetos da página da história e dá à criança com MD. - comenta oralmente as características físicas dos objetos. 	

Comportamentos da criança com MD	O R. ao longo da história tem vários espasmos com algum tempo de duração. Olhou atento para o chapéu de chuva a rodar e para a contadora, manifestou um leve sorriso quando os pompons lhe tocaram na cara, abanou a perna esquerda perante o som do tambor. Não teve qualquer reação à água no pescoço, ao toque nas bolas, ao som das palmas...		
Reações face aos objetos da história	Campo de boccia	Olha para cima	
	Saco com equipamento	Olha para cima	
	Cinto de segurança	Pisca os olhos, olha para cima e mexe a perna esquerda	
	Chapéu de chuva e borrifador	Observa o chapéu aberto, quando a contadora lhe borrifa a mão, não reagiu	
	Bola branca	Olha para cima	
	Pompons	Pisca os olhos	
	Bola vermelha	Olha para cima	
	Tambor	Segue o som com a cabeça, vira consoante ouve o som, quando a contadora ajuda – o para ele tocar o tambor, o R. mexe a perna	
	Bola azul	Olha para cima	
	Apito	Assusta-se	
	Taça e som das palmas	Olha para cima	
Fatores que parecem influenciar o envolvimento da criança	Positivos	As páginas da HMS com objetos mais interativos, como os pompons, o chapéu de chuva e com som, parecem influenciar positivamente o seu envolvimento. O tambor é o objeto que desperta mais interesse. A criança tem tempo para explorar cada página, individualmente.	
	Negativos	A criança estar com muita tosse.	

História contada	História Comum	Titulo:			
	HMS X	"A final do torneio de boccia"	Sessão nº 2	Duração: 7' 22"	Data: 13 de Abril de 2018
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Auxiliar de ação educativa e a contadora de história			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão uma criança que frequenta a sala de educação pré-escolar (R.), e um grupo de vinte crianças com desenvolvimento típico			
Descrição do contexto	A criança R. está sentada, na cadeira e a contadora de história encontra-se sentada em frente à criança. A auxiliar filma a hora do conto que se realiza na sala de jardim-de-infância.				
Descrição dos comportamentos observados					Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	A contadora de história: <ul style="list-style-type: none"> - coloca-se em frente à criança com MD, - começa o conto da história para a criança com MD, - apresenta uma página de cada vez. - apresenta as páginas da história individualmente à criança com MD, - comenta os comportamentos da criança com MD, as características dos objetos e das suas ações, adicionando informação ao conteúdo da história, "olha a bola é azul" - diz uma lengalenga tradicional para indicar que a história terminou. 				
Estratégias usadas para promover o envolvimento da criança	A contadora de história: <ul style="list-style-type: none"> - executa as tarefas de cada página primeiro para a criança com MD observar. - apoia fisicamente a criança com MD, ajudando-a com os objetos, pegando-lhe na mão para esta explorar os objetos de cada página da história - incentiva a criança com MD a explorar as páginas da história, "Olha o chapéu de chuva tem muitas cores" - estimula a criança com MD a executar as tarefas sugeridas em cada página, conversando com a mesma: "Vamos tocar o tambor" - repete várias vezes o nome dos objetos, enquanto conta a história. - destaca os objetos da página da história e dá à criança com MD. - comenta oralmente as características físicas dos objetos. 				

Comportamentos da criança	O R. ao longo da história tem vários espasmos com algum tempo de duração. Olha atentamente para o chapéu de chuva a rodar, leve sorriso quando os pompons lhe tocam na cara, abana a perna esquerda ao som do tambor. Olha para a contadora quando esta mostra os pompons Não teve qualquer reação à água no pescoço, ao toque nas bolas, as palmas...		
Reações da criança aos diferentes objetos	Campo de boccia	Olha para cima	
	Saco com equipamento	Olha para cima	
	Cinto de segurança	Mexe os olhos, mexe a perna esquerda	
	Chapéu de chuva e borrifador	Olha para o chapéu aberto, não reage à água colocada na mão	
	Bola branca	Olha para cima	
	Pompons	Pisca os olhos, leve sorriso mexe a cabeça de um lado para o outro	
	Bola vermelha	Olha para cima	
	Tambor	Seguiu com a cabeça o som, e quando toca sorri e abana a perna esquerda	
	Bola azul	Olha para cima	
	Apito	Tem um espasmo	
	Taça e som das palmas	Olha para cima	
Fatores que parecem influenciar o envolvimento da criança	Positivos	As páginas da HMS com objetos mais interativos, o tambor, os pompons, e com som, parecem influenciar positivamente o seu envolvimento. O tambor é o objeto que desperta mais interesse. A criança com MD tem tempo para explorar cada página, individualmente.	
	Negativos	A criança com MD está muito congestionada, e tem alguns espasmos, durante o conto. O som do apito parece assustá-lo.	

História contada	História Comum	Titulo:			
	HMS X	“A final do torneio de boccia”	Sessão nº 3	Duração: 7’32”	Data: 20 de abril de 2018
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Educadora de Infância, auxiliar de ação educativa e contadora de história			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão uma criança com MD que frequenta a sala de educação pré-escolar (R.), e um grupo de vinte crianças com desenvolvimento típico			
Descrição do contexto	A criança R. está sentada na sua cadeira. A contadora de história encontra-se sentada em frente à criança com MD. O restante grupo de crianças está de pernas cruzadas em círculo. A educadora de infância está sentada com pernas cruzadas na roda com as crianças e a auxiliar filma a hora do conto.				
Descrição dos comportamentos observados					Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	A contadora de história: <ul style="list-style-type: none"> - coloca-se em frente à criança com MD, - começa o conto da história para a criança com MD, - apresenta uma página de cada vez. - apresenta as páginas da história individualmente à criança com MD, - comenta os comportamentos da criança, as características dos objetos e das suas ações, adicionando informação ao conteúdo da história. - diz uma lengalenga tradicional para indicar que a história terminou. 				
Estratégias usadas para promover o envolvimento da criança	A contadora de história: <ul style="list-style-type: none"> - executa as tarefas de cada página primeiro para a criança com MD observar. - apoia fisicamente a criança com MD, apoiando, ajudando com a mão sobre mão a explorar os objetos - incentiva a criança com MD a explorar as páginas da história: “Olha a bola azul,, vamos colocar no campo”. - estimula a criança com MD, a executar as tarefas sugeridas em cada página conversando com esta: “vamos abanar os pompons” - repete várias vezes o nome dos objetos das páginas, por exemplo:” olha o chapéu de chuva, tem muitas cores”, enquanto conta a história. 				

	-destaca os objetos da página da história e dá à criança com MD. - comenta as características físicas dos objetos, por exemplo:” A bola, esta é azul”.		
Comportamentos da criança	O R. ao longo da história tem vários espasmos de curta duração. Olha atentamente para o chapéu de chuva a rodar, leve sorriso quando os pompons lhe tocam na cara, abana a perna esquerda ao som do tambor. Fixa o olhar algumas vezes com a contadora de histórias. Não teve qualquer reação à água da chuva, ao toque nas bolas		
Reações da criança aos diferentes objetos	Campo de boccia	Olha para cima	
	Saco com equipamento	Olha para cima	
	Cinto de segurança	Mexe os olhos, mexe a cabeça e a perna esquerda	
	Chapéu de chuva e borrifador	Olha para o chapéu de chuva que esta a roda em cima da cabeça, segue, fica a olhar durante alguns segundos. Não tem reação á água no pescoço	
	Bola branca	Olha para a contadora	
	Pompons	Sorri, pisca os olhos, mexe a cabeça	
	Bola vermelha	Olha para a contadora	
	Tambor	Segue com a cabeça o som, e quando e ajudado a tocar esboça um leve sorriso e pisca os olhos	
	Bola azul	Olha para a contadora	
	Apito	Olha para a contadora	
Taça e som das palmas	Olha para a contadora principalmente quando esta bate palmas		
Fatores que parecem influenciar o envolvimento da criança com MD	Positivos	As páginas da HMS com objetos mais interativos, tais como os pompons, o tambor e com som, parecem influenciar positivamente o seu envolvimento. O tambor é o objeto que desperta mais interesse. A criança ter tempo para explorar cada página, individualmente. A contadora ajudar a criança a segurar nos objetos ou mesmo a sentir.	
	Negativos	A história foi contada antes do lanche, de manhã é a altura em que o R. está mais atento.	

História contada	História Comum	Titulo:			
	HMS X	“A Ana vai às compras”	Sessão nº 4	Duração:6’32”	Data: 23 de Abril de 2018
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Educadora de Infância, auxiliar de ação educativa, contadora de história.			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão uma criança com MD que frequenta a sala de pré-escolar (R.), e vinte crianças com desenvolvimento típico			
Descrição do contexto	<p>O grupo de crianças e o R. estão em círculo, na sala de educação pré-escolar.</p> <p>A criança R. está sentada na sua cadeira, e as restantes crianças estão sentadas de pernas cruzadas.</p> <p>A contadora de história encontra-se sentada em frente ao R.</p> <p>A educadora de infância está sentada de pernas cruzadas, no círculo, no sentido oposto ao (R).</p> <p>A auxiliar de ação educativa filma a hora do conto.</p> <p>Todas as crianças assistem à história, sendo que a contadora apresenta a página sempre ao R.</p>				

Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - coloca-se em frente à criança com MD - começa o conto da história dirigindo-se à criança com MD - apresenta uma página da história de cada vez. - apresenta as páginas da história individualmente à criança com MD - comenta os comportamentos da criança com MD, como por exemplo: “boa R, conheces este cheiro, muito bem, gostas de iogurte de morango;”, bem como as características dos objetos e das suas ações, adicionando informação ao conteúdo da história. 	

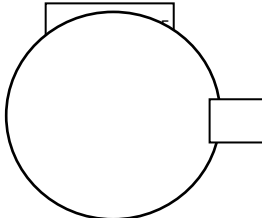
Estratégias usadas para promover o envolvimento da criança	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - executa as tarefas de cada página primeiro para a criança observar. - apoia, ajudando com a sua mão sobre a mão da criança, a explorar os objetos de cada página da história - incentiva a criança a explorar as páginas da história, “Vamos abrir a porta, tu consegues” - estimula a criança a executar as tarefas sugeridas em cada página, “Vamos cheirar, cheira a morango” . - repete várias vezes o nome do objeto a explorar, por exemplo: “é a campainha da bicicleta”, enquanto conta a história. - destaca os objetos da página da história e dá à criança com MD para ela explorar. - comenta as características físicas dos objetos. 		
Comportamentos da criança com MD	<p>A criança está com a cabeça virada para o lado esquerdo, durante o conto. Quando a contadora de história colocou o ambientador de cheiro a morango, reagiu, virando a cabeça para a contadora, sorriu e mexeu os lábios. A criança vira a cabeça para a auxiliar que está a filmar.</p>		A criança encontra-se com alguma tosse.
Reações da criança aos diferentes objetos	Saco das compras	Abre e fecha os olhos	
	Casaco	Vira a cara para o lado oposto	
	Gorro	Mexe os olhos	
	Chave	Abre e fecha a boca	
	Cão	Vira a cabeça e mexe os olhos	
	Campainha	Abre e fecha os olhos, mexe a perna esquerda	
	Ambientador morango	Sorri, mexe a perna esquerda, coloca a língua perto dos lábios, abre e fecha a boca, mexe a cabeça, seguindo o cheiro	
	Embalagem de chocolate	Mexe a cabeça	
	Som das moedas	Olha para cima	
	Colher	Olha para cima	
	Iogurte	Olha para cima	
Fatores que parecem influenciar o envolvimento da criança	Positivos	As páginas da HMS com objetos mais interativos e com som, parecem influenciar positivamente o seu envolvimento.	
	Negativos	A auxiliar de ação educativa estar a filmar a hora do conto, e o R. virou-se várias vezes para o lado onde esta se encontra.	

História contada	História Comum	Titulo:			
	HMS X	“A Ana vai às compras”	Sessão nº 5	Duração:6’30”	Data: 26 de Abril de 2018
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Educadora de Infância, auxiliar de ação educativa, uma estagiária de ação educativa, contadora de história (autora do estudo)			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão uma criança com MD que frequenta a sala de educação pré-escolar (R.), e o grupo de vinte e uma crianças da sala, com desenvolvimento típico			
Descrição do contexto		A criança R. está sentada na cadeira, as restantes crianças sentadas com pernas cruzada em semicírculo. A contadora de história encontra-se sentada em frente à criança, na sala de educação pré-escolar. A educadora do ensino regular e a auxiliar de ação educativa estão sentadas na mesa a terminar tarefas. Em pé, perto do R. a estagiária filma a sessão.			
Descrição dos comportamentos observados					Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	A contadora de história: <ul style="list-style-type: none"> - coloca-se em frente à criança com MD, - começa o conto da história dirigindo-se à criança com MD, - apresenta uma página da história de cada vez, - apresenta as páginas da história individualmente à criança com MD, - comenta as características dos objetos e das suas ações, adicionando informação ao conteúdo da história, como por exemplo: “a campainha é da bicicleta”, “a Ana é gulosa, gosta de chocolate”. 				
Estratégias usadas para promover o envolvimento dos alunos	A contadora de história: <ul style="list-style-type: none"> - executa as tarefas de cada página primeiro para a criança com MD e as restantes observarem, - apoia fisicamente a criança, ajudando-a na exploração dos objetos presentes em cada página da história, - incentiva a criança com MD a explorar as páginas da história, “Muito bem, gostaste do cheiro” - estimula a criança com MD a executar as tarefas sugeridas em cada página, “Olha a campainha, vamos tocar?” - repete várias vezes, as palavras que considera chave da história, - destaca os objetos da página da história e dá à criança com MD para ela explorar, - comenta as características físicas dos objetos. 				

Comportamentos da criança com MD	<p>Ao longo da história teve dois espasmos de curta duração. Fixa o olhar para o saco das compras. Quando ouve a campainha da bicicleta pisca os olhos. Esboça um pequeno sorriso e mexe os lábios quando cheira o ambientador com cheiro a morango. Não reage ao cheiro do chocolate. Segue a contadora de história, com a cabeça e com o olhar, no decorrer da história.</p>		A criança está com tosse.
Reações da criança com MD aos diferentes objetos	<p>Saco das compras</p> <p>Casaco</p> <p>Gorro</p> <p>Chave</p> <p>Cão</p> <p>Campainha</p> <p>Ambientador morango</p> <p>Embalagem de chocolate</p> <p>Som das moedas</p> <p>Colher</p> <p>Iogurte</p>	<p>Olha fixamente para o saco</p> <p>Olha para cima e para o lado direito</p> <p>Olha para cima e vira a cabeça para o lado direito</p> <p>Olha para cima</p> <p>Faz um pequeno sorriso, abre e fecha a boca</p> <p>Vira a cabeça, pisca os olhos, e com a cabeça vai seguindo o som da campainha, se a campainha está para a direita, ele vira para a direita</p> <p>Sorri, segue a cabeça com o movimento do ambientador</p> <p>Olha para cima</p> <p>Olha para cima</p> <p>Olha para cima</p> <p>Olha para cima</p>	
Fatores que parecem influenciar o envolvimento dos alunos	<p>Positivos</p> <p>Negativos</p>	<p>As páginas da HMS com objetos mais interativos por exemplo: a chave, na página da porta, e com cheiro parecem influenciar positivamente o seu envolvimento.</p> <p>Nesta sessão, o grupo de crianças estava mais agitado, o R. olhou algumas vezes para as crianças, havendo menos concentração.</p>	

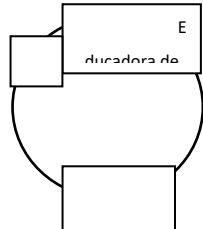
História contada	História Comum	Título: "A Ana vai às compras"	Sessão nº 6	Duração:6'40"	Data: 27 de Abril de 2018
	HMS X				
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Contadora de história, estagiária de assistente operacional			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão uma criança que frequenta a sala de educação pré-escolar (R.)			
Descrição do contexto		A criança R. está sentada, na cadeira, a contadora de história encontra-se sentada em frente à criança, numa sala de pré-escolar, no piso 0, com janelas e porta para o espaço exterior, estagiária filma a hora do conto.			
Descrição dos comportamentos observados					Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	A contadora de história: - coloca-se em frente à criança com MD, - começa o conto da história dirigindo-se à criança com MD, - apresenta uma página da história de cada vez, - apresenta as páginas da história individualmente à criança com MD, - comenta os comportamentos da criança com MD, as características dos objetos e das suas ações, adicionando informação ao conteúdo da história.				
Estratégias usadas para promover o envolvimento das crianças	A contadora de história: - executa as tarefas de cada página da história primeiro para a criança com MD observar, - apoia fisicamente a criança com MD na exploração dos objetos de cada página da história, - incentiva a criança a explorar as páginas da história "olha o som das moedas" - estimula a criança a executarem as tarefas sugeridas em cada página, "R. olha a chave, vamos abrir a porta" - repete várias vezes o nome da criança, enquanto conta a história, - destaca os objetos das páginas da história e dá à criança com MD, - comenta as características físicas dos objetos.				

Comportamentos da criança com MD	<p>A criança foca o olhar na capa da história. Ao ouvir o som da campainha pisca os olhos e mexe a cabeça. Ao cheirar o ambientador mexe a cabeça, a perna e abre e fecha a boca, e esboça um sorriso. Não tem nenhuma reação face à apresentação do casaco, do gorro, e ao som das moedas. Quando a contadora de histórias coloca a chave na mão da criança ela abre e fecha a boca e move a cabeça.</p>		A criança parece reconhecer a página, que tem o saco das compras, do pingo doce.
Reações da criança com MD aos diferentes objetos	<p>Saco das compras</p> <p>Casaco</p> <p>Gorro</p> <p>Chave</p> <p>Cão</p> <p>Campainha</p> <p>Ambientador morango</p> <p>Embalagem de chocolate</p> <p>Som das moedas</p> <p>Colher</p> <p>logurte</p>	<p>Olha para o saco das compras</p> <p>Olha e mexe o braço esquerdo</p> <p>Olha para cima</p> <p>Abre e fecha a boca, segue a contadora com o olhar quando esta guarda a página</p> <p>Sorri, vira a cabeça, mexe a perna esquerda</p> <p>Segue o som da campainha com a cabeça</p> <p>Sorri abre e fecha a boca, mexe a cabeça</p> <p>Olha para cima</p> <p>Estava com a cabeça para o lado direito, quando ouve o som das moedas vira-se para a contadora</p> <p>Olha para cima</p> <p>Olha para cima</p>	
Fatores que parecem influenciar o envolvimento da criança com MD	<p>Positivos</p> <p>Negativos</p>	<p>As páginas da HMS com objetos mais interativas, a página do cão, a da campainha, a da carteira com as moedas, a da porta com a chave, e com som e cheiro, parecem influenciar positivamente o seu envolvimento.</p> <p>O grupo de crianças encontrar-se no exterior da sala, observando-se algum ruído proveniente desse espaço. A criança estar com bastante tosse</p>	

História contada	História Comum X	Titulo: "O Cuquedo"	Sessão nº 1	Duração: 5'25"	Data: 12 de abril de 2018
	HMS				
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Educatora de infância e autora do estudo			
	Crianças	Participaram nesta sessão vinte e duas crianças com desenvolvimento típico e a criança com MD (R).			
Descrição do contexto	<p>A criança R. está sentada num puf, em roda com o restante grupo de crianças. A educadora de infância conta a história ao grupo. Inicia referindo capa, a contracapa, e a lombada do livro. Refere ainda os autores e lustradores. A auxiliar de ação educativa ainda não se encontrava na sala. A autora do estudo filma a hora do conto e encontra-se fora do círculo.</p>				

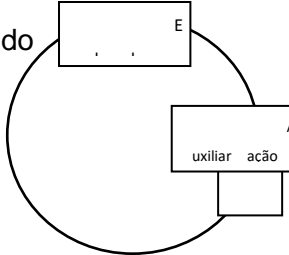
Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - utiliza o livro para contar a história - coloca-se sentada, com pernas cruzadas, na roda com as crianças, - começa o conto da história dirigindo-se a todas as crianças; - lê uma página de cada vez e de seguida, mostra essa página, levantando o livro, rodando-o para todos as crianças do grupo; parando quando chega à criança com MD, - faz alguns gestos ao longo do conto da história, quando na narrativa se refere: "Alto lá", a contadora estica o seu braço para a frente, e incentiva o grupo a executar este gesto; "assustador", com as mãos no ar, a abanarem e a dizes "brrrrrrr", fazendo alguns em direção à criança. 	

Estratégias usadas para promover o envolvimento da criança	<ul style="list-style-type: none"> - conta a história, e de seguida mostra as páginas, levantando o livro, rodando - o para todos as crianças do grupo; - incentiva as crianças, a realizar alguns gestos, referidos anteriormente, dizendo “Vamos fazer o gesto do “alto lá”, - a contadora dirige-se ao R. uma vez, tira-lhe os óculos, ajoelha-se, fazendo o som “Bummmm”, som de assustador. 	
Comportamentos da criança com MD	<p>O R. olha para a esquerda, lado oposto onde a contadora se encontra sentada, em quase toda a história.</p> <p>Mexe a perna direita quando uma criança que está ao seu lado esquerdo lhe faz uma festa na cara.</p> <p>Vira a cabeça para o lado direito, quando a educadora se dirige a ele, lhe tira os óculos e faz “Bummm” e segue-a.</p> <p>Quando a contadora de história regressa ao seu lugar a criança volta a virar a cabeça para a esquerda e mexe a perna direita nesse momento.</p>	<p>A contadora de história não se dirigiu à criança do estudo para esta ver as páginas do livro. Esta ficou sentada distante da criança. No lado esquerdo está uma criança que brinca com o R., habitualmente.</p>
Fatores que parecem influenciar o envolvimento da criança	<p>A história já ter sido contada na sala de jardim de infância.</p> <p>A criança com MD conhecer alguns sons e gestos utilizados pela contadora da história.</p>	

História contada	História Comum X	Título: "O Cuquedo"	Sessão nº 2	Duração: 5'40"	Data: 13 de abril de 2018
	HMS				
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Educatora de infância, auxiliar de ação educativa e autora do estudo			
	Crianças	Participaram nesta sessão vinte e uma crianças com desenvolvimento típico e a criança com MD (R).			
Descrição do contexto	<p>O grupo de crianças estão em roda sentados nas cadeiras. O R. está sentado no carrinho, e ao seu lado encontra-se a contadora de história - a educadora de infância. A educadora começa por referir ao grupo, o nome da autora e do ilustrador da história. Pede ainda ao grupo "para fecharem o fechinho da boca, e cabelinho atrás das orelhas", fazem todos o gesto de fechar o fecho nos lábios. A autora do estudo filma a hora do conto, encontra-se sentada numa cadeira, de modo a conseguir filmar todo o grupo, e em especial a criança R.</p> 				

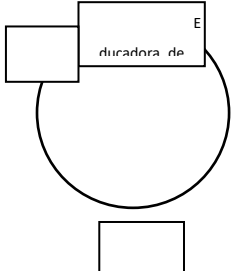
Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - coloca-se sentada, numa cadeira, em roda com as crianças, - começa o conto da história dirigindo-se a todas as crianças; depois de ler uma página, apresenta-a ao grande grupo; - mostra as páginas da história ao R. em primeiro lugar e depois levanta o livro e faz um movimento em círculo para o restante grupo; - faz alguns gestos e sons ao longo do conto da história: o elefante, som do animal ao mesmo tempo estica o braço, imitando a tromba; gestos de assustador, mãos no ar a tremer; "Alto lá", braço para a frente e mão esticada, o grupo de crianças imita a contadora de história, fazendo alguns gestos virada para a criança. - utiliza vários tons de voz: "Ai tu não sabes", voz mais grossa; 	

Estratégias usadas para promover o envolvimento da criança	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - conta a história, e de seguida mostra as páginas ao grande grupo, levantado o livro no ar. - mostra as páginas primeiro ao R virando o livro para ele. - incentiva oralmente as crianças a realizar alguns gestos, como o do “alto lá”, “Meninos vamos fazer como eu, e dizemos todos Alto lá” 	
Comportamentos da criança	<p>O R. olha para a contadora de história, a educadora de infância. Quando a contadora se dirige à criança com MD, e refere todos os animais que são personagens da história, este movimenta os lábios, duas vezes. Quando a contadora diz “Alto lá”, com a voz mais alta e fazendo o gesto de esticar o braço com a mão para cima, o R. mexe a perna esquerda, todas as vezes que esta frase é dita. Na última página da história e referido “Bummmm” todas as crianças dizem e o R. mexe a cabeça para um lado e para o outro.</p>	
Fatores que parecem influenciar o envolvimento da criança	<p>A história já ter sido contada na sala de jardim de infância, os gestos realizados pelas restantes crianças do grupo, os diferentes tons de voz da contadora de história ao longo da história.</p>	

História contada	História Comum X	Título: "O Cuquedo"	Sessão nº 3	Duração: 5'23"	Data: 20 de Abril de 2018
	HMS				
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Educadora de infância, auxiliar de ação educativa, autora do estudo			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão vinte crianças.com desenvolvimento típico e a criança com MD (R).			
Descrição do contexto	<p>A criança está sentada num puf, com a cabeça virada para a esquerda, em roda com o restante grupo de crianças no tapete. A educadora tem duas crianças entre esta e a criança R.. A auxiliar de ação educativa está ao lado da R.. A educadora inicia a história pedindo a uma criança que explique aos restantes, qual é a capa, a contracapa e a lombada do livro. Depois inicia a história pedindo a todos que estejam em silêncio, refere também o título da história.</p> <p>A autora do estudo, filma o conto da história, encontra-se de pernas cruzadas fora do círculo.</p> 				

Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - senta-se com as pernas cruzadas na roda com as crianças, - começa o conto da história dirigindo-se a todas as crianças; depois de contar uma página levanta o livro e movimenta de forma circular para todas as crianças poderem observar a página, em algumas páginas começa pelo lado direito e noutras pelo lado esquerdo; - faz alguns gestos ao longo do conto da história, tais como: "Alto lá"; braço esticado e mão esticada; "Assustador", mãos no ar a tremer"; quando se refere ao elefante, coloca o braço a frente encostado à cabeça e mexe o braço para cima e para baixo, em direção à criança. 	

<p>Estratégias usadas para promover o envolvimento da criança</p>	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - conta a história, e de seguida mostra as páginas uma a uma levantando o livro e rodando de forma circular para todo o grupo; - incentiva verbalmente, as crianças a realizar alguns gestos, tais como quando diz o “alto lá”, esticando o braço e esticando a mão; - utiliza um diferente tom de voz quando refere a palavra “assustador”, com um tom mais grosso; - na última página da história quando faz “Bummmmm” fala mais alto, e ajoelha-se ao pé do R. e diz “Bummmmm”. 	
<p>Comportamentos da criança</p>	<p>A criança olha várias vezes para a criança que se encontra ao seu lado esquerdo, que durante a história faz-lhe festinhas na face. O R. mexe os lábios, quando isto acontece. Quando a educadora de infância, se dirige a ele com o “Bummmmm” e todas as crianças também repetem este mexe a perna esquerda, esticando e encolhendo, três vezes seguidas. Quando a educadora se movimenta volta a virar a cabeça para a esquerda.</p>	
<p>Fatores que parecem influenciar o envolvimento da criança</p>	<p>A história ser do conhecimento de todas as crianças do grupo. Todas as crianças já sabem a história, o seu conteúdo, as personagens, o final da mesma.</p>	

História contada	História Comum X	Título: "O elefante diferente"	Sessão nº 4	Duração: 5'46	Data: 21 de maio de 2018
	HMS				
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Educadora de infância, auxiliar de ação educativa, autora do estudo			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão vinte e duas crianças com desenvolvimento típico e a criança com MD (R).			
Descrição do contexto		<p>A história é contada pela educadora de infância, que encontra no lado esquerdo do R. sentada numa cadeira. O grupo de crianças está sentado em cadeiras e o R. está na sua cadeira. A contadora começa por referir a capa, a contracapa, a lombada e o autor e lustrados do livro. Mostra a capa do livro ao R. e depois levanta o livro e num movimento circular apresenta o livro ao grupo. De seguida dá início ao conto da história.</p> <p>A autora do estudo filma a história e encontra-se sentada numa cadeira fora do círculo, perto do R.</p> 			

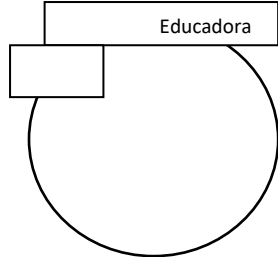
Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - senta-se numa cadeira na roda com as crianças - começa o conto da história dirigindo-se a todas as crianças; lê uma página e depois apresenta essa página a todos, levantado o livro e fazendo o movimento circular, parando em direção à criança com MD. - faz alguns gestos e sons ao longo do conto da história, tais como: tromba do elefante, braço esticado com a mão também esticada, e o braço movimenta-se para cima e para baixo, fazendo também o som do animal; cavalos galopante, som dos cavalos; patinhos, som dos patinhos; - incentiva verbalmente, todas as crianças a fazerem os gestos e os sons ; 	

Estratégias usadas para promover o envolvimento da criança	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - conta uma página da história, e de seguida mostra-a; - mostra as páginas em primeiro lugar ao R.; - dirige-se ao R. fazendo o som do elefante e o gesto. Repete três vezes, na primeira vez; - executa alguns gestos em direção à criança. 	
Comportamentos da criança	<p>O R. ao longo da história esteve virado com a cabeça para a contadora de história.</p> <p>O R. movimenta a cabeça para o lado direito quando a criança que está nesse lado faz o som e o gesto do elefante, depois retoma a posição inicial.</p> <p>Quando a contadora se dirige para executar o gesto do elefante este mexe a cabeça para o lado direito</p> <p>Ao longo da história a criança tosse várias vezes. E teve dois espasmos de curta duração, quando executaram o som do cavalo.</p>	
Fatores que parecem influenciar o envolvimento da criança	<p>A história já ter sido contada na sala de jardim de infância.</p> <p>Ao longo do conto da história a contadora ter utilizado sons e gestos, repetindo-os.</p>	

História contada	História Comum X	Título: "O Elefante diferente"	Sessão nº 5	Duração: 5'25"	Data: 22 de maio de 2018	
	HMS					
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Educatora de infância, auxiliar de ação educativa, autora do estudo				
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão vinte crianças com desenvolvimento típico e a criança com MD (R).				
Descrição do contexto		<p>O grupo de crianças está sentado no tapete em filas de quatro ou cinco crianças na horizontal. A educadora está sentada em frente ao grupo sentada numa cadeira.</p> <p>Inicia a leitura da história referindo-se à capa, à contracapa, lombada, título, autor e ilustrador do livro.</p> <p>Inicia a história contando uma página de cada vez e de seguida vira a página para todo o grupo levantando –a.</p> <p>a autora do estudo filma a hora do conto e encontra-se ao lado do grupo de crianças</p>				

Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - senta-se numa cadeira em frente ao grupo de crianças - começa o conto da história dirigindo-se a todas as crianças; - Vira a página que conta para todas as crianças do grupo; - faz alguns gestos e sons ao longo do conto da história, tais como: tromba do elefante, braço esticado, mão aberta e o braço movimenta-se para cima e para baixo, sons do cavalo a galopar, som dos patinhos e dos gatos, - incentiva verbalmente, as crianças a fazerem os gestos que realiza; "Vamos fazer o som do elefante?" - questiona o grupo: "o que são papoilas?", uma criança responde que são flores vermelhas; - Termina a história dizendo uma lengalenga: Vitória, vitória acabou a história. 	

Estratégias usadas para promover o envolvimento da criança	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - conta a história página a página e de seguida mostra-as a todo o grupo; - Faz gestos e sons associados às personagens da história 	
Comportamentos da criança	<p>A criança esteve sempre com a cabeça virada para o lado esquerdo, enquanto uma criança lhe fazia festinhas na cara.</p> <p>O R. está sentado num puf, na antepenúltima fila, com os pés apoiados numa almofada e a cabeça também. Ao lado está uma criança sentada, que ao longo da história vai fazendo carícias na cara. O R. quando a criança lhe faz festinhas na cara vira a cabeça para um lado e para o outro e também mexe a perna esquerda. Mas depois volta à posição inicial, a cabeça virada para a esquerda. Quando uma das crianças imita som e o gesto do elefante fá-lo virada para o (R.), e este mexe a perna esquerda.</p>	
Fatores que parecem influenciar o envolvimento da criança	<p>A história já ter sido contada na sala de jardim de infância, ao longo do conto da mesma serem utilizados vários sons e gestos, utilizados noutra hora do conto.</p> <p>Uma criança sentada ao lado do R., interagindo com ele.</p>	

História contada	História Comum X	Título: "O elefante diferente"	Sessão nº 6	Duração: 5'	Data: 23 de maio de 2018	
	HMS					
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Educadora de infância, auxiliar de ação educativa, autor do estudo				
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão vinte crianças com desenvolvimento típico e a criança com MD (R).				
Descrição do contexto		<p>A história é contada na sala de jardim de infância. A criança R está sentada num puf, em roda com o restante grupo de crianças, ao lado da educadora. A educadora conta a história. Inicia questionando o grupo de crianças. Apontando para a capa, pergunta o que é? Faz o mesmo para a contracapa, a lombada, o grupo de crianças responde. Inicia mostrando a capa primeiro ao R. e depois levanta para o restante grupo.</p> <p>A auxiliar encontra-se na mesa. A autora do estudo filma, e está ao lado da roda.</p>			 <p>O diagrama mostra uma roda circular representando o grupo de crianças. Um retângulo no topo da roda é rotulado 'Educadora'. Um retângulo menor na borda esquerda da roda representa a criança R.</p>	

Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - senta-se com pernas cruzadas, na roda com as crianças - começa o conto da história dirigindo-se a todas as crianças; depois de ler a página, vira-a para todas as crianças, e no fim vira a página para o R. - faz alguns gestos e sons ao longo do conto da história, tais como: tromba do elefante, braço esticado e mão aberta, fazendo o movimento para cima e para baixo; sons do cavalo a galopar, dos patinhos e dos gatos. - incentiva verbalmente, as crianças à repetição dos gestos e sons... - termina o conto da história dizendo uma lengalenga, "Vitória, vitória acabou a historia", todo o grupo repete. 	

Estratégias usadas para promover o envolvimento da criança	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - conta a história oralmente, e de seguida mostra as páginas uma a uma a todo o grupo, e por último ao R. - incentiva as crianças a realizar alguns gestos e os sons da história, começa por fazer o gesto do elefante e todo o grupo repete fazendo também o som. 	
Comportamentos da criança	<p>A criança R., focou o olhar na contadora de história. Ao longo da história teve alguns espasmos.</p> <p>Quando a contadora de história faz o gesto do elefante, este mexe a perna esquerda duas vezes.</p> <p>Uma criança sentada ao pé d R. faz-lhe uma festa na cara e este mexe a perna.</p>	<p>Neste dia o R. encontrava-se um pouco menos ativo. Estava apático e fixou o olhar na contadora, nem mexeu a cabeça.</p>
Fatores que parecem influenciar o envolvimento da criança	<p>A história já ter sido contada na sala de jardim de infância.</p> <p>Conhecimento de vários gestos utilizados noutras histórias.</p>	

**Anexo M – Grelha de registo e análise de observação das horas do conto
do caso B**

Tipo de História contada	História Comum	Título: “A Ana vai às compras”	Sessão nº 1	Duração: 13’10”	Data: 13 de março de 2018
	HMS X				
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Duas assistentes operacionais, contadora de história			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão três alunos que frequentam a UAM: J., J.P. e B			
Descrição do contexto	Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional sentada ao lado da B. a outra assistente operacional, filma a sessão da hora do conto. Todos os alunos estão sentados nos puffs. A contadora de história encontra-se de joelhos em frente aos alunos.				

Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - coloca-se de joelhos em frente aos alunos. - começa o conto da história pelo aluno que está à sua esquerda; - apresenta uma página de cada vez. - apresenta as páginas da história individualmente a cada um dos alunos. - faz comentários verbais sobre os comportamentos dos alunos, as características dos objetos e das suas ações, adicionando informação ao conteúdo da história. - diz uma lengalenga tradicional para referir que a história terminou. 	A contadora constatou que em vez de levar ambientador com cheiro a morango, para a próxima sessão levar mesmo o iogurte de aroma de morango. Substituirá também o chocolate em pó por chocolate.
Estratégias usadas para promover o envolvimento dos alunos	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - realiza as tarefas de cada página primeiro para os alunos observarem. - apoia fisicamente um dos alunos a explorar os objetos de cada página da história, principalmente ao aluno J.P., com a sua mão sobre a mão do aluno; - permite que cada aluno explore a página da história apresentada, apalpando os objetos, cheirando, ouvindo sons, abrindo e fechando a porta, etc. - incentiva os alunos a explorar as páginas da história, dizendo “Olha J. vê o saco das compras. - estimula verbalmente todos os alunos a executarem as tarefas sugeridas em cada página. - respeita a opção dos alunos, por exemplo quando uma das alunas rejeita realizar algumas ações das páginas. - repete várias vezes o nome dos alunos, enquanto conta a história. 	

	<ul style="list-style-type: none"> - solicita aos alunos para passarem os objetos da história para os colegas. - destaca os objetos da página da história e dá aos alunos para eles explorarem. - comenta as características físicas dos objetos enquanto os alunos os exploram. - comenta os comportamentos dos alunos quando eles exploram os objetos. 	
Comportamentos dos alunos	Aluno J.P.	Participa ativamente ao longo de toda a história; Pareceu gostar do chocolate.
	<p>No início da história foca o olhar na assistente operacional que está a filmar. No decorrer da história observa e sorri algumas vezes para o aluno que está ao seu lado. Há alguns objetos que despertam mais a sua atenção: saco das compras, ao sentir o gorro, quando a porta abre, sente o pelo do cão, o cheiro do ambientador a morango, mostrando o seu interesse, através do sorriso, movimento dos braços e da cabeça. Ao longo da história o aluno tem vários espasmos. Ao longo da história o aluno sorri inúmeras vezes, foca o olhar na contadora de histórias e em alguns objetos. O que despertou mais interesse é quando ouve o som da campainha da bicicleta, nessa altura sorri e abre mais os olhos; Pouco interessado em algumas páginas, as menos interativas, como a do cesto das compras, a da carteira com as notas e as moedas, e a toalha de mesa. Apesar de manifestar pouco interesse, não recusou o contacto com nenhum objeto. É recetivo ao contacto físico com os objetos, participando na execução das tarefas pedidas e sorrindo.</p>	
	Aluna B.	É menos participativa Os alunos comem chocolate, dado pelas assistentes operacionais. Todos os alunos ficaram felizes e agradados.
	<p>Rejeita o contacto físico com alguns objetos e não executa algumas ações pedidas: abrir e fechar a porta, abrir a carteira. Faz associações entre alguns objetos, o casaco pequeno é para o “bebé da tia”, reconhece que o gorro tem a desenho da Frozen. A página que ela demonstra mais interesse é a do cão, dando-lhe inclusive o nome de Bobi. A aluna delicia-se ao comer o chocolate.</p>	
	Aluno J.	
<p>Executa todas as ações sugeridas pelas páginas da HMS e reconhece visualmente os objetos apresentados e nomeia-os. Consegue executar a ação de fechar e abrir a porta, depois de realizar esta tarefa esfrega as mãos nas pernas e sorri. Depois de tocar a campainha bate palmas de contentamento. Delicia-se com o chocolate.</p>		

	Manifesta-se um pouco agitado, mudando do puf para uma cadeira quase no final da história. Interage verbalmente com a contadora e com as assistentes operacionais.	
Fatores que parecem influenciar o envolvimento dos alunos	As páginas da HMS com objetos mais interativos, com som e com cheiros, parecem influenciar positivamente o envolvimento dos alunos. A página do cão desperta interesse nos alunos. A história abordar uma temática do dia-a-dia, como a ida às compras. Cada aluno tem tempo para explorar cada página, individualmente.	

História contada	História Comum	Titulo: "A Ana vai às compras"	Sessão nº 2	Duração: 15'18"	Data: 20 de março de 2018
	HMS X				
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Duas assistentes operacionais, uma docente de educação especial, contadora de história			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão três alunos que frequentam a UAM, (J., J.P., e B.).			
Descrição do contexto	Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional sentada ao lado da B. a outra assistente operacional, filma a sessão da hora do conto e a docente sentada ao lado do J.P. Todos os alunos estão sentados nos puffs. A contadora de história encontra-se de joelhos em frente aos alunos.				

Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	A contadora de história: - coloca-se de joelhos em frente aos alunos. - começa o conto da história pelo aluno que está à sua esquerda; - apresenta uma página de cada vez. - apresenta as páginas da história individualmente a cada um dos alunos. - comenta verbalmente os comportamentos dos alunos, as características dos objetos e das suas ações, adicionando informação ao conteúdo da história. - diz uma lengalenga tradicional para indicar que a história terminou.	

Estratégias usadas para promover o envolvimento dos alunos	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - realiza as tarefas de cada página para os alunos observarem. - conta a história a cada um individualmente, quando a página vai passando por cada aluno; - apoia fisicamente um dos alunos a explorar os objetos de cada página da história, principalmente ao aluno J.P. com a sua mão sobre a mão deste aluno. - permite que cada aluno explore a página da história apresentada, apalpando os objetos, cheirando, ouvindo sons, abrindo e fechando a porta, etc. - incentiva oralmente os alunos a explorar as páginas da história, dizendo “Olha J. vê o saco das compras. - Incita verbalmente todos os alunos a executarem as tarefas sugeridas em cada página. - respeita a opção dos alunos, por exemplo quando uma das alunas rejeita realizar algumas ações das páginas. - repete varias vezes o nome dos alunos, enquanto conta a história. - solicita aos alunos para passarem os objetos da história para os colegas. -destaca os objetos da página da história e dá aos alunos para eles explorarem. - comenta as características físicas dos objetos enquanto os alunos os exploram. - comenta os comportamentos dos alunos quando eles exploram os objetos 	
Comportamentos dos alunos	Aluno J.P.	
	<p>Há alguns objetos que despertam mais atenção: saco das compras, ao sentir o gorro, quando a porta abre, sente o pelo do cão, quando ouve o som da campainha da bicicleta, mostrando o se interesse, através do sorriso, mexe os braços, e a cabeça. Sorri com o som das moedas. Ao longo da história tem vários espasmos e sorri inúmeras vezes, foca o olhar na contadora de histórias e em alguns objetos, como por exemplo: no carrinho e saco das compras. Ao cheirar o chocolate, o aluno mexe os lábios.</p>	
	Aluna B.	
	<p>Não executou as tarefas: abrir e o fecho do casaco, nem tocar; abrir e fechar a porta, não toca a campainha, Quando vê a página da bicicleta, começa por dizer, “Não quero, não quero”. Na página do cão, quer tirar o cão ao colega que está ao seu lado, havendo ai uma pequena zanga entre ambos. Ela tenta puxar a trela da página. Manifesta dificuldade em saber esperar pela sua vez. Com a página do chocolate refere que está feliz. Na página da carteira mexe no dinheiro e</p>	

	coloca o iogurte e o chocolate no saco.	
	Aluno J.	
	Executou todas as ações pedidas. Ao longo da história ficou amuado com a aluna B. ela queria mexer no cão primeiro que ele. Não quis experimentar o iogurte. Interage verbalmente com os adultos presentes.	
Fatores que parecem influenciar o envolvimento dos alunos	As páginas da HMS com objetos mais interativos, com som e com cheiro parecem influenciar positivamente o envolvimento dos alunos. A página do cão desperta interesse nos alunos. A história abordar uma temática do dia-a-dia, como a ida às compras. Cada aluno tem tempo para explorar cada página, individualmente.	

História contada	História Comum	Titulo:			
	HMS X	“A Ana vai às compras”	Sessão nº 3	Duração: 13’55”	Data: 22 de março de 2018
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Duas assistentes operacionais, docente educação especial, contadora de história			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão três alunos que frequentam a UAM, (J., J.P., e B.).			
Descrição do contexto	Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM. Uma assistente operacional, filma a sessão da hora do conto, a outra está a fotografar. O J.P. esta no puf, os outros dois estão nas cadeiras A contadora de história encontra-se de pé em frente aos alunos. A docente está sentada ao lado do aluno J..				

Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - coloca-se de pé em frente aos alunos. - começa o conto da história pelo aluno que está à sua esquerda; - apresenta uma página de cada vez. - apresenta as páginas da história individualmente a cada um dos alunos. - comenta os comportamentos dos alunos, as características dos objetos e das suas ações, adicionando informação ao conteúdo da história. - diz uma lengalenga tradicional para indicar que a história terminou. 	

Estratégias usadas para promover o envolvimento dos alunos	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - realiza as tarefas de cada página para os alunos observarem. - conta a história a cada um individualmente, quando a página vai passando por cada aluno; - apoia fisicamente um dos alunos a explorar os objetos de cada página da história, principalmente ao aluno J.P. - permite que cada aluno explore a página da história apresentada, apalpando os objetos, cheirando, ouvindo sons, abrindo e fechando a porta, etc. - incentiva verbalmente os alunos a explorar as páginas da história, dizendo “Olha J. vê o saco das compras. - Incita verbalmente todos os alunos a executarem as tarefas sugeridas em cada página. - aceita a opção dos alunos, por exemplo quando uma das alunas rejeita realizar algumas ações das páginas. - repete várias vezes o nome dos alunos, enquanto conta a história. - solicita aos alunos para passarem os objetos da história para os colegas. - destaca os objetos da página da história e dá aos alunos para eles explorarem. - comenta as características físicas dos objetos enquanto os alunos os exploram. - comenta os comportamentos dos alunos quando eles exploram os objetos 	
Comportamentos dos alunos	Aluno J.P.	
	<p>Alguns objetos que despertam-lhe mais atenção: saco das compras, ao sentir o gorro, quando a porta abre, sente o pelo do cão, quando ouve o som da campainha da bicicleta, mostrando o se interesse, através do sorriso, movimento dos braços, e da cabeça.</p> <p>Ao longo da história tem vários espasmos e sorri inúmeras vezes, foca o olhar na contadora de histórias e para alguns objetos.</p> <p>Ao cheirar o chocolate mexe os lábios.</p> <p>Parece gostar do sabor do chocolate abrindo a boca, para saborear o chocolate em tablete.</p> <p>Olha algumas vezes para a aluna B. que está ao seu lado.</p>	
	Aluna B.	<p>Todas as tarefas que requerem algum movimento a aluna recusa.</p>

	ao ver a página começa por dizer que não consegue.	
	Aluno J.	
	<p>Na primeira página o aluno refere que o saco é do pingo doce.</p> <p>O aluno executa quase todas as tarefas pedidas. Não deixa colocar o gorro na cabeça, diz que é de menina. Consegue com facilidade abrir e fechar a porta com a chave.</p> <p>Associa a campainha, a uma bicicleta que ele tem, não conseguindo reproduzir sozinho o som da campainha. Na página do chocolate recusou-se a participar, coloca o braço a frente da cara e vira-se não cheira o chocolate. Com as moedas e a nota, pegou nelas e disse: "Vou ficar com a nota". Recusou também experimentar o iogurte. Verbalmente dirige-se à aluna B. Interage verbalmente com os adultos presentes.</p>	
Fatores que parecem influenciar o envolvimento dos alunos	<p>As páginas da HMS com objetos mais interativos, com som e com cheiro parecem influenciar positivamente o envolvimento dos alunos.</p> <p>A página do cão desperta interesse nos alunos.</p> <p>A história abordar uma temática do dia-a-dia, como a ida às compras.</p> <p>Cada aluno tem tempo para explorar cada página, individualmente.</p>	

História contada	História Comum	Titulo: “ A final do torneiro de boccia”	Sessão nº 4	Duração: 10’36”	Data: 10 de abril de 2018
	HMS X				
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Duas assistentes operacionais, e uma docente de educação especial. A autora do estudo enquanto contadora da história.			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão três alunos que frequentam a UAM, (J., J.P., e B.).			
Descrição do contexto	Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM. Uma assistente operacional está em pé atrás dos alunos e a outra assistente operacional, filma a sessão da hora do conto. O J.P. está sentado no puf, os restantes alunos nas cadeiras. A contadora de história encontra-se de joelhos em frente aos alunos.				

Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - coloca-se de joelhos em frente aos alunos. - começa o conto da história pelo aluno que está à sua esquerda; - apresenta uma página de cada vez, individualmente percorrendo todos os alunos presentes - comenta os comportamentos dos alunos, dizendo, por exemplo: “muito bem”, quando os alunos executam as ações pretendidas, as características dos objetos, por exemplo: “olhem o cinto se segurança igual ao dos carros”, “olhem o chapéu tem muitas cores”. e das suas ações, adicionando informação ao conteúdo da história. - diz uma lengalenga tradicional para indicar que a história terminou. 	O som das palmas, da última página da história, ouviu-se no computador, para a próxima sessão irá ser o som das palmas da contadora.
Estratégias usadas para promover o envolvimento dos alunos	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - realiza as tarefas de cada página primeiro para os alunos observarem. - conta a história a cada um individualmente, quando a página vai passando por cada aluno; - apoia fisicamente um dos alunos a explorar os objetos de cada página da história, principalmente ao aluno J.P., com a sua mão sobre a mão do aluno - permite que cada aluno explore a página da história apresentada, apalpando os objetos, cheirando, ouvindo sons, abrindo e fechando a porta, etc. - incentiva verbalmente, os alunos a explorar as páginas da história, dizendo “olha, vamos tocar o tambor” 	

	<ul style="list-style-type: none"> - estimula verbalmente todos os alunos a executarem as tarefas sugeridas em cada página. - respeita a opção dos alunos, por exemplo quando uma das alunas rejeita realizar algumas ações das páginas. - repete várias vezes o nome dos alunos, enquanto conta a história. - solicita aos alunos para passarem os objetos da história para os colegas. - destaca os objetos da página da história e dá aos alunos para eles explorarem. - comenta as características físicas dos objetos enquanto os alunos os exploram. - comenta os comportamentos dos alunos quando eles exploram os objetos 	
Comportamentos dos alunos	Aluno J.P.	
	<p>O aluno J.P. no início da história foca o olhar na assistente operacional que está a filmar. No decorrer da história observa e sorri algumas vezes para o aluno que está ao seu lado. Há alguns objetos que despertam mais atenção: tais como os pompons, apito e o som das palmas. O tambor foi o objeto que despertou mais interesse, sorrindo bastante. Mostra o seu interesse através do sorriso, do movimento dos braços e da cabeça.</p> <p>Observa atentamente as cores do chapéu e assusta-se com a água do borrifador, sorri e mexe a cabeça com os pompons</p> <p>Ao longo da história o aluno tem vários espasmos, sorri inúmeras vezes, foca o olhar na contadora de histórias e em alguns objetos.</p> <p>Manifestação de pouco interesse em algumas páginas menos interativas: páginas do campo do boccia com as bolas e o saco com o equipamento. Apesar de manifestar pouco interesse, não apresenta recusa por nenhum objeto.</p>	
	Aluna B.	
	<p>A aluna B. é menos participativa: não executando algumas ações pedidas, como abrir o chapéu, colocar as bolas no campo de boccia, o cinto de segurança, e som do apito.</p> <p>Quando vê o equipamento do Rui, que é uma camisola do sporting, associa a mesma ao clube de futebol, ficando muito entusiasmada a tocar o tambor.</p> <p>No fim bateu palmas e gargalhou.</p>	Não gostou do som do apito, colocando as mãos nas orelhas.
	Aluno J.	
	O aluno J. estava um pouco zangado e agitado assim não quis participar na hora do conto.	

Fatores que parecem influenciar o envolvimento dos alunos	As páginas da HMS com objetos mais interativos e com som, como o tambor e os pompons, parecem proporcionar maior envolvimento. O tambor é o objeto que desperta mais interesse. A história ter como tema o jogo do boccia, sendo um jogo que se insere na rotina da unidade. Cada aluno ter tempo para explorar cada página, individualmente.	
---	---	--

História contada	História Comum	Título: “A final do torneio de Boccia”	Sessão nº 5	Duração: 7’56”	Data: 16 de abril de 2018
	HMS X				
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Duas assistentes operacionais, uma docente de educação especial, a autora do estudo enquanto contadora de história			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão três alunos que frequentam a UAM, (J., J.P., e B.).			
Descrição do contexto		Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional em pé atrás dos alunos, a outra assistente operacional, filma a sessão da hora do conto e a docente sentada entre a aluna B. e o aluno J.. O aluno J.P está sentado no puff e os restantes em cadeiras. A contadora de história encontra-se de pé em frente aos alunos.			

Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - coloca-se de joelhos em frente aos alunos. - começa o conto da história pelo aluno que está à sua esquerda; - apresenta uma página de cada vez. - apresenta as páginas da história individualmente a cada um dos alunos. - comenta verbalmente os comportamentos dos alunos, as características dos objetos e das suas ações, adicionando informação ao conteúdo da história: “Vês, o chapéu tem muitas cores” - diz uma lengalenga tradicional para indicar que a história terminou. 	O som das palmas foi feito pela contadora de histórias.
Estratégias usadas para promover o envolvimento dos alunos	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - realiza as tarefas de cada página primeiro para os alunos observarem. - conta a história a cada um individualmente, quando a pagina vai passando por cada aluno; - apoia fisicamente um dos alunos a explorar os objetos de cada página da história, principalmente ao aluno J.P. com a sua mão sobre a mão do aluno - permite que cada aluno explore a página da história apresentada, apalpando os objetos, cheirando, ouvindo sons, etc.. 	

	<ul style="list-style-type: none"> - incentiva verbalmente, os alunos a explorar as páginas da história, dizendo: "Vamos tocar o tambor" - estimula verbalmente todos os alunos a executarem as tarefas sugeridas em cada página: "toca, o tambor" - respeita a opção dos alunos, por exemplo quando uma das alunas rejeita realizar algumas ações das páginas. - repete várias vezes o nome dos alunos, enquanto conta a história. - solicita aos alunos para passarem os objetos da história para os colegas. - destaca os objetos da página da história e dá aos alunos para eles explorarem. - comenta as características físicas dos objetos enquanto os alunos os exploram. - comenta os comportamentos dos alunos quando eles exploram os objetos 	
Comportamentos dos alunos	Aluno J.P.	
	<p>No decorrer da história observa e sorri algumas vezes para a aluna que está ao seu lado. Há alguns objetos que despertam mais atenção, tais como os pompons, o apito e o som das palmas. O tambor foi o objeto que despertou mais interesse, sorrindo bastante. Mostrou o seu interesse nestes objetos através do sorriso, do movimento dos braços e da cabeça.</p> <p>Observa atentamente as cores do chapéu e assusta-se com a água do borrifador, sorri e mexe a cabeça com os pompons</p> <p>Ao longo da história o aluno tem vários espasmos, sorri inúmeras vezes, foca o olhar com a contadora de histórias e para alguns objetos.</p> <p>Manifesta-se pouco interessado em algumas páginas menos interativas, tais como as das bolas de boccia, a taça. Apesar de manifestar pouco interesse, não apresenta recusa por nenhum objeto.</p>	
	Aluna B.	
	<p>A aluna B. é menos participativa, não executando algumas ações pedidas, como abrir o chapéu, colocar as bolas no campo de boccia, o cinto de segurança. Recusa também abanar os pompons e tocar o tambor, colocando a cara baixa.</p> <p>A aluna ficou muito entusiasmada com o objeto taça, levantando-a com as duas mãos sorrindo e depois batendo palmas.</p>	
	Aluno J.	
<p>Executa todas as ações sugeridas pelas páginas da HMS e reconhece visualmente os objetos</p>		

	apresentados e nomeia-os. O aluno na página do apito, coloca as mãos nos ouvidos, não querendo ouvir o som.	
Fatores que parecem influenciar o envolvimento dos alunos	As páginas da HMS com objetos mais interativas e com som, parecem influenciar maior envolvimento. A história ter como tema próximo à rotina diária dos alunos na sala da unidade. Cada aluno ter tempo para explorar cada página, individualmente.	

História contada	História Comum	Titulo:			
	HMS X	“A final do torneio de boccia”	Sessão nº 6	Duração: 8’18”	Data: 17 de abril de 2018
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Duas assistentes operacionais, docente educação especial, a autora do estudo enquanto contadora da história.			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão três alunos que frequentam a UAM, (J., J.P., e B.).			
Descrição do contexto	Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional que está sentada ao lado da aluna B., a outra assistente operacional, filma a sessão da hora do conto e a docente sentada entre a aluna B. e o aluno J. inicia a história sentado, mas depois ajuda a contadora a contar a história. O aluno J.P está sentado no puff e os restantes em cadeiras. A contadora de história encontra-se de pé em frente aos alunos.				

Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	<p>A contadora de história está de pé em frente aos alunos.</p> <p>A contadora vai apoiando o aluno J.P. nas ações de cada página, vai incentivando verbalmente, os alunos, na execução das ações das páginas.</p> <p>Estimulando – os também para executarem as tarefas, dizendo “Vamos tocar o tambor”</p> <p>A contadora executa as tarefas de cada página primeiro para os alunos observarem. Ao passar a página por cada aluno, vai contando a narrativa associada a cada página. Respeita a aluna que rejeita algumas ações das páginas.</p>	

Estratégias usadas para promover o envolvimento dos alunos	Ao contar a história a contadora posiciona cada página ao nível dos alunos. A história é contada apresentando uma página de cada vez. Cada página tem um texto e um objeto associado. As ações variam entre apalpar objetos, ouvir sons, abrir e fechar o chapéu, A contadora começa o conto da história pelo aluno que está à sua esquerda. A história é contada, e de seguida cada página é explorada por cada aluno. A contadora vai apoiando, principalmente ao aluno J.P. nas ações de cada página, por exemplo com os pompons, coloca-os na mão, do aluno, ajudando - o a fazer os movimentos de abanar.	
Comportamentos dos alunos	Aluno J.P.	
	No decorrer da história observa e sorri algumas vezes para o aluno que está ao seu lado. Há alguns objetos que despertam mais atenção: mostrando o se interesse, através do sorriso, mexe os braços, e a cabeça, tais como “ os pompons, apito, som das palmas. O tambor foi o objeto que despertou mais interesse, sorrindo bastante, quando está a tocar o tambor com a ajuda da contadora de história. Olha para o cinto de segurança. Observa atentamente as cores do chapéu, e assusta-se com a água do borrifador, sorri e mexe a cabeça com os pompons Ao longo da história o aluno tem vários espasmos. Ao longo da história o aluno sorri inúmeras vezes, foca o olhar com a contadora de histórias e para alguns objetos. Pouco interessado, em algumas páginas, as menos interativas, as das bolas de boccia, a taça, Apesar de manifestar pouco interesse, não apresenta recusa por nenhum objeto.	
	Aluna B.	
	A aluna B. é menos participativa, não executando algumas ações pedidas, como abrir o chapéu, colocar as bolas no campo de boccia, o cinto de segurança. Recusa também abanar os pompons, colocando a cara baixa, e tocar o tambor, dando uma gargalhada. Na página do chapéu-de-chuva, ao sentir a água deve ter pensado que era perfume, pois cheirando a mão disse: “perfume”, cheirou a mão dizendo: “cheira bem”. Com a ajuda da assistente operacional a aluna toca o tambor. A assistente operacional tenta que a B. também coloque a bola, mas esta recusa. A aluna ficou muito entusiasmada com a taça, levantando-a com as duas mãos sorrindo e depois bateu palmas.	
	Aluno J.	
	Executa todas as ações sugeridas pelas páginas da HMS e reconhece visualmente os objetos	Este aluno estava um

	<p>apresentados e nomeia-os. Vai guardando as páginas na caixa e tira a seguinte. O aluno nesta sessão auxilia a contadora de história no conto da mesma, passando as páginas pelos restantes alunos. É o aluno que abre o chapéu e fecha e abana os pompons aos alunos.</p>	<p>pouco inquieto ajudando assim a contadora na história.</p>
<p>Fatores que parecem influenciar o envolvimento dos alunos</p>	<p>As páginas da HMS com objetos mais interativas como o tambor e os pompons, e com som, parecem influenciar maior envolvimento. A página do cão despertou interesse nos alunos. Cada aluno ter tempo para explorar cada página, individualmente.</p>	

História contada	História Comum X	Titulo: "Há um monstro no teu livro"	Sessão nº 1	Duração: 7'22"	Data: 10 de abril de 2018
	HMS				
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Duas assistentes operacionais, docente de educação especial e a autora do estudo, enquanto observadora.			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão três alunos que frequentam a UAM, (J., J.P., e B.).			
Descrição do contexto	Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional sentada entre a aluna B e o J.P. A outra assistente operacional, está sentada ao lado do J. O J.P. está sentado no puf, e os outros alunos nas cadeiras. A contadora de história, a docente de educação especial, encontra-se sentada em frente aos alunos. A autora do estudo está sentada fora do círculo a filmar.				

Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	A contadora de história: - coloca-se sentada em frente aos alunos. - começa o conto da história para todos os alunos - apresenta uma página de cada vez.	
Estratégias usadas para promover o envolvimento dos alunos	A contadora de história: - conta a história, e de seguida mostra as páginas aos alunos. - repete várias vezes o nome dos alunos, enquanto conta a história - pede ajuda aos alunos para irem executando as tarefas do livro "Abana o livro"	
	Aluno J.P. No início da história foca o olhar na contadora de história. No decorrer da história olha e sorri algumas vezes para a assistente operacional que está ao seu lado. Ao longo da história sorri inúmeras vezes, foca o olhar na contadora de histórias, nomeadamente quando esta diz o seu nome: "João, olha o monstro"	
	Aluna B.	.

Comportamentos dos alunos	<p>No início coloca a mão no ar e a contadora de história, diz que necessita de ajuda para contar a história, e pede à aluna.</p> <p>Vai contando oralmente a história.</p> <p>Está atenta.</p> <p>Ao longo da história vai acompanhando a contadora no desenrolar da história. A contadora: “abana o livro” – a aluna B., pega no livro em conjunto com a contadora e abanam o livro. E assim sucessivamente no decorrer da história.</p>	
	<p>Aluno J.</p>	
	<p>O aluno J. não participa. Ao longo do conto desta historia o aluno saiu da cadeira e sentou-se ao lado da investigadora que está a filmar a história.</p>	
Fatores que parecem influenciar o envolvimento dos alunos	<p>A história já ter sido contada uma vez, na sala da unidade.</p> <p>Ser um livro interativo, com movimentos associados à história.</p>	

História contada	História Comum X	Título: “O pássaro da alma”	Sessão nº 2	Duração: 16’56”	Data: 16 de abril de 2018
	HMS				
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Duas assistentes operacionais, docente de educação especial (contadora de história), autora do estudo			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão três alunos que frequentam a UAM, (J., J.P., e B.).			
Descrição do contexto	Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional sentada entre a aluna B e o J. A outra assistente operacional, está em pé atrás dos alunos. O J.P. está sentado no puf, e os outros alunos nas cadeiras. A contadora de história, a contadora da história, encontra-se sentada em frente aos alunos. A autora do estudo filma a hora do conto.				

Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	A contadora de história: - coloca-se sentada em frente aos alunos, dizendo o título da história, e mostrando a capa; - começa o conto da história para todos os alunos, - lê uma página, de seguida vira – a para os alunos, levantado o livro; - apresenta uma página do livro de cada vez.	
Estratégias usadas para promover o envolvimento dos alunos	A contadora de história: - conta a história e de seguida mostra as páginas aos alunos. - coloca algumas questões aos alunos, por exemplo: “De que cor é?” (apontando para a imagem do sol que está numa página do livro); “o que é alguém que nos ama”; “o que é o ódio”, “carinho é bom ou é mau”; - explica ao longo da história algumas emoções, como a raiva, o ódio. - faz alguns movimentos: “para trás e para a frente...” (levantando – se, salta para trás e para a frente); - repete várias vezes o nome dos alunos, enquanto conta a história, para questionar ou simplesmente para referir algum momento da história que pretende destacar.	

	Aluno J.P.	
	O aluno J.P. no início da história foca o olhar na contadora de história. No decorrer da história observa e sorri algumas vezes para a aluna B. que está ao seu lado. Foca o olhar com a contadora de histórias. Sorri quando a contadora o abraça.	
	Aluna B.	A aluna ao longo da história referiu três vezes que estava com fome, fazendo o gesto esfregando a barriga com a mão.
	Esteve atenta, observando o que a contadora diz e faz. Ao longo da história, ajudou a contadora de história a contar a história. Termina algumas frases da história: “do nosso...” diz a contadora e a aluna termina: “ coração”. Responde às questões que a contadora lhe colocava sobre a história, como por exemplo: “carinho é bom ou é mau”, dizendo: “é festinhas”, vira-se para a assistente e faz festinhas na cara desta.	
	Aluno J.	A assistente operacional interferiu para tranquilizar o aluno. Interferiu também alertando o aluno para ouvir o que a contadora está a dizer, e para ter calma e sentar-se.
Comportamentos dos alunos	Ao longo da história faz sons e abana os braços,...boceja, faz movimentos na cadeira, manifesta – se agitado, com os braços no ar, levanta-se e dirige-se até à porta, grita, mãos no ar a bater palmas, conversa com a B. A contadora da história questiona o aluno:” J. quem tem a gaveta da paciência aberta, tu ou a P. (assistente operacional)”, o qual respondeu a sorrir olhando para a assistente “ a P.”. Por duas vezes quando a contadora de história refere o pássaro faz o som deste animal, num tom alto, uma das vezes assustando o aluno J.P. No fim da história a contadora questionou o aluno: “Quem tem a gaveta do ciúme aberta J., diz não tenhas vergonha”, ele levanta-se dirige-se à porta e não responde.	
Fatores que parecem influenciar o envolvimento dos alunos	A história já ter sido contada mais vezes na sala da unidade, a contadora fazer questões ao longo da história e a posição que a contadora se encontra.	

História contada	História Comum X	Titulo: "Dez amigos"	Sessão nº 3	Duração: 16'15"	Data: 17 de abril de 2018
	HMS				
Intervenientes na hora do conto	Adultos	Duas assistentes operacionais, docente de educação especial (contadora da história), autora do estudo.			
	Crianças / alunos	Participaram nesta sessão três alunos que frequentam a UAM, (J., J.P., e B.).			
Descrição do contexto		Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional sentada entre a aluna B e o J.. A outra assistente operacional, está sentada atrás do aluno J.. O J.P. está sentado no puf, e os outros alunos nas cadeiras. A contadora de história, é a docente de educação especial, encontra-se sentada, numa cadeira, em frente aos alunos. A autora do estudo filma a história.			

Descrição dos comportamentos observados		Notas/inferências
Estratégias usadas para contar a história	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - coloca-se sentada em frente aos alunos. - pede que os alunos escolham entre duas histórias; - começa o conto da história, que obteve duas escolhas, para todos os alunos; - mostra a capa aos alunos levantado o livro; e lê o título da história; - lê e depois apresenta uma página de cada vez, mostrando de seguida a página; - explica oralmente aos alunos que a esta história tem símbolos pictográficos. 	
Estratégias usadas para promover o envolvimento dos alunos	<p>A contadora de história:</p> <ul style="list-style-type: none"> - conta a história, e de seguida mostra as páginas aos alunos; - levanta-se dirige-se ao J.P. e mostra – lhe a página que acabou de ler; - alternadamente a aluna B. e o J., vão dizendo as palavras dos símbolos pictográficos; - ao longo da história, conta os animais com os dedos das mãos; - vai referindo várias vezes o nome dos animais, que fazem parte desta história; - imita alguns sons das personagens da história, animais, por exemplo: "Quá-quá". - conta os dedos das duas mãos e colocam as mãos no ar... 	
	Aluno J.P.	

Comportamentos dos alunos	<p>No início da história foca o olhar na contadora de história. No decorrer da história observa e sorri algumas vezes para a aluna B. que está ao seu lado. Ao longo da história o aluno sorri inúmeras vezes, foca o olhar com a contadora de histórias. Quando a contadora de história aproxima-se dele, e faz o som do pato, este emite alguns sons. A assistente operacional ajuda o aluno a colocar as mãos para cima, para todos contarem até dez com a contadora de história.</p>	
	Aluna B.	.
	<p>Mexe várias vezes na mão do aluno J.P. Coloca algumas vezes as mãos na cara, esfrega os olhos, Coloca também as mãos no ar, encosta-se à assistente operacional, abana a cabeça dizendo que não, em algumas situações que tem de dizer as palavras dos símbolos, por vezes o aluno J. ajuda-a. Identifica o símbolo do índio, fazendo o som com a mão da boca, como está no símbolo. Responde a algumas questões: “ o que é um velhote”, a aluna diz: “é um avô, o avô Tó”</p>	Quando ouve falar em patos, a aluna diz que vai ao parque e dá pão aos patos.
	Aluno J.	
	<p>Quando a contadora pediu para ler os símbolos disse as palavras. Esteve atento, respondendo às questões da contadora de história, por vezes ajudava a aluna B. nas palavras da história. Vai esfregando as mãos na perna, cruza as pernas. Por vezes faz festas na perna da aluna B. Várias vezes está desatento e tenta conversar com a assistente operacional.</p>	O aluno J. esteve mais participativo. Olha pela janela da sala, e relata o que está a observar. A assistente diz-lhe para estar com a atenção.
Fatores que parecem influenciar o envolvimento dos alunos	<p>A história já ter sido contada mais vezes na sala da unidade. A utilização de símbolos pictográficos. A utilização de sons e gestos.</p>	

Anexo N – Análise de conteúdo das grelhas de observação

Histórias comuns _ Há um mostro no teu livro | contexto: unidade de multideficiência | sessão: 1

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.
Estratégias usadas pela contadora de história	No conto da história	Posicionamento em frente aos alunos	Coloca-se em frente aos alunos	Coloca-se em frente aos alunos	
		Conto da história dirigida a todos os alunos	Início da história para todos os alunos	Apresenta o conto da história para todos os alunos	
		Apresentação de uma página de cada vez	Uma página de cada vez	Apresenta uma página de cada vez	
	Na interação com os alunos	Verbalmente repete várias vezes o nome dos alunos	Repetição do nome dos alunos	Repete várias vezes o nome dos alunos enquanto conta a história	
		Evocação do nome do aluno para chamar a sua atenção para uma imagem	Exprime verbalmente o nome do aluno	Chama o aluno” João, olha o monstro”	
	Na promoção do envolvimento	Solicitação para os alunos executarem tarefas da história	Alunos ajudam nas tarefas pedidas	Pede ajuda aos alunos para executarem as tarefas do livro: “Abanar”.	
Primeiro, conta a história e de seguida mostra as páginas		Conta a história e depois mostra as páginas	Conta a história e seguida mostra as páginas aos alunos		

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.
Comportamento dos alunos	Face à história	Movimentação dos olhos face à contadora	O aluno foca o olhar na contadora	O aluno J.P. no início da história foca o olhar na contadora de história	
		Movimentação dos lábios face à história	Movimenta os lábios ao longo da história	Ao longo da história o aluno J.P. sorri inúmeras vezes	
		Conto de parte da história por parte da aluna B.	A aluna B. participa no conto da história	A aluna B. é participativa, vai contando oralmente a história	
		Ausência de participação do aluno J.	O aluno J. não tem participação	O aluno J. não participa	
	Face aos adultos	Movimentação dos olhos e dos lábios face à assistente operacional	Movimenta a cabeça e os olhos para a assistente	No decorrer da história olha e sorri algumas vezes para a assistente operacional, o aluno J.P.	
		Movimentação do livro em conjunto com a contadora	Movimenta o livro em conjunto com a contadora	A aluna B. pega no livro em conjunto com a contadora e abanam o livro	
		Mudança de posicionamento, para ficar ao lado da autora do estudo.	Dirige-se para ao pé da investigadora	O aluno J. saiu da cadeira e sentou-se ao lado da investigadora	

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.
Fatores que parecem influenciar o envolvimento dos alunos	Relacionados com a história	Conhecimento da história por parte dos alunos	A história já ter sido contada na unidade	A história já ter sido contada uma vez	
		Caraterística interativa da história	História com movimentos associados	Livro interativo com movimentos associados	
	Relacionados com o contexto	Uso da câmara de filmar	Filmagem da hora do conto	A autora do estudo está sentada fora do semicírculo a filmar.	
		Posição da contadora da história	A contadora de história	A contadora de história, a docente de educação especial, encontra-se sentada em frente aos alunos.	

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.
Estratégias usadas pela contadora de história	No conto da história	Posicionamento em frente aos alunos	Coloca-se em frente aos alunos	Coloca-se de joelhos em frente aos alunos	
		Inicia o conto pelo aluno que está à sua esquerda	Início da história pelo aluno que está a sua esquerda	Começa o conto da história pelo aluno que está à sua esquerda	
		Apresentação de uma página de cada vez	Uma página de cada vez	Apresenta uma página de cada vez	
		Individualização do conto perante cada aluno	Apresenta as páginas da história	Apresenta as páginas da história individualmente percorrendo todos os alunos presentes	
		Verbalização de uma lengalenga no final da história	Lengalenga para finalizar o conto da história	Diz uma lengalenga tradicional para indicar que a história terminou	
	Na interação com os alunos	Comentário verbal face ao comportamento dos alunos	Comenta os comportamentos dos alunos	Faz comentários verbais sobre comportamentos dos alunos: “muito bem”	
		Comentário verbal sobre os objetos explorados	Comenta as características dos objetos	Comenta as características dos objetos” olhem o chapéu tem muitas cores”	
	Na promoção do envolvimento	Realização das tarefas das páginas	Realiza as tarefas das páginas para a criança observar	Realiza as tarefas de cada página primeiro para os alunos observarem	
		Apoio mão sobre mão na exploração dos objetos	Apoia fisicamente a criança a explorar os objetos com a ajuda de mão sobre mão	Apoia fisicamente um dos alunos, a explorar os objetos de cada página da história, com a sua mão sobre a mão do aluno	

Estratégias usadas pela		Permissão da exploração dos objetos das páginas	Permite a exploração apalpando os objetos	Permite que cada aluno explore a página da história apresentada apalpando os objetos,...	
-------------------------	--	---	---	--	--

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.
		Verbalização dirigida ao aluno para este explorar os objetos	Incentiva verbalmente a explorar os objetos das páginas	Incentiva os alunos a explorar as páginas da história, dizendo "Vamos tocar o tambor"	
		Respeito pela opção dos alunos	Respeita os alunos	Respeita a opção dos alunos	
		Verbalização dirigida ao aluno para este realizar as ações das páginas	Estimula verbalmente todos os alunos a executar as tarefas sugeridas nas páginas	Estimula verbalmente todos os alunos a executarem as tarefas sugeridas em cada página	
		Repetição do nome dos alunos	Repete o nome dos alunos ao longo da história	Repete várias vezes o nome dos alunos, enquanto conta a história	
		Solicitação de partilha dos objetos entre os alunos	Solicita aos alunos a passagem dos objetos	Solicita aos alunos para passarem os objetos da história para os colegas	
		Disponibilização dos objetos ao aluno	Oferece os objetos ao aluno	Destaca os objetos da página da história e dá alunos para explorarem	
		Comentário sobre as características dos objetos	Comenta as características dos objetos	Comenta as características físicas dos objetos enquanto os alunos os exploram os objetos	

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.
Comportamento dos alunos	Face aos objetos da história	Movimentação dos lábios, dos braços e da cabeça face a alguns objetos	Movimenta os lábios, os braços e a cabeça quando é apresentado alguns objetos	Há alguns objetos que despertam mais atenção, através do sorriso, mexe os braços e a cabeça, tais como: pompons, apito, som das palmas	
		Movimentação dos lábios face ao tambor	Movimenta os lábios quando é apresentado o tambor	O tambor foi o objeto que despertou mais interesse, sorrindo bastante	
		Movimentação do olhar face ao chapéu de chuva	Movimenta o olhar quando lhe é apresentado o chapéu de chuva	Observa atentamente as cores do chapéu,	
		Receio face ao borrifo de água na mão	Assusta-se com a água	Assusta-se com a água do borrifador	
		Movimentação dos lábios e da cabeça face ao pompom	Movimenta os lábios e a cabeça quando a apresentação dos pompons	Sorri e mexe a cabeça com os pompons	
		Manifestação de desinteresse nas páginas menos interativas	Pouco interesse em algumas páginas menos interativas	Pouco interessado em algumas páginas, as menos interativas, as paginas do campo de boocia, com as bolas, o saco de equipamento	
		Fraca participação da aluna B.	A aluna B. quase não participou	A aluna B. é menos participativa	
		Recusa em executar ações pedidas	Não executou algumas ações pedidas	Não executando algumas ações pedidas, como abrir o chapéu, colocar as bolas no campo de boocia, o cinto de segurança	
		Movimentação das mãos	Movimenta as mãos para	Não gostou do som do apito,	

		junto às orelhas face ao som do apito	junto das orelhas quando ouve o som do apito	colocando as mãos nas orelhas	
		Associações de objetos	Associa a camisola do equipamento ao sporting	Quando vê o equipamento do Rui, que é uma camisola do sporting, associa a mesma ao clube de futebol	
		Manifestação de entusiasmo face ao tambor	Fica entusiasmada quando é apresentado o tambor	A aluna ficou entusiasmada a tocar o tambor	
		Manifestação de entusiasmo no final	Bateu palmas e gargalhou no final	No fim bateu palmas e gargalhou	
		Ausência de participação por parte de um aluno	O aluno estava zangado e agitado, assim não participou	O aluno J, estava um pouco zangado e agitado assim não quis participar na hora do conto	
	Face aos pares	Movimentação dos lábios e da cabeça na direção do aluno que está ao lado	Observação e sorriso para o aluno que está ao seu lado	No decorrer da história observa e sorri algumas vezes para o aluno que está ao seu lado	
	Face aos adultos	Focalização do olhar para a assistente operacional	Olha para a assistente que está a filmar	Foca o olhar na assistente operacional	
		Sorriso e foco da atenção visual na contadora	Sorri e foca o olhar na contadora	O aluno J.P. sorri inúmeras vezes foca o olhar na contadora de histórias	

Bloco	Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Freq.
Fatores que parecem influenciar o envolvimento dos alunos	Relacionados com a história	Características interativas dos objetos	Interativos	Mais interativos, como o tambor e os pompons	
		Caraterísticas sensoriais dos objetos	Sonoros	Com som	
		Temática da história	Abordar uma temática do dia a dia	A história abordar uma temática do dia a dia	
		Individualização da exploração das páginas	Explorar as páginas individualmente	Cada aluno ter tempo para explorar cada página, individualmente	
	Relacionados com o contexto	Uso da câmara de filmar	Filmagem da hora do conto	A assistente operacional filma a hora do conto	
		Posição da contadora da história	A contadora de história	A contadora de história, encontra –se de joelhos, em frente aos alunos.	

Anexo O – Grelha síntese das análises de conteúdo dos casos A e B

Blocos	Categorias	Subcategorias	Sessões do conto de histórias multissensoriais											
			Caso do contexto A						Caso do contexto B					
			1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a	8 ^a	9 ^a	10 ^a	11 ^a	12 ^a
Estratégias usadas pela contadora de história	No conto da história	Posicionamento em frente à criança/aluno	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
		Apresentação e conto de uma página de cada vez	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
		Individualização do conto perante cada criança / aluno	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
		Verbalização de uma lengalenga no final da história	X	X	X							X	X	
		Inicia o conto pelo aluno que está à sua esquerda							X	X	X	X	X	X
		Posicionamento das páginas												
	Na interação com a criança / aluno	Comentário verbal sobre os objetos explorados	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
		Nomeação verbal dos objetos a explorar	X	X	X	X	X		X					
		Reforço positivo do comportamento				X								
		Comentário verbal face ao comportamento				X		X		X	X	X	X	X
	Na promoção do envolvimento da criança / aluno	Modelação de comportamentos	X	X	X	X	X	X						
		Disponibilização de objetos à criança /aluno	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
		Apoio mão sobre mão na exploração do objeto	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

		Incitação verbal para a execução das tarefas			X	X	X	X	X					X
		Repetição de vocabulário					X							
		Realização das tarefas das páginas						X	X	X	X	X	X	X
		Permissão da exploração dos objetos das páginas						X	X	X	X	X	X	X
		Verbalização dirigida ao aluno para este explorar os objetos						X	X	X				
		Respeito pela opção dos alunos						X	X	X	X	X	X	X
		Repetição do nome dos alunos						X	X	X	X	X	X	
		Solicitação de partilha dos objetos entre alunos						X	X	X	X	X	X	X
		Comentários sobre as características dos objetos						X	X	X	X	X	X	
		Verbalização dirigida ao aluno para este realizar as ações das páginas							X	X	X	X	X	X
Comportamento da criança / aluno	Face aos objetos da história	Movimentação dos olhos face à apresentação do campo de boccia	X	X	X									
		Movimentação dos olhos face à apresentação do saco de equipamento	X	X	X									
		Fiação do olhar face à apresentação do chapéu de chuva	X											
		Movimentação dos olhos, da cabeça, e do membro inferior face à apresentação do cinto de segurança			X									
		Movimentação dos olhos e do membro inferior face à apresentação do cinto de segurança	X	X										
		Movimentação do olhar face à apresentação do cinto de segurança												

	Atitude face ao borrifo de água na mão	X	X											
	Atitude face ao borrifo de água			X										
	Receio face ao borrifo de água na mão										X	X	X	
	Movimentação dos olhos face à apresentação da bola branca	X	X	X										

Blocos	Categorias	Subcategorias	Sessões do conto de histórias multissensoriais												
			Caso do contexto A						Caso do contexto B						
			X ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a	8 ^a	9 ^a	X0 ^a	XX ^a	X2 ^a	
Comportamento da criança / aluno	Face aos objetos da história	Movimentação dos olhos face à apresentação do chapéu de chuva		X	X								X	X	X
		Movimentação dos olhos face a apresentação dos pompons	X												
		Movimentação dos olhos, da cabeça, e da boca face a apresentação dos pompons			X										
		Movimentação dos olhos e da boca face a apresentação dos pompons		X											
		Movimentação dos lábios e da cabeça face a apresentação dos pompons											X	X	X
		Movimentação dos olhos face à apresentação da bola vermelha	X	X	X										
		Movimento da cabeça e do membro inferior face a apresentação do tambor	X	X											
		Movimento da cabeça e dos olhos face à apresentação do tambor			X										
		Movimento dos lábios face à apresentação do tambor											X	X	
		Manifestação de entusiasmo face ao tambor											X		
		Movimentação dos olhos face à	X	X	X										

Comportamento da criança / aluno	Face aos objetos da história	face à apresentação da campanha													
		Movimentação dos lábios e dos membros superiores face a diversos objetos							X	X	X	X	X		
		Manifestação de reduzido interesse pelas páginas menos interativas							X			X	X	X	
		Exploração de todos os objetos							X						X
		Participação na realização das tarefas sorrindo							X						
		Rejeição de contato com alguns objetos							X		X				
		Rejeição de execução das tarefas								X	X	X	X	X	X
		Rejeição do contato de alguns objetos							X						
		Realização de associações entre objetos							X						
		Reconhecimento visual dos objetos e respetiva nomeação							X					X	
		Movimento das mãos nas pernas e lábios quando executa uma tarefa							X						X
		Execução das ações pretendidas							X		X		X	X	
		Movimentação das mãos face ao toque da campanha							X						
		Movimentação dos lábios face ao cheiro do chocolate								X	X				
		Focalização do olhar em alguns objetos								X					
		Dificuldade em esperar pela sua vez								X					
		Manifestação de sentimento de felicidade perante a página do chocolate								X					
		Reconhecimento da história perante a apresentação da primeira página										X			
Associação de alguns objetos a locais										X					

Comportamento da criança / aluno	Face aos objetos da história	Associação entre objetos apresentados e a sua experiência									X	X		
		Ausência de participação por parte de alguns alunos										X	X	X
		Manipulação de objetos com as mãos, agarra a taça e levanta –a no ar											X	X
		Manipulação de objetos com auxílio do adulto												X
		Fraca participação da aluna B.										X		
		Manifestação de entusiasmo no final										X		
	Face aos adultos: contadora de história	Fiação do olhar			X									
		Olha para a contadora perante a apresentação de objetos	X	X	X									
		Movimentação da cabeça e dos olhos na direção da contadora de histórias					X							
		Movimentação do olhar quando se guarda a página da história						X						
	Face aos adultos: contadora de história e AO	Movimentação da cabeça na direção da contadora de histórias				X								
		Presta atenção no adulto que está a filmar				X								
		Focalização do olhar para a assistente operacional							X	X	X	X		
		Sorriso e foco da atenção visual na contadora							X			X	X	X
		Focalização do olhar na contadora								X				
		Interação verbal								X	X			
		Recusa na realização da tarefa solicitada pela AO												X

Comportamento da criança / aluno	Face aos pares	Movimentação dos lábios e da cabeça ao aluno que está ao seu lado							X	X		X	X	X
		Interação verbal com a colega									X			
		Movimentação dos olhos face a aluna que está ao seu lado									X			
		Manipulação de objetos perante os colegas												X
		Disponibilização das páginas												X
Fatores que parecem influenciar o envolvimento da criança / aluno	Relacionados com o contexto	Uso da câmara de filmar	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
		Posicionamento da contadora de história	X	X	X				X	X	X	X	X	X
		Comportamento do grupo de crianças com DT	X	X	X		X							
		Comportamento do grupo de crianças com DT no exterior						X						
		Momento do dia			X									
	Relacionados com a criança	Manifestação de espasmos		X	X									
		Apresentação de problema de saúde física		X										

Blocos	Categorias	Subcategorias	Sessões do conto de histórias multissensoriais											
			Caso do contexto A					Caso do contexto B						
			X ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a	8 ^a	9 ^a	X0 ^a	XX ^a	X2 ^a
Fatores que parecem influenciar o envolvimento da criança / aluno	Relacionados com a história	Caraterísticas dos objetos	X				X							
		Apresentação individual das páginas da história	X		X	X	X	X						
		Caraterísticas sensoriais dos objetos		X	X	X		X	X	X	X	X	X	X
		Páginas da história		X										
		Caraterísticas interativas dos objetos							X	X	X	X	X	X
		Temática da história							X	X	X	X	X	X
		Individualidade da exploração das páginas							X	X	X	X	X	X

Blocos	Categorias	Subcategorias	Sessões do conto de histórias comuns								
			Caso do contexto A						Caso do contexto B		
			1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a	8 ^a	9 ^a
Estratégias usadas pela contadora da história	No conto da história	Posicionamento em roda com o grupo de crianças	x	x	x	x	x	x			
		Posicionamento em frente aos alunos							x	x	x
		Apresentação e conto de uma página de cada vez	x	x	x	x	x	x	x	x	x
		Utilização de alguns gestos	x	x	x	x	x	x			
		Utilização de onomatopeias		x		x	x	x			
		Conto da história dirigida aos alunos							x	x	x
		Apresentação do livro ao grande grupo									x
	Na interação com as crianças ou alunos	Execução de gestos direcionados à criança com MD	x	x	x	x					
		Apresentação das páginas da história ao grande grupo	x		x	x					
		Apresentação das páginas da história à criança com MD	x	x		x					
		Produção de onomatopeia em frente à criança com MD	x		x	x					
		Repetição dos gestos perante a criança com MD				x					
		Repetição várias vezes o nome dos alunos							x		
		Evocação do nome do aluno para chamar a sua atenção para a							x		

		J.											
		Oportunidade para os alunos identificarem os símbolos pictográficos										x	
		Contagem dos animais com os dedos										x	
		Repetição do nome dos animais da história										x	
		Imitação do som dos animais										x	
		Contagem dos dedos das duas mãos										x	
Comportamento da criança com MD	Face à contadora de história	Movimentação da cabeça	x	x	x	x	x						
		Movimentação do membro inferior e da cabeça perante o movimento da educadora	x										
		Movimento dos lábios face à referência das personagens		x									
		Movimentação do membro inferior quando ouve “alto lá”		x									
		Movimentação de um membro inferior perante o som “Bumm”			x								
		Foca o olhar na contadora de histórias							x				
		Movimentação do membro inferior face ao gesto do elefante								x			
		Postura apática									x		
	Face aos pares	Movimentação do membro inferior perante a carícia de um colega	x		x			x	x				
		Movimentação da cabeça na direção do colega	x										
Movimentação da cabeça perante o som “bummm”			x										

Comportamento da criança com MD		Movimentação da cabeça perante a produção de um som				x						
		Contração do corpo perante o som produzido				x						
		Movimentação do membro inferior perante sons e gestos					x					
		Movimentação dos lábios em direção à aluna B.									x	
		Movimentação na mão do aluno J.P.									x	
		Ajuda na identificação dos símbolos									x	
		Movimentação da mão face a perna da aluna B, fazendo festas									x	
		Movimentação dos lábios face à colega B.								x		
Comportamento da criança com MD	Face à história	Movimentação dos lábios face à história								x		
		Conto de parte da história por parte da aluna B.								x		
		Ausência de participação do aluno J.								x		
		Atenção à história por parte da aluna B.									x	
		Produção de vocalizações e movimentos corporais por parte de J.									x	
		Agitação motora e deslocação física em direção à porta									x	
		Produção de vocalizações que assustam o colega JP									x	
		Movimentação dos lábios face à história										x
		Movimentação das mãos										x

		Participação do aluno J., com respostas										x
		Atenção do aluno J.										x
	Face aos adultos	Movimentação dos olhos e dos lábios face à assistente operacional							x			
		Movimentação do livro em conjunto com a contadora							x			
		Mudança de posicionamento, para ficar ao lado da autora do estudo.							x			
		Movimentação dos lábios face ao abraço da contadora									x	
		Auxílio no conto da história									x	
		Observação da contadora									x	
		Resposta às questões colocadas									x	x
		Movimentação da cabeça e da mão face à assistente operacional									x	
		Movimentação dos olhos face à contadora										x
		Movimentação em direção à assistente operacional										x
		Emissão de sons\ vocalizações										x
		Movimentação dos olhos face à contadora							x	x		
Fatores que parecem influenciar o envolvimento da criança	Relacionados com a história	Conhecimento da história	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
		Conhecimento dos gestos e sons habitualmente usados	x		x	x	x	x				
		Conhecimento dos gestos e das diferentes entoações de voz		x								
		Caraterística interativa da história								x	x	
		Caraterística pictográfica da história										
	Relacionados com o	Posicionamento da criança perante	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

	contexto	o grupo									
		Uso da câmara de filmar	x	x	x	x	x	x	x	x	x
		Reconhecimento da contadora da história	x	x	x	x	x	x			x
		Posicionamento da contadora de história perante a criança ou aluno com MD		x					x	x	
		Posicionamento do grupo de crianças					x				
		Recurso a sons e gestos para contar a história									x

Anexo P – Escala de envolvimento

Engagement chart and scale

Student name:

Age:

Lesson / activity:

Target:

Date:

Time:

Date for review:

Completed by:

Overview of relevant issues
e.g. Environment / learner mood / noteworthy factors or differences

What 'next action' are you using from the last scale you completed?
e.g. Introduce a computer-based initial activity to reduce demands on student when s/he first arrives at lesson; explain individually to student before lesson what s/he will be doing.

ENGAGEMENT SCALE

Mark TOTAL engagement score from sheet overleaf:

No Focus		Emerging / fleeting								Partly sustained								Mostly sustained								Fully sustained		
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Engagement Indicators	Score (0–4)	What happened? What happened / what didn't happen and why?	Next actions What will I do next time and why? How will I make the activity more appealing (see Inquiry Framework)?
Awareness			
Curiosity			
Investigation			
Discovery			
Anticipation			
Initiation			
Persistence			
Total score		NB NOW CIRCLE TOTAL SCORE ON SCALE (previous page)	

Key for scoring	0	1	2	3	4
	No focus	Low and minimal levels – emerging / fleeting	Partly sustained	Mostly sustained	Fully sustained

Anexo Q – Escala de envolvimento utilizada para analisar o envolvimento dos participantes

Perfil de envolvimento – histórias comuns – contexto A

Nome do aluno \ criança: R. Atividade: hora do conto	Sessão nº 1	Data: 12 de Abril de 2018 Duração: 5'25"
Descrição do contexto		
A criança R. está sentada num puf, em roda com o restante grupo de crianças. A educadora de infância conta a história ao grupo. Inicia referindo a capa, a contracapa e a lombada do livro. Refere ainda os autores e ilustradores. A auxiliar de ação educativa ainda não se encontrava na sala. A autora do estudo filma a hora do conto e encontra-se fora do círculo.		

Não foco sustentado			Emergente			Parcialmente			Na maioria das vezes			Totalmente																
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	2	Está atento à contadora quando se dirige a ele.
Curiosidade	2	Segue com o olhar a contadora quando esta faz "Bummm"
Investigação \ exploração	0	Não tenta descobrir, não mostra interesse
Descoberta	0	Não manifesta interesse por descobrir
Antecipação	0	Não antecipa nenhuma tarefa ou ação
Iniciação	0	Não se observam comportamentos de iniciação
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	4	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: R. Atividade: hora do conto	Sessão nº 3	Data:20 de Abril de 2018 Duração: 5'23"
Descrição do contexto		
<p>A criança está sentada num puf, com a cabeça virada para a esquerda, em roda com o restante grupo de crianças no tapete. A educadora tem duas crianças entre esta e a criança R.. A auxiliar de ação educativa está ao lado da R.. A educadora inicia a história pedindo a uma criança que explique aos restantes, qual é a capa, a contracapa e a lombada do livro. Depois inicia a história pedindo a todos que estejam em silêncio, refere também o título da história.</p> <p>A autora do estudo, filma o conto da história, encontra-se de pernas cruzadas fora do círculo</p>		

Não foco sustentado			Emergente			Parcialmente			Na maioria das vezes			Totalmente																
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	2	Quando a contadora de história se dirige a ele e faz "Bumm"
Curiosidade	1	Volta a virar a cabeça para a esquerda
Investigação \ exploração	0	Não tenta descobrir, não mostra interesse
Descoberta	0	Não manifesta interesse por descobrir
Antecipação	0	Não antecipa nenhuma tarefa ou ação
Iniciação	0	Sem iniciação
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	3	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: R.	Sessão nº 4	Data: 21 de Maio de 2018
Atividade: hora do conto		Duração: 5'46"
Descrição do contexto		
A história é contada pela educadora de infância, que encontra no lado esquerdo do R. sentada numa cadeira. O grupo de crianças está sentado em cadeiras e o R. está na sua cadeira. A contadora começa por referir a capa, a contracapa, a lombada e o autor e lustrados do livro. Mostra a capa do livro ao R. e depois levanta o livro e num movimento circular apresenta o livro ao grupo. De seguida dá início ao conto da história. A autora do estudo filma a história e encontra-se sentada numa cadeira fora do círculo, perto do R.		

Não foco sustentado			Emergente			Parcialmente			Na maioria das vezes			Totalmente																
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	2	A criança esteve virada com a cabeça na direção da contadora, algumas vezes.
Curiosidade	2	Faz vários movimentos com a cabeça, em direção a contadora e às outras crianças
Investigação \ exploração	0	Não tenta descobrir, não mostra interesse
Descoberta	0	Não manifesta interesse por descobrir
Antecipação	0	Não antecipa nenhuma tarefa ou ação
Iniciação	0	Sem iniciação
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	4	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: R. Atividade: hora do conto	Sessão nº 6	Data: 23 de Maio de 2018 Duração: 5'
Descrição do contexto		
A história é contada na sala de jardim de infância. A criança R está sentada num puf, em roda com o restante grupo de crianças, ao lado da educadora. A educadora conta a história. Inicia o conto questionando o grupo de crianças: o que é? Apontando para a capa, faz o mesmo para a contracapa, a lombada, o grupo de crianças responde. Inicia o conto mostrando a capa primeiro ao R. e depois levanta para o restante grupo. A auxiliar encontra-se na mesa. A autora do estudo filma, e está ao lado da roda.		

Não foco sustentado			Emergente			Parcialmente			Na maioria das vezes			Totalmente																
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	2	Foca o olhar na contadora, ao longo do conto da história
Curiosidade	1	Faz movimento com a cabeça, quando um gesto é executado pela contadora
Investigação \ exploração	0	Não tenta descobrir, não mostra interesse
Descoberta	0	Não manifesta interesse por descobrir
Antecipação	0	Não antecipa nenhuma tarefa ou ação
Iniciação	0	Sem iniciação
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	3	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Síntese

Não foco sustentado			Emergente							Parcialmente							Na maioria das vezes							Totalmente				
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Não foco sustentado			Emergente							Parcialmente							Na maioria das vezes							Totalmente				
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Não foco sustentado			Emergente							Parcialmente							Na maioria das vezes							Totalmente				
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Não foco sustentado			Emergente							Parcialmente							Na maioria das vezes							Totalmente				
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Perfil de envolvimento – HMS – contexto A

Nome do aluno \ criança: R.	Data: 12 de Abril de 2018
Atividade: Hora do conto - HMS“A final de torneio de boccia”	Sessão nº 1 Duração: 7’19”
Descrição do contexto	
A criança R. está sentada na sua cadeira na sala de pré-escolar, as restantes crianças estão sentadas de pernas cruzadas em semicírculo. A contadora de história encontra-se sentada numa cadeira, em frente à criança. A educadora está sentada atrás do R.. a auxiliar de ação educativa filma a hora do conto.	

Não foco sustentado			Emergente				Parcialmente					Na maioria das vezes					Totalmente											
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	1	Segue o som com a cabeça, quando ouve o som do tambor
Curiosidade	1	Observa o chapéu de chuva quando está aberto
Investigação \ exploração	0	Não tenta descobrir, não mostra interesse
Descoberta	0	Não manifesta interesse por descobrir
Antecipação	0	Não antecipa nenhuma tarefa ou ação
Iniciação	0	Não se observam comportamentos de iniciação
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	2	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: R	Data: 20 de Abril de 2018
Atividade: Hora do conto - HMS“A final de torneio de boccia”	Sessão nº 3 Duração: 7’32”
Descrição do contexto	
A criança R. está sentada na sua cadeira. A contadora de história encontra-se sentada em frente à criança com MD. O restante grupo de crianças está de pernas cruzadas em círculo. A educadora de infância está sentada com pernas cruzadas na roda com as crianças e a auxiliar filma a hora do conto.	

Não foco sustentado			Emergente			Parcialmente			Na maioria das vezes			Totalmente																
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	2	Fixa o olhar para a contadora de história enquanto esta conta a história, e quando bate palmas
Curiosidade	2	Olha para o chapéu de chuva quando este está a rodar por cima da cabeça, segue, e olha durante alguns segundos
Investigação \ exploração	0	Não tenta descobrir, não mostra interesse
Descoberta	0	Não manifesta interesse por descobrir
Antecipação	0	Não antecipa nenhuma tarefa ou ação
Iniciação	0	Não se observam comportamentos de iniciação
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	4	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: R.	Data: 23 de Abril de 2018
Atividade: Hora do conto - HMS– “A Ana vai às compras”	Sessão nº 4 Duração: 6’32”
Descrição do contexto	
O grupo de crianças e o R. estão em círculo, na sala de educação pré-escolar. A criança R. está sentada na sua cadeira, e as restantes crianças estão sentadas de pernas cruzadas. A contadora de história encontra-se sentada em frente ao R. A educadora de infância está sentada de pernas cruzadas, no círculo, no sentido oposto ao (R). A auxiliar de ação educativa filma a hora do conto. Todas as crianças assistem à história, sendo que a contadora apresenta a página sempre ao R.	

Não foco sustentado			Emergente			Parcialmente			Na maioria das vezes			Totalmente																
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	2	Virou a cabeça, mexe os olhos e a perna esquerda na apresentação de alguns objetos
Curiosidade	2	Virou a cabeça para a contadora com a apresentação de alguns objetos
Investigação \ exploração	0	Não tenta descobrir, não mostra interesse
Descoberta	0	Não manifesta interesse por descobrir
Antecipação	0	Não antecipa nenhuma tarefa ou ação
Iniciação	0	Não se observam comportamentos de iniciação
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	4	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: R. Atividade: Hora do conto - HMS– “A Ana vai às compras”	Data: 27 de Abril de 2018 Sessão nº 6 Duração: 6'40”
Descrição do contexto	
A criança R. está sentada, na cadeira, a contadora de história encontra-se sentada em frente à criança, numa sala de pré-escolar, no piso 0, com janelas e porta para o espaço exterior, estagiária filma a hora do conto.	

Não foco sustentado			Emergente			Parcialmente			Na maioria das vezes			Totalmente																
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	1	Foca o olhar na capa da história,
Curiosidade	2	Quando ouve alguns sons vira a cabeça na direção do local onde o som é produzido
Investigação \ exploração	1	Segue com o olhar a contadora quando esta guarda a página da história
Descoberta	0	Não manifesta interesse por descobrir
Antecipação	0	Não antecipa nenhuma tarefa ou ação
Iniciação	0	Não se observam comportamentos de iniciação
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	4	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Síntese

Não foco sustentado			Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente							
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Não foco sustentado			Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente							
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Não foco sustentado			Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente							
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Não foco sustentado			Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente							
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Perfil de envolvimento – histórias comuns – contexto B

Nome do aluno \ criança: J.P.	Data: 7 de Abril de 2018
Atividade: hora do conto	Sessão nº 1 Duração: 7'22"
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional sentada entre a aluna B e o J.P. A outra assistente operacional, está sentada ao lado do J. O J.P. está sentado no puf, e os outros alunos nas cadeiras. A contadora de história, a docente de educação especial, encontra-se sentada em frente aos alunos. A autora do estudo está sentada fora do círculo a filmar.	

Não foco sustentado			Emergente				Parcialmente				Na maioria das vezes				Totalmente													
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	1	Foca o olhar na contadora de histórias nomeadamente quando esta diz o seu nome
Curiosidade	1	Olha e sorri algumas vezes, ao longo da história
Investigação \ exploração	0	Não explora
Descoberta	0	Nenhum interesse por descobrir
Antecipação	0	Não antecipa nenhuma tarefa ou ação
Iniciação	0	Sem iniciação
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	2	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: B.	Data: 7 de Abril de 2018
Atividade: hora do conto	Sessão nº1 Duração: 7'22"
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional sentada entre a aluna B e o J.P. A outra assistente operacional, está sentada ao lado do J. O J.P. está sentado no puf, e os outros alunos nas cadeiras. A contadora de história, a docente de educação especial, encontra-se sentada em frente aos alunos. A autora do estudo está sentada fora do círculo a filmar.	

Não foco sustentado			Emergente			Parcialmente			Na maioria das vezes			Totalmente																
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	1	Ao longo da história está atenta
Curiosidade	2	Realiza as ações pedidas ao longo da história: abana o livro, sopra,...
Investigação \ exploração	2	Explora a história fazendo as ações pretendidas
Descoberta	0	Não tenta descobrir
Antecipação	1	Coloca a mão no ar antes de início da história, para ajudar a contadora
Iniciação	2	Ajuda a virar as páginas da história,
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	6	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: J.	Data: 7 de Abril de 2018
-----------------------------	--------------------------

Atividade: hora do conto	Sessão nº1 Duração: 7'22"
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional sentada entre a aluna B e o J.P. A outra assistente operacional, está sentada ao lado do J. O J.P. está sentado no puf, e os outros alunos nas cadeiras. A contadora de história, a docente de educação especial, encontra-se sentada em frente aos alunos. A autora do estudo está sentada fora do círculo a filmar.	

Não foco sustentado			Emergente				Parcialmente				Na maioria das vezes				Totalmente													
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	0	Não participou na história
Curiosidade	0	Saiu da cadeira
Investigação \ exploração	0	Não explorou
Descoberta	0	Não tentou descobrir
Antecipação	0	O aluno não participou
Iniciação	0	Sentou – se ao lado da investigadora que estava a filmar
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	0	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: J.P.	Data: 17 de Abril de 2018
Atividade: hora do conto	Sessão nº3 Duração: 16'15"
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional sentada entre a aluna B e o J.. A outra assistente operacional, está sentada atrás do aluno J.. O J.P. está sentado no puf, e os outros alunos nas cadeiras. A contadora de história é a docente de educação especial, encontra-se sentada, numa cadeira em frente aos alunos. A autora do estudo filma a história.	

Não foco sustentado					Emergente					Parcialmente					Na maioria das vezes					Totalmente								
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	2	No início foca o olhar enquanto a contadora conta a história, e sorri algumas vezes
Curiosidade	2	Expressa curiosidade quando ouve o som de um animal
Investigação \ exploração	0	Nenhum interesse em explorar a história
Descoberta	0	Não tenta descobrir
Antecipação	0	Não antecipa nenhuma tarefa ou ação
Iniciação	0	Sem iniciação
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	4	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: B.	Data: 17 de Abril de 2018
Atividade: hora do conto	Sessão nº 3 Duração: 17'15"
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional sentada entre a aluna B e o J.. A outra assistente operacional, está sentada atrás do aluno J.. O J.P. está sentado no puf, e os outros alunos nas cadeiras. A contadora de história, é a docente de educação especial, encontra-se sentada, numa cadeira, em frente aos alunos. A autora do estudo filma a história.	

Não foco sustentado					Emergente					Parcialmente					Na maioria das vezes					Totalmente								
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	0	Desatenta: mexe várias vezes no aluno J.P., coloca as mãos na cara
Curiosidade	1	Responde a algumas questões colocadas pela contadora.
Investigação \ exploração	0	Desinteresse em explorar o conteúdo da história
Descoberta	0	Não tenta descobrir
Antecipação	1	Identifica o símbolo do índio
Iniciação	2	Faz o som do índio
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	4	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: J.	Data: 17 de Abril de 2018
Atividade: hora do conto	Sessão nº3 Duração: 17'15"
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional sentada entre a aluna B e o J.. A outra assistente operacional, está sentada atrás do aluno J.. O J.P. está sentado no puf, e os outros alunos nas cadeiras. A contadora de história, é a docente de educação especial, encontra-se sentada, numa cadeira, em frente aos alunos. A autora do estudo filma a história.	

Não foco sustentado			Emergente					Parcialmente					Na maioria das vezes					Totalmente										
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	3	Esteve atento ao longo da história
Curiosidade	2	Responde às questões
Investigação \ exploração	0	Desinteresse na exploração
Descoberta	3	Diz as palavras referente aos símbolos pictográficos,
Antecipação	2	Diz as palavras dos símbolos sem ser a sua vez de responder
Iniciação	0	Sem iniciação
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	10	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Síntese JP

Não foco sustentado			Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente							
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Não foco sustentado			Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente							
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Não foco sustentado			Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente							
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Não foco sustentado			Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente							
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Síntese B

Não foco sustentado			Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente							
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Não foco sustentado			Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente							
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Não foco sustentado			Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente							
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Não foco sustentado			Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente							
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Síntese J

Não foco sustentado			Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente		
---------------------	--	--	-----------	--	--	--	--	--	--------------	--	--	--	--	--	----------------------	--	--	--	--	--	------------	--	--

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Não foco sustentado			Emergente					Parcialmente					Na maioria das vezes					Totalmente										
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Perfil de envolvimento – HMS – contexto B

Nome do aluno \ criança: J.P.	Data: 13 de Março de 2018
Atividade: Hora do conto – HMS – “A Ana vai às compras”	Sessão nº 1 Duração: 13’10”
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional sentada ao lado da B. a outra assistente operacional, filma a sessão da hora do conto. Todos os alunos estão sentados nos puffs. A contadora de história encontra-se de joelhos em frente aos alunos	

Não foco sustentado			Emergente				Parcialmente				Na maioria das vezes				Totalmente													
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	2	Esteve atento, olhando para alguns objetos apresentados
Curiosidade	2	Quando ouve alguns sons, sorri
Investigação \ exploração	2	Com ajuda, explora os objetos e executa tarefas
Descoberta	0	Não evidencia interesse por descobrir
Antecipação	0	Não antecipa nenhuma tarefa ou ação
Iniciação	0	Não se observam comportamentos de iniciação
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	6	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: B.	Data: 13 de Março de 2018
Atividade: Hora do conto - HMS – “A Ana vai às compras”	Sessão nº 1 Duração: 13’10”
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional sentada ao lado da B. a outra assistente operacional, filma a sessão da hora do conto. Todos os alunos estão sentados nos puffs. A contadora de história encontra-se de joelhos em frente aos alunos	

Não foco sustentado			Emergente			Parcialmente			Na maioria das vezes			Totalmente																
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	0	Esteve desatenta
Curiosidade	1	Demonstra pouco interesse
Investigação \ exploração	1	Rejeita o contato físico com alguns objetos
Descoberta	0	Nenhum interesse por descobrir
Antecipação	0	Não executa ações pedidas
Iniciação	1	Tem alguma iniciativa, quando vê a embalagem do chocolate e o cão, quer mexer.
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	3	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: J.	Data: 13 de Março de 2018
Atividade: Hora do conto HMS – “A Ana vai às compras”	Sessão nº 1 Duração: 13’10”
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM, uma assistente operacional sentada ao lado da B. a outra assistente operacional, filma a sessão da hora do conto. Todos os alunos estão sentados nos puffs. A contadora de história encontra-se de joelhos em frente aos alunos	

Não foco sustentado			Emergente			Parcialmente			Na maioria das vezes			Totalmente																
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	3	Está atento executa todas as ações pedidas
Curiosidade	2	Parece curioso por alguns objetos, quando consegue realizar as ações
Investigação \ exploração	2	Consegue executar tarefas sozinho
Descoberta	1	Pouco interesse em descobrir
Antecipação	2	Quando vê os objetos, nomeia-os
Iniciação	0	Não tem iniciativa para realizar as ações
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	10	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: J.P. Atividade: Hora do conto - HMS – “A Ana vai às compras”	Data: 22 de Março de 2018 Sessão nº 3 Duração: 13'55”
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM. Uma assistente operacional, filma a sessão da hora do conto, a outra está a fotografar. O J.P. esta no puf, os outros dois estão nas cadeiras A contadora de história encontra-se de pé em frente aos alunos. A docente está sentada ao lado do aluno J..	

Não foco sustentado			Emergente			Parcialmente			Na maioria das vezes			Totalmente																
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	2	Atento quando lhe são mostrados alguns objetos, olhando para estes, focando o olhar também na contadora de história
Curiosidade	2	Manifesta curiosidade quando houve os sons dos objetos
Investigação \ exploração	1	Com ajuda realiza as ações
Descoberta	1	Pouco interesse em descobrir
Antecipação	0	Não antecipa ações
Iniciação	0	Sem iniciação
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	6	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: B	Data: 22 de Março de 2018
Atividade: Hora do conto - HMS – “A Ana vai às compras”	Sessão nº 3 Duração: 13’55”
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM. Uma assistente operacional, filma a sessão da hora do conto, a outra está a fotografar. O J.P. esta no puf, os outros dois estão nas cadeiras A contadora de história encontra-se de pé em frente aos alunos. A docente está sentada ao lado do aluno J..	

Não foco sustentado			Emergente			Parcialmente			Na maioria das vezes			Totalmente																
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	2	Olhou para alguns objetos, e para a contadora
Curiosidade	1	Olhou para uma das páginas e associou o objeto ao seu do dia a dia
Investigação \ exploração	1	Rejeitou realizar algumas tarefas
Descoberta	1	Pouco interesse
Antecipação	1	Quando vê a capa antecipa o título da história
Iniciação	0	Sem iniciação
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	6	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: J..	Data: 22 de Março de 2018
Atividade: Hora do conto - HMS – “A Ana vai às compras”	Sessão nº 3 Duração: 13’55”
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM. Uma assistente operacional, filma a sessão da hora do conto, a outra está a fotografar. O J.P. esta no puf, os outros dois estão nas cadeiras A contadora de história encontra-se de pé em frente aos alunos. A docente está sentada ao lado do aluno J..	

Não foco sustentado			Emergente			Parcialmente			Na maioria das vezes			Totalmente																
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	1	Interage com os adultos e colegas presentes
Curiosidade	2	Realiza tarefas, mostrando curiosidade sobre estas.
Investigação \ exploração	1	Executa as tarefas pedidas
Descoberta	1	Associa objetos da história, aos seus pessoais
Antecipação	1	Quando lhe é apresentado a primeira página associa o nome ao objeto, nomeando
Iniciação	0	Não apresenta iniciação.
Persistência	2	Por duas vezes que tenta realizar a mesma tarefa
Pontuação total	8	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: J.P.	Data: 10 de Abril de 2018
Atividade: Hora do conto - HMS - "A final de torneio de boccia"	Sessão nº 4 Duração: 10'36"
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM. Uma assistente operacional está em pé atrás dos alunos e a outra assistente operacional, filma a sessão da hora do conto. O J.P. está sentado no puf, os restantes alunos nas cadeiras. A contadora de história encontra-se de joelhos em frente aos alunos.	

Não foco sustentado					Emergente					Parcialmente					Na maioria das vezes					Totalmente								
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	2	Foca o olhar em alguns objetos
Curiosidade	0	Não revela curiosidade
Investigação \ exploração	2	Com ajuda explora os objetos
Descoberta	1	Sorri com o som dos objetos
Antecipação	0	Sem antecipação
Iniciação	0	Sem iniciativa
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	5	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: B.	Data: 10 de Abril de 2018
Atividade: Hora do conto - HMS "A final de torneio de boccia"	Sessão nº 4 Duração: 10'36"
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM. Uma assistente operacional está em pé atrás dos alunos e a outra assistente operacional, filma a sessão da hora do conto. O J.P. está sentado no puf, os restantes alunos nas cadeiras. A contadora de história encontra-se de joelhos em frente aos alunos.	

Não foco sustentado			Emergente			Parcialmente			Na maioria das vezes			Totalmente																
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	1	Ao longo da história vai olhando para as páginas que lhe são mostradas
Curiosidade	2	Quer mexer nos objetos antes de ser a sua vez
Investigação \ exploração	1	Mexe em alguns objetos
Descoberta	1	Não é muito participativa, não executa algumas ações como por exemplo : abrir o chapéu
Antecipação	1	Quando vê um objeto, a camisola do sporting, associa, e nomeia –o
Iniciação	1	Começa a explorar o objeto, sem lhe ser pedido
Persistência	0	Não executa algumas tarefas
Pontuação total	7	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: J.P.	Data: 17 de Abril de 2018
Atividade: Hora do conto - HMS "A final de torneio de boccia"	Sessão nº 6 Duração: 8'18"
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM. Uma assistente operacional está em pé atrás dos alunos e a outra assistente operacional, filma a sessão da hora do conto. O J.P. está sentado no puf, os restantes alunos nas cadeiras. A contadora de história encontra-se de joelhos em frente aos alunos.	

Não foco sustentado			Emergente			Parcialmente			Na maioria das vezes			Totalmente																
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	2	Foca o olhar na contadora e para alguns objetos
Curiosidade	2	Observa as características de alguns objetos
Investigação \ exploração	1	Explora com a ajuda os objetos executando as tarefas pretendidas
Descoberta	1	Manifesta pouco interesse nas páginas menos interativas, as das bolas.
Antecipação	0	Sem antecipação
Iniciação	0	Sem iniciação
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	6	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: B.	Data: 17 de Abril de 2018
Atividade: Hora do conto - HMS“A final de torneio de boccia”	Sessão nº 6 Duração: 8’18”
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM. Uma assistente operacional está em pé atrás dos alunos e a outra assistente operacional, filma a sessão da hora do conto. O J.P. está sentado no puf, os restantes alunos nas cadeiras. A contadora de história encontra-se de joelhos em frente aos alunos.	

Não foco sustentado					Emergente					Parcialmente					Na maioria das vezes					Totalmente								
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	3	Atenta à história, às páginas e aos objetos
Curiosidade	1	Mostra curiosidade em tocar um objeto
Investigação \ exploração	2	Explora alguns objetos
Descoberta	3	Associa objetos, à sua rotina diária
Antecipação	1	Antecipou-se numa ação pretendida
Iniciação	2	Pouco participativa
Persistência	0	Sem persistência
Pontuação total	12	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Nome do aluno \ criança: J.	Data: 17 de Abril de 2018
Atividade: Hora do conto HMS “A final de torneio de boccia”	Sessão nº 6 Duração: 8’18”
Descrição do contexto	
Os alunos estão dispostos em semicírculo na sala da UAM. Uma assistente operacional está em pé atrás dos alunos e a outra assistente operacional, filma a sessão da hora do conto. O J.P. está sentado no puf, os restantes alunos nas cadeiras. A contadora de história encontra-se de joelhos em frente aos alunos.	

Não foco sustentado			Emergente					Parcialmente					Na maioria das vezes					Totalmente										
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	3	Atento, ajuda a contadora no conto da história
Curiosidade	3	Repete as ações aos restantes alunos
Investigação \ exploração	2	Mostra as páginas e os objetos aos alunos
Descoberta	2	Descobre como se o conta uma história
Antecipação	3	Reconhece objetos e nomeia-os
Iniciação	3	Vai dando e guardando as páginas da história à contadora
Persistência	2	Tenta várias vezes, quando não consegue executar as ações pretendidas
Pontuação total	18	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente mantida	Sustentada

Síntese JP

Não foco sustentado						Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente					
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	
Não foco sustentado						Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente					
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	
Não foco sustentado						Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente					
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	
Não foco sustentado						Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente					
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	

Síntese B

Não foco sustentado						Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente					
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	
Não foco sustentado						Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente					
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	
Não foco sustentado						Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente					
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	
Não foco sustentado						Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente					
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	

Síntese J

Não foco sustentado						Emergente						Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente					
---------------------	--	--	--	--	--	-----------	--	--	--	--	--	--------------	--	--	--	--	--	----------------------	--	--	--	--	--	------------	--	--	--	--	--

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Não foco sustentado							Emergente					Parcialmente					Na maioria das vezes					Totalmente						
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Não foco sustentado							Emergente					Parcialmente					Na maioria das vezes					Totalmente						
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Não foco sustentado							Emergente					Parcialmente					Na maioria das vezes					Totalmente						
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

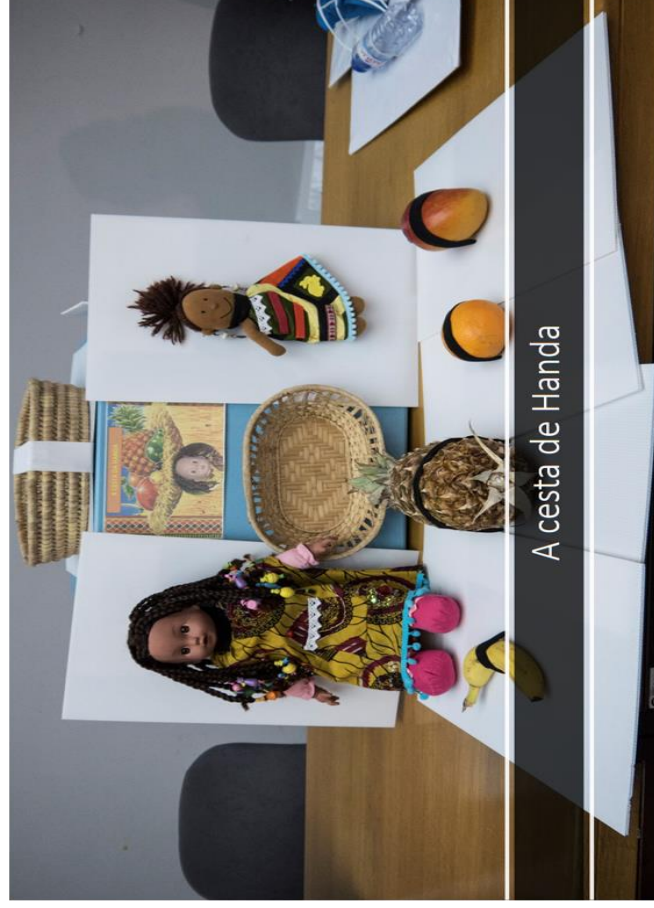
Anexo R – Panfleto sobre HMS para os encarregados de educação

Vantagens do uso destas histórias

- Introduz a criança na cultura do conto de histórias;
- Ajuda a criança a compreender melhor o mundo à sua volta;
- Aumenta as respostas positivas por parte da criança;
- Promove oportunidades de aprendizagem;
- Proporciona a libertação de tensões e de sentimentos de alegria e felicidade;
- Permite vivenciar momentos agradáveis de interação com objetos e pessoas.



Histórias Multissensoriais



História multissensorial A cesta da Handa, construída por Cristina Salvador, Isabel Vale, Nilson Mendes e Sara Ferreira em 2017 (mestrados do curso de mestrado em educação especial da Escola Superior de Educação de Lisboa).

Histórias Multisensoriais: o que são?

São pequenas histórias apoiadas por diferentes estímulos sensoriais, de modo a tornar acessível a história ao ouvinte;

São histórias que apelam aos sentidos, mais do que às palavras:

São histórias que usam uma linguagem e formas de representação adaptadas à idade do ouvinte e às suas capacidades cognitivas e sensoriais..



Principais características destas Histórias

São histórias curtas (cerca de 7 páginas constituídas por cartões A3 com 15/16 frases).

Cada página tem uma ou duas frases e um ou dois estímulos sensoriais.

São histórias construídas por pais ou profissionais que trabalham junto de pessoas com dificuldades.

Anexo S – Lista de livros do caso A: contexto A

Livros disponíveis e a/o alcance das crianças na sala de jardim de infância

Na sala de jardim de infância, a educadora de infância tem um armário, com os seus livros. Quando as crianças solicitam, a educadora permite-lhes a exploração destes livros. Por vezes, a educadora pede às crianças para escolherem o livro que será de leitura na hora do conto. Além disso as crianças em sala têm uma pequena biblioteca onde têm cerca de quinze livros, maioritariamente livros de personagens da Disney: Mickey, Donald, e algumas revistas.

De seguida apresento a lista de livros que estão no armário da educadora de infância, tal como a lista anterior categorizados, segundo o tamanho e a C.D.U.

Título do livro	Tamanho	C.D.U.
“A galinha ruiva”	A2	8
“Os três porquinhos”	A2	8
“Vamos todos viajar”	A2	8
Os crocodilos não lavam os dentes	A2	8
Não quero ir à escola	A2	8
Pato! Coelho! *	A2	8
As ciências	A2	3
Dicionário por imagens do espaço	A2	9
O desporto	A2	7
Era uma vez na quinta	A2	8
“o cuquedo” *	A4	8
“O elefante diferente”	A4	8
“A formiga horripilante”	A4	8
“Quebra – cabeças”	A4	8
“O ganso do charco”*	A4	8
Se tu visses o que eu vi	A4	8
A casinha da Tita carochinha	A4	8
Jaime, e as bolotas	A4	8
Chape, chape, chape	A4	8
Está na hora do bacio	A4	8
Perfeito para os dois	A4	8
O bebé gosta de beijos e abraços	A4	8
Eu cheiro	A4	8
Que barulho é este ratinho?	A4	8
Vamos à caça do urso *	A4	8
Perguntas e respostas	A4	8
Voa, voa Joaninha	A4	8
O bebé gosta de beijos e abraços	A4	8
Sobe e desce *	A4	8
Quente demais para abraços	A4	8
A horta do simão	A4	8

O leão que temos cá dentro	A4	8
O meu pai	A4	8
O som das palavras	A4	8
O livro da arte para crianças	A4	7
Primeiro dicionário	A4	9
Atlas de Portugal	A4	9
Animais dos pólos	A4	9
O cuquedo é um amor que mete medo	A4	8
Os animais	A4	8
O corpo humano	A4	8
Espreita, o atlas	A4	9
O livro das descobertas	A4	9
Os ovos da Páscoa do Bolinha	A5	8
O monstro das festinhas	A5	8
Um livro	A5	8
Os 3 R's	A5	8
O lobo e os sete cabritinhos	A5	8

Segue-se a legenda da classificação decimal universal:

0 – Generalidades

1 – Filosofia

2 – Religião

3 – Ciências sociais, direito, administração

5 – Matemáticas, ciências sociais

6 – Ciências aplicadas, medicina, técnica

7 – Arte, arquitetura, fotografia, jogos, desporto

8 – Linguística, filosofia, literatura

9 – Geografia, história, biografias

* - Livros do plano nacional de leitura

Anexo T – Lista de livros do caso B: contexto B

Livros disponíveis e a/o alcance dos alunos na sala da unidade

Depois do momento do conto da HMS, em conversa com a professora de educação especial da unidade, questionei-a acerca dos livros existentes na unidade, que tipo de livros há, quais é que estão ao alcance dos alunos, se conta histórias e quanta vezes por semana. A docente disse-me que não tem uma rotina diária do conto das histórias, pode contar ou não histórias diariamente. Mostrou-nos os livros existentes na unidade.

Na sala da unidade existe uma estante em metal, sendo que numa das divisões estão alguns livros que os alunos podem consultar. A aluna B., é a que mais gosta de ver livros, especialmente os relacionados com o corpo humano.

Seguidamente apresento a descrição dos livros existentes, o seu tamanho, e classifica-los segundo a C.D.U: (classificação decimal universal).

Livros existentes na estante de metal ao alcance dos alunos

Título do livro	Tamanho	C.D.U.
“Um desafio com números”	A4	5
“Chovia ouro no bosque”	A4	8
“Capuchinho vermelho”	A5	8
“O Elefante Diferente”	A4	8
“Os cavaleiros salvam a donzela”	A4	8
“A bruxa Mimi voa outra vez”	A4	8
Dicionário por imagens vamos aprender	A5	0
Dicionário por imagens do mar	A5	0
Dicionário por imagens da natureza	A5	0
Dicionário por imagens dos recordes dos animais	A5	0
Dicionário por imagens dos animais	A5	0
Dicionário por imagens dos dinossauros e da pré - historia	A5	0
O meu primeiro dicionário por imagens	A5	0
“Eu sou o rato Renato”	A5	8
O circo	A5	8
Enciclopédia do corpo humano	A5	5
A vida dos insetos	A5	5

Livros guardados no armário

Título da história	Tamanho	C.D.U.
“Os três mosqueteiros”	A5	8
“O Tomás já não cabe nos calções”	A5	8
“”Ruca e o Riscas”	A5	8
“Tanto, tanto!”	A5	8
“Leopoldina e o pinheiro mágico de natal”	A5	8
“As horas”	A4	8
“Anita na floresta”	A4	8
“Não faz mal se diferente”	A4	8
“Os três porquinhos”	A4	8
“Gira às rodas descobre os desenhos”	A4	8

“O espantalho enamorado”	A4	8
“As aventuras de Vítor na floresta”	A4	8

Histórias contadas aos alunos e guardadas numa prateleira no armário

Título do livro	Tamanho	C.D.U.
“A lagartinha muito comilona”	A4	8
“Poemas da mentira e da verdade”	A4	8
“O capuchinho vermelho”	A4	8
“Bem-vindo bebé”	A4	8
“O ciclo do ovo”	A5	8
“Não faz mal ser diferente”	A5	8
“O meu pai”	A5	8
“Há um monstro no teu livro”	A5	8
“João e o arco iris”	A5	8
“Ruca e o Riscas”	A5	8
“O sapo apaixonado”	A5	8

Histórias com símbolos SPC contadas aos alunos, e guardadas numa prateleira no armário

Título do livro	Tamanho	C.D.U.
“Direitos das crianças”	A4	3
“A lagartinha muito comilona”	A4	8
“O pássaro da alma”	A4	8
“Meninos de todas as cores”	A4	8

A professora da unidade referiu, que por vezes utiliza histórias em suporte digital, mas não tem qualquer arquivo com este tipo de histórias. No momento da hora do conto, pesquisa e conta a história selecionada.

Relativamente ao número de vezes que a professora conta histórias, não tem dia fixo, não é todos os dias, e não conta sempre a mesma história, vai alternando.